

GABRIELA BARBOZA

**ENTRE DESIGNAR E SIGNIFICAR, O QUE HÁ? EM BUSCA
DE UMA SEMÂNTICA EM BENVENISTE**

**Porto Alegre
2018**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

**ENTRE DESIGNAR E SIGNIFICAR, O QUE HÁ? EM BUSCA
DE UMA SEMÂNTICA EM BENVENISTE**

GABRIELA BARBOZA

**ORIENTADOR: PROF. DR. VALDIR DO NASCIMENTO
FLORES**

Tese de doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Porto Alegre
2018**

CIP - Catalogação na Publicação

BARBOZA, GABRIELA

ENTRE DESIGNAR E SIGNIFICAR, O QUE HÁ? EM BUSCA DE
UMA SEMÂNTICA EM BENVENISTE / GABRIELA BARBOZA. --
2018.

138 f.

Orientador: VALDIR DO NASCIMENTO FLORES.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. BENVENISTE. 2. DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO. 3.
SEMÂNTICA. 4. ESTUDOS DA LINGUAGEM. I. FLORES, VALDIR
DO NASCIMENTO, orient. II. Título.

Gabriela Barboza

ENTRE DESIGNAR E SIGNIFICAR, O QUE HÁ?
EM BUSCA DE UMA SEMÂNTICA EM BENVENISTE

Tese de doutorado em Análises Textuais, Discursivas e Enunciativas, apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 21 de dezembro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)
(orientador)

Prof^a. Dr^a. Carmem Luci da Costa Silva
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Patricia da Silva Valério
UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO (UPF)

Prof^a. Dr^a. Carolina Knack
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE (FURG)

*Por e para todos que, tendo nascido como eu,
não tiveram as mesmas oportunidades.*

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Dr. Valdir Flores, pelos excelentes momentos de trabalho, pela generosidade ao me ensinar aquilo que eu não entendia, por me tirar da escuridão inúmeras vezes, por me ouvir quando nem eu me compreendia, mas principalmente por me acolher e me entender na minha singularidade. Suas valiosas lições me acompanharão por toda a vida. Faltam-me palavras, Valdir, para demonstrar minha gratidão por tudo o que me proporcionaste e me ensinaste. Na tua presença irradiante, sinto-me iluminada por ti e por tuas reflexões geniais. Obrigada por ser luz em meio às trevas!

Às professoras-pesquisadoras que compõem a banca de defesa – Dra. Carmem Luci da Costa Silva, Dra. Carolina Knack e Dra. Patrícia da Silva Valério – por prontamente se disporem a ler o resultado do trabalho de minha pesquisa. Sinto-me privilegiada por ser lida e ouvida por linguistas extremamente competentes, profundas conhecedoras da obra de Benveniste. Sem o aceite de vocês, certamente minhas aprendizagens seriam menos ricas. Foi uma honra compartilhar momentos com vocês, desde o mestrado, em diferentes posições.

À banca de qualificação, Dra. Patrícia da Silva Valério e Dra. Carmem Luci da Costa Silva, por terem aceito compor uma banca *sui generis* e por segurarem minha mão para atravessar um mar de dúvidas. Sem a contribuição de vocês naquela noite, em Passo Fundo, esta tese não teria sido possível.

À pesquisadora Irène Fenoglio, pela disponibilidade em me acolher na *École*, pela generosidade ao marcar encontros quinzenais e dividir parte de seu saber comigo, pela paciência ao ouvir minhas dúvidas, pela gentileza de me mostrar caminhos de pesquisa diversos, mas possíveis. Agradeço, também, por dizer e demonstrar a importância da presença de mulheres nas pesquisas acadêmicas.

Aos professores doutores Cláudio Primo Delanoy, Luiza Milano, Jacqueline Authier-Revuz, Serge Martin e Gérard Dessons, pelas aulas, pelos cursos e pelos seminários dos quais participei. Sem a interlocução de vocês, meu caminho teria sido traçado com menos rigor, menos aprendizagens e menos humildade. Foi uma honra testemunhar a magistral competência no trato da linguagem por parte de vocês.

À UFRGS, obrigada, por ser tão diversa, por acolher a diferença. Sinto-me em casa.

Aos presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, que, através de suas políticas de reestruturação das universidades públicas, tornaram possível que eu, saída de Não-Me-Toque, pudesse ter acesso à educação superior pública, gratuita e de qualidade. Também por ampliarem exponencialmente a criação de institutos federais de educação, ciência e tecnologia pelo Brasil, política pela qual também fui beneficiada ao ser aprovada em concurso para docente da carreira de educação básica, técnica e tecnológica. Obrigada por lembrarem que *los nadie*s existem.

Aos queridos Renata, Uilian, Vítor, Diego, Sara. Através de vocês, pude me reconhecer e me colocar sem medo no universo acadêmico da UFRGS. Sou grata por compartilhar vivências, com uns desde o início, com outros mais ao final, todas elas importantes e necessárias.

Ao Giovane, pelo olhar especializado, pela paciência e pela generosidade na leitura de meu texto e pelas contribuições indispensáveis na construção desta tese.

À Mariáh, *my person*, minha amiga de todos os momentos, para carregar o piano da vida. Ao Thiago, que, mesmo na distância, se faz presente. Ao Guilherme, pela leveza e pela parceria de sempre. Ao Adriano, pelo amadurecimento em conjunto.

Aos amigos de casa, Cris, Tiago e Gabi, por compartilharem, além da casa, da vida e dos afetos, os anseios com o peso do universo acadêmico. Estar entre pessoas que, entre uma lavagem de roupa e uma limpeza de casa, passaram pelos mesmos processos na academia, é reconfortante e me fez perceber que não estou só. A solidão na pós-graduação é assustadora. Que bom ter vocês, meus amigos!

Aos meus familiares, Luiz, Linda, Graci, Léo, Jair, Kaká, Inácio Luiz. Tenho muito amor por minha gente, muito orgulho de minhas raízes, muito a aprender com vocês. Obrigada pela espera!

Ao Inácio Luiz, meu sobrinho. Sua chegada ressignificou minha vida e me fez querer viver mais. Que bom é ver a vida contigo, Inácio!

Ao Rafael, por chegar à minha vida para trazer paz e calma. Obrigada por estar aqui, mesmo quando fui ausência. Te amo.

A todos aqueles e aquelas que, de algum modo, contribuíram para e possibilitaram a construção deste trabalho.

Fue Aureliano quien concibió la fórmula que había de defenderlos durante varios meses de las evasiones de la memoria. La descubrió por casualidad. Insomne experto, por haber sido uno de los primeros, había aprendido a la perfección el arte de la platería. Un día estaba buscando el pequeño yunque que utilizaba para laminar los metales, y no recordó su nombre. Su padre se lo dijo: "tas". Aureliano escribió el nombre en un papel que pegó con goma en la base del yunquecito: tas. Así estuvo seguro de no olvidarlo en el futuro. No se le ocurrió que fuera aquella la primera manifestación del olvido, porque el objeto tenía un nombre difícil de recordar. Pero pocos días después descubrió que tenía dificultades para recordar casi todas las cosas del laboratorio. Entonces las marcó con el nombre respectivo, de modo que le bastaba con leer la inscripción para identificarlas. Cuando su padre le comunicó su alarma por haber olvidado hasta los hechos más impresionantes de su niñez, Aureliano le explicó su método, y José Arcadio Buendía lo puso en práctica en toda la casa y más tarde lo impuso a todo el pueblo.

Con un hisopo entintado marcó cada cosa con su nombre: mesa, silla, reloj, puerta, pared, cama, cacerola. Fue al corral y marcó los animales y las plantas: vaca, chivo, puerco, gallina, yuca, malanga, guineo. Poco a poco, estudiando las infinitas posibilidades del olvido, se dio cuenta de que podía llegar un día en que se reconocieran las cosas por sus inscripciones, pero no se recordara su utilidad. Entonces fue más explícito. El letrero que colgó en la cerviz de la vaca era una muestra ejemplar de la forma en que los habitantes de Macondo estaban dispuestos a luchar contra el olvido: Ésta es la vaca, hay que ordeñarla todas las mañanas para que produzca leche y a la leche hay que hervirla para mezclarla con el café y hacer café con leche. Así continuaron viviendo en una realidad escurridiza, momentáneamente capturada por las

RESUMO

Esta tese tem por temática o par *designação-significação* no bojo da reflexão linguística de Émile Benveniste. O objetivo geral desta investigação é o de verificar e discutir o papel ocupado pela dupla *designação-significação* ao longo da obra benvenistiana, pois entende-se que, a partir disso, é possível acercar-se da visada semântico-antropológica do linguista, que toma como centro de seus estudos a tríade epistemológica homem-linguagem-cultura (FLORES, 2013). Procura-se sustentar a hipótese de que o par conceitual *designação-significação* atravessa toda a reflexão de Benveniste e é crucial na construção de conceitos-chave de sua teorização. Para levar a termo a hipótese e o objetivo geral lançados, o primeiro movimento investigativo deste estudo foi o de revisitar leitores de Benveniste que, de alguma forma, abordam a discussão sobre *designação* e *significação*. Da leitura e do debate entre autores sobre o tema desta tese, surgiu a necessidade de adentrar, de fato, a obra de Benveniste, a fim de verificar por onde nela circula a dupla *designação-significação* e compreender seu uso e funcionamento. Após a leitura e a interpretação das ocorrências de termos com as raízes *design-* e *signific-* nos textos benvenistianos selecionados, foi possível observar certa regularidade na diversidade de comportamentos do par, os quais podem ser ligados a três pontos de vista: 1) estudos de vocabulário; 2) estudos de Enunciação; 3) estudos de Semiologia. A partir da observação de comportamentos diversos, variáveis conforme o texto e o ponto de vista a que pertenciam, elencaram-se possibilidades de interpretações sobre o modo de comparecimento do par conceitual na discussão de Benveniste, bem como sobre sua relevância e as possíveis consequências advindas da ampliação da sua discussão sobre *designação-significação*. Ao se verificar que essa dupla atravessa as diversas abordagens de Benveniste sobre a linguagem, compreende-se sua grande importância para o linguista, além de se observar a necessidade de aprofundamento das relações estabelecidas entre tal par e outros conceitos-chave – como o de *enunciação* e o de *interpretância* – e pontos de vista teóricos sobre fenômenos da linguagem – como a tradução, a aquisição da linguagem, os estudos enunciativos e os estudos semiológicos.

Palavras-chave: *designação*; *significação*; Benveniste; estudos da linguagem.

RÉSUMÉ

Cette thèse a pour sujet le couple *désignation-signification* au sein de la réflexion linguistique d'Émile Benveniste. L'objectif global de cette recherche est de vérifier et de problématiser le rôle joué par le couple *désignation-signification* tout au long de l'œuvre Benvenistienne puisque l'on comprend qu'à partir de ce procédé, il est possible d'envisager une approche sémantique-anthropologique du linguiste qui met au centre de ses études la triade épistémologique homme-langage-culture (FLORES, 2013). On cherche à confirmer l'hypothèse selon laquelle le couple conceptuel *désignation-signification* traverse toute la réflexion de Benveniste étant crucial dans la construction de concepts-clés de ses théories. Pour mener à bon terme l'hypothèse et l'objectif avancés, la première démarche de recherche de cette étude a été de revisiter de lecteurs de Benveniste qui mènent le débat sur la question de la *désignation* et de la *signification*. Le besoin d'aborder effectivement l'œuvre de Benveniste surgit ainsi de la lecture et du dialogue, entre les auteurs, sur le sujet de cette thèse, et son objectif est de vérifier la place que le couple *désignation-signification* occupe dans son œuvre ainsi que de comprendre son fonctionnement et son usage. Après la lecture et l'interprétation des occurrences de termes avec les radicaux *désign-* et *signific-* dans les textes benvenistiens sélectionnés, il a été possible d'observer une certaine régularité dans la diversité des comportements de ce couple, lesquels peuvent être liés à trois points de vue : 1) les études de vocabulaire ; 2) les études de l'énonciation ; 3) les études de Sémiologie. À partir de l'analyse des différents comportements, eux-mêmes variables selon le texte et le point de vue auxquels ils sont associés, de possibilités d'interprétation sur la présence du couple conceptuel de Benveniste ont été mises en évidence, ainsi que la pertinence et les possibles conséquences résultant de l'élargissement de son débat sur la *désignation-signification*. En vérifiant que ce couple traverse les différentes approches proposées par Benveniste sur le langage, on comprend son importance capitale pour le linguiste, et en même temps on remarque le besoin d'approfondir les liens établis entre ce couple conceptuel et d'autres concepts-clés – tels que ceux d'énonciation et d'interprétance – et de points de vue théoriques sur le phénomène du langage – tels que la traduction, l'acquisition du langage, les études énonciatifs et les études sémiologiques.

Mots-clés : *désignation* ; *signification* ; Benveniste ; études du langage.

RESUMEN

Esta tesis tiene por temática el par *designación-significación* en el seno de la reflexión lingüística de Émile Benveniste. El objetivo general de esta investigación es averiguar y discutir la función ejercida por la pareja *designación-significación* a lo largo de la obra benvenistiana, pues se entiende que a partir de eso es posible acercarse a una mirada semántico-antropológica del lingüista, que tiene como eje de sus estudios la tríade epistemológica hombre-lenguaje-cultura (FLORES, 2013). Se busca sostener la hipótesis de que el par conceptual *designación-significación* traspone toda la reflexión de Benveniste y es decisiva para la construcción de conceptos-clave de su teoría. Para lograr la hipótesis y el objetivo general establecidos, el primer movimiento de investigación de este estudio fue repasar lecturas de Benveniste que de alguna manera tratan la discusión sobre *designación* y *significación*. Tras haber leído y haber puesto en debate los autores sobre el tema de la tesis, se manifestó la necesidad de introducirse de hecho en la obra de Benveniste, para averiguar por donde anda el par *designación-significación* y comprender su uso y funcionamiento. Después de la lectura y de la interpretación de las ocurrencias de términos con raíces *design-* y *signific-* en los textos benvenistianos, se pudo observar alguna regularidad en la diversidad de actuación de la pareja, los cuales pueden relacionarse a tres distintos puntos de vista: 1) estudios de vocabulario; 2) estudios de Enunciación; 3) estudios de Semiología. Tras haber verificado comportamientos diversos, variables según el texto y el abordaje a que pertenecían, se enumeraron posibilidades de interpretaciones sobre el modo que comparece el par conceptual *designación-significación*. Con la comprobación de que la pareja traspasa los distintos enfoques de Benveniste sobre el lenguaje, se puede comprender su gran importancia para dicho lingüista, además de verificar la necesidad de profundización de las relaciones entabladas entre el par y otros conceptos-clave – como *enunciación* y *interpretância* – y abordajes teóricos sobre fenómenos del lenguaje – como traducción, adquisición de lenguaje, estudios enunciativos y estudios semiológicos.

Palabras-clave: *designación*; *significación*; Benveniste; estudios del lenguaje.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – OCORRÊNCIA GERAL DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- NAS OBRAS DE BENVENISTE.	49
QUADRO 2 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM PLG I.	55
QUADRO 3 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM VOC I.	63
QUADRO 4 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM VOC II.	64
QUADRO 5 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM PLG II.	75
QUADRO 6 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM ÚLTIMAS AULAS.	84
QUADRO 7 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM LANGUES.....	87
QUADRO 8 – OCORRÊNCIAS DOS TERMOS DESIGN- E SIGNIFIC- EM AUTOUR... ..	93
QUADRO 9 – VALORES ENCONTRADOS NOS CONTEXTOS DISCURSIVOS.....	99
QUADRO 10 – O QUE DIZEM AS OCORRÊNCIAS.	102

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – FAC-SIMILE DO MANUSCRITO LA TRADUCTION, LA LANGUE ET L'INTELLIGENCE.	94
FIGURA 2 – O PAR <i>DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO</i> NOS ESTUDOS BENVENISTIANOS.....	120

LISTA DE ABREVIATURAS E REFERÊNCIAS

Tendo em vista que as obras de Émile Benveniste são largamente citadas, direta ou indiretamente, ao longo deste trabalho, será utilizada a seguinte notação como forma de referência aos textos citados:

PLG I: *Problemas de Linguística Geral I.*

VOC I: *O Vocabulário das Instituições Indo-européias I.*

VOC II: *O Vocabulário das Instituições Indo-européias II.*

PLG II: *Problemas de Linguística Geral II.*

Últimas Aulas: *Últimas Aulas no Collège de France – 1968-1969.*

Languages...: *Langues, Cultures, Religions.*

Autour...: *Autour d'Émile Benveniste : sur l'écriture.*

La traduction...: *La traduction, la langue et l'intelligence.*

Desse modo, as citações diretas contidas nessas obras obedecerão à seguinte formatação:

“Citação” (*Título abreviado da obra* [data da publicação original], data da edição consultada, página do texto).

Exemplo:

“Até aqui estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento” (*Últimas Aulas* [2012], 2014, p. 167, grifo do autor).

No capítulo 2, para auxiliar o leitor na localização dos dados que se quer estudar, estarão destacadas em negrito todas as ocorrências das palavras *designação* e *significação* que figurem nos contextos discursivos selecionados para leitura e interpretação. No contexto do manuscrito *La traduction...*, em que já há destaque das palavras no texto original com sublinhado, será acrescentada, ainda assim, a ênfase do negrito, como demonstra o exemplo a seguir:

Ce qu'on traduit est le rapport du signe à la réalité, c'est-à-dire la valeur de désignation.
Aristote forge le terme *ἔντομα*[*éntoma*] "comportant des coupures", pour **désigner** une classe d'êtres.
Or c'est cette **désignation** qui est 'traduite' par le latin *insecta*. (*La langue...* [2016], p. 38-39, itálicos e sublinhados do original, negritos meus).

Por fim, para tornar a leitura deste texto mais agradável e fluida, foram traduzidas as citações do francês para o português, exceto as citações integrantes dos contextos discursivos cujos textos ainda não estão traduzidos, como as do livro *Langues, cultures, religions* e as da nota *La traduction, la langue et l'intelligence..*

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	16
CAPÍTULO 1	25
O (RE)SURGIMENTO DOS CONCEITOS: PERCURSO DOS ESTUDOS SOBRE/COM O PAR <i>DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO</i> DE BENVENISTE.....	25
1.1 O <i>Vocabulário</i> como lugar de síntese: relações entre designar e significar	31
1.2 Benveniste e a escrita: em torno da designação e da significação	34
1.2.1 <i>Designação e significação na construção de uma civilização laica</i>	35
1.2.2 <i>Designação e significação: a visada de um indianista</i>	36
1.3 Qual semântica? Designação e significação como elementos da semântica de Benveniste.....	39
1.4 Onde e como encontrar designação e significação em Benveniste?	42
CAPÍTULO 2	45
“JUSQU’À LA FIN DE SA VIE”: O PAR <i>DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO</i> NAS OBRAS DE BENVENISTE.....	45
2.1 Designação e significação nas obras e nos textos: os contextos discursivos e suas ocorrências.....	53
2.1.1 <i>Problemas de Linguística Geral I</i>	54
2.1.2 <i>Vocabulário das Instituições Indo-europeias I e II</i>	61
2.1.3 <i>Problemas de Linguística Geral II</i>	74
2.1.4 <i>Últimas Aulas no Collège de France – 1968-1969</i>	82
2.1.5 <i>Langues, cultures, religions</i>	86
2.1.6 <i>La traduction, la langue et l’intelligence</i>	92
2.2 O que dizem as ocorrências: breves apontamentos	97
CAPÍTULO 3	104
JUNTANDO OS PONTOS, AMARRANDO OS NÓS, SEGUINDO VIAGEM: DAS LEITURAS E DAS PROSPECÇÕES POSSÍVEIS SOBRE O PAR <i>DESIGNAÇÃO- SIGNIFICAÇÃO</i> EM BENVENISTE	104
3.1 Modos de funcionamento do par <i>designação-significação</i> na reflexão de Benveniste sobre a linguagem	107
3.1.1 <i>Cenário comparativista: designação-significação e estudos de vocabulário</i>	108
3.1.2 <i>Perspectiva enunciativa: da função e da importância do par designação- significação</i>	110
3.1.3 <i>Visada semiológica: designação-significação na discussão dos sistemas</i>	113

3.2 Qual o estatuto do par <i>designação-significação</i> na reflexão linguística de Benveniste? Juntando os pontos, amarrando os nós.....	117
3.3 Das projeções possíveis para os estudos benvenistianos atuais a partir do (re)encontro com o par <i>designação-significação</i>	122
REFERÊNCIAS.....	136

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*O governo fica falando que tem que preservar a cultura no país, que não sei o quê. Vêi, só que eles esquecem que **eu sou a cultura** e que eu tô vivo, mas tô sendo morto.*

Madrugada

O que cabe à Linguística na compreensão do grande problema do homem?

Claude Hagège

As epígrafes acima permitem antever muito a respeito da construção desta tese, que versa sobre um aspecto ainda não suficientemente desenvolvido da teoria da linguagem de Émile Benveniste, embora inicialmente contemplado por parte de seus exegetas: a relação entre *designação* e *significação*¹. Para esclarecer tais epígrafes e demonstrar sua relação, bem como a relação entre elas e a reflexão que ora apresento, autobiografo parte da trajetória que culminou na construção desta pesquisa de doutoramento.

O ano era 2013, e eu me via às voltas com minha dissertação sobre o lugar da categoria de espaço na teoria de Benveniste. Entre uma leitura e outra, participava de uma disciplina de caráter extremamente experimental, intitulada *Antropologia da Enunciação*, ministrada pelo Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores. Naquelas tardes, travávamos longas discussões e, até mesmo, embates, a respeito da visada antropológica de Benveniste no que diz respeito à linguagem, ao potencial produtivo de todas as suas reflexões, enfim, à magnitude de seu pensamento sobre aquilo que só é próprio do humano: a linguagem. Estávamos todos muito afetados por aquela discussão, que gerou diferentes efeitos em todos os que dela participavam, de modo que era impossível deixar aquele espaço sem sentir-se minimamente desconfortado.

Nesse ínterim, ao navegar pela internet em um dia qualquer, surgiu, em meu *feed* de notícias do *Facebook*, um *teaser* chamado “Malucos de estrada - a reconfiguração do movimento hippie no Brasil”², cujo objetivo era angariar fundos, através de financiamento coletivo, para a produção de um documentário sobre esse grupo do qual não se têm registros escritos para a posteridade. Os idealizadores

¹ A abordagem realizada por leitores de Benveniste a respeito de designação e significação será apresentada oportunamente no capítulo 1.

² Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SWPGU9vH3RY>>. Acesso em: data (no formato: 12 dez 2013).

queriam, com a divulgação do documentário, que o “trampo de maluco”³ fosse reconhecido como patrimônio da cultura popular brasileira, pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (doravante, IPHAN), e que, através de tal reconhecimento, tornassem-se menos ou não marginalizados.

Desse breve vídeo, destaco parte do discurso de Madrugada, artesão que, ao refletir sobre sua condição de trabalhador viajante e a condição dos malucos de estrada no Brasil, traz à tona uma profunda compreensão do que seja cultura e de sua relação com aquilo que é próprio do homem. Ao enunciar “eu sou a cultura”, Madrugada compreende que a cultura é/está o/no homem, do mesmo modo que o homem é/está a/na cultura, ou seja, o artesão demonstra, através de seu enunciado, a relação constitutiva entre homem e cultura.

Embora tantos outros trechos do material audiovisual mereçam relevância, esse foi o que me perturbou mais contundentemente, como estudiosa da linguagem, por comportar uma bela síntese da relação entre homem e cultura, assunto constantemente abordado em nossos encontros semanais, em 2013. Além da citação de Madrugada, trago como essencial, também, a citação de Hagège, em que o linguista questiona-se a respeito de algo fundamental para o estudo da linguagem: que lugar ainda cabe à linguagem na definição de homem? Para Flores (2015, p. 94), essa questão é o que “dá consistência [para a proposição] ao que chamo de antropologia da enunciação.” A reflexão suscitada pela pergunta de Hagège, aliada ao excerto do depoimento de Madrugada, pode gerar diversas reflexões do ponto de vista dos estudos da linguagem. Ora, para aquele que se dispõe a pensar a linguagem desde uma visada que considere o sentido, homem-sociedade-cultura-linguagem sempre estão em relação, apesar de essa relação nem sempre ser visível.

Há, na citação de Hagège, considerações importantes a se fazer. Quando me interrogo sobre o que cabe à linguística (e aos linguistas) na compreensão da grande problemática do homem, tenho como pressuposto que o estudo do homem trata-se, sim, de tarefa da linguística e dos linguistas. Tal observação não deixa de ser intrigante, na medida em que, por algum tempo, aquilo que dizia respeito ao homem havia sido barrado no âmbito da linguística – o sujeito e a significação: “Os trabalhos de linguística não podem continuar a imperturbavelmente levar à via afastada de

³ Conjunto de técnicas artesanais, saberes e fazeres relacionados à cultura de estrada e aos artesãos que viajam e se mantêm vendendo sua arte. Tais artesãos se autointitulam “malucos de BR”, “malucos de estrada”. A caracterização de tal grupo será feita com mais vagar no item *Pressupostos teóricos*.

escritos confidenciais, enquanto a linguagem está no centro da espécie humana”⁴ (HAGÈGE, 1985, p. 10).

Somente a partir dos anos 1960, com Benveniste, é que se dá a formulação de tais questões como pertencentes aos estudos da linguagem. Considerado um *linguista à parte* por Dessons (2006) e a *exceção francesa* por Dosse (2007), Émile Benveniste funda sua linguística em torno da significação e de todas as suas implicações, ou seja, trata-se de uma linguística, no interior do estruturalismo, do homem que fala. Embora a noção de *homem* transborde a noção de *sujeito*, Benveniste nos mostra, ao longo de toda sua obra, que a linguística é capaz de comportar o homem, o que tem desdobramentos bastante contundentes para um certo modo de olhar para os estudos linguísticos do mestre.

Encorajada pelas discussões das aulas e entusiasmada com a beleza da margem (pois são nela colocados) apresentada pelos malucos de estrada, estava decidida, em 2014, ano em que iniciei meu doutorado, a empreender uma andança de pesquisa com a malucada, ancorada no potencial heurístico das reflexões de Benveniste, para compreender o que pode a linguística na definição de homem.

Entretanto, questões externas a esta pesquisa⁵ inviabilizaram seu seguimento com os malucos de BR, de modo que tais fatos obrigaram-me a desviar meu caminho da empreitada linguístico-antropológica que seria desenvolvida neste trabalho. Apesar de compreender a impossibilidade de prosseguimento da pesquisa inicial com os malucos de estrada, a questão fecundada nas aulas da disciplina de *Antropologia da Enunciação*, observada com os malucos e potencializada pela pergunta de Hagège, permanecia incólume em minhas interrogações como linguista: o que cabe à linguística na compreensão do grande problema do homem? Mais: que contribuições Benveniste fornece para a compreensão da definição de homem?

Para aquele que está minimamente inserido nas discussões benvenistianas (com, sobre e a partir de Benveniste), é relativamente fácil concordar que o linguista se interroga a todo momento e se coloca como tarefa discutir e até mesmo redimensionar a importância dos estudos linguísticos em relação àquilo que é próprio do homem. Além de ter, em *Problemas de Linguística Geral I e II*, uma seção intitulada *O homem na língua*, o que por si só já nos indica uma preocupação com essa relação,

⁴Cf.: HAGÈGE, Claude. *L'Homme de Paroles*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985, p. 10.

⁵ Dentre outros percalços, houve uma desarticulação do movimento dos malucos de estrada, em função de algumas disputas internas no que diz respeito à nomeação (se hippies, se malucos...) e aos objetivos do grupo (se gostariam de ações efetivas do governo, se queriam somente ser “deixados em paz”...).

qual seja homem-língua/linguagem, em uma de suas mais célebres publicações, o artigo *Da subjetividade na linguagem* (1958), Benveniste já demonstra a parte que cabe à linguagem na compreensão do homem:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem. (PLGI [1995a], p. 285).

Para além da relação mais evidente entre linguagem e homem visualizada em Benveniste, parece-me que sua preocupação não se circunscreve à seção *O homem na língua*, de PLG I e II. A interrogação sobre linguagem e homem perpassa toda a reflexão do mestre⁶ e apresenta-se de diversas maneiras, não apenas na emergência da teorização sobre a subjetividade na linguagem. Em suas produções sobre religiões, sobre léxico, sobre semiologia, sobre escrita, sobre tradução, para citar apenas algumas, há um elemento que me parece ser aquilo que permite ao linguista uni-las sob uma só égide: a das interrogações sobre o sentido.

Os problemas do sentido, da busca por uma explicação de como a língua significa, estão relacionados, de certa maneira, a outra grande questão, elaborada e discutida não só por todo grande linguista, mas também por toda a tradição científica nas ciências humanas do século XX: a relação entre língua e realidade. A partir dessa interrogação sobre o sentido, é possível pôr Benveniste em diálogo com toda a rede de produção e circulação de conhecimento de sua época.

Fruto, primeiramente, de meu contato inicial com o texto de Malamoud (2016), *L'anthropologie d'Émile Benveniste - remarques d'un indianiste*, e, em parte, das orientações da professora Irène Fenoglio, em meu doutorado-sanduiche, na *École Normale Supérieure*, em Paris, no laboratório ITEM (*Institut des Textes & Manuscrits Modernes*), impôs-se a necessidade de aprofundar meus estudos sobre duas noções a que dedico grande parte de minha pesquisa e das quais decorre esta tese. Surpreendentemente, as noções de *designação* e *significação* passam a figurar como sempre presentes na obra de Benveniste e, segundo alguns de seus leitores, como fontes de constantes preocupações do mestre.

⁶ Não quero, com isso, determinar o que aparece ou não na totalidade da obra de Benveniste. Pretendo, tão somente, com a palavra “toda”, contornar a totalidade de obras por mim lidas, quais sejam: PLG I e II; VOC I e II; *Últimas Aulas; Langues...; La traduction...*

Diante desse cenário, irrompeu minha questão norteadora: se é verdade que a reflexão de Benveniste se dá sempre, de alguma maneira, sob o viés do sentido, sobre como significam as línguas, se assumimos isso como um fato, que valor a discussão implicada no par *designação-significação* tem para a construção da teoria da linguagem de Benveniste? Ademais, como Benveniste explica sua questão fundamental – a significância – através do par *designação-significação*?

Ao fazer uma breve retomada, sem grandes esforços, é possível localizar momentos, de diferentes textos e em diferentes livros, da reflexão de Benveniste em que aparecem discussões tanto sobre a relação língua-realidade quanto sobre o par *designação-significação*⁷. Vejamos alguns exemplos que ilustram a presença de tais reflexões.

Em *Natureza do signo linguístico* (1939), ao colocar em perspectiva o caráter arbitrário do signo linguístico, tal qual proposto por Saussure, Benveniste traz à luz, em parte, uma reflexão sobre língua e realidade. Há, no raciocínio apresentado por Benveniste, uma reorientação da noção de *arbitrariedade* do signo linguístico, em que entra em discussão, de fato, a arbitrariedade das designações e das significações.

Ora, é somente se se pensa no animal “boi” na sua particularidade concreta e ‘substancial’ que se tem base para julgar arbitrária a relação entre *boi* de um lado, *oks* do outro, com uma mesma realidade. Há, pois, contradição entre a maneira como Saussure define o signo linguístico e a natureza fundamental que lhe atribui. (PLG [1966], 1995a, p. 54-55, grifos do autor).

Já em *Comunicação animal e linguagem humana* (1952), ao debater a respeito da comunicação das abelhas e ao cotejá-la e diferenciá-la da linguagem humana, Benveniste comenta acerca da relação língua-realidade – a seu modo, certamente: “Ora, na linguagem humana, o símbolo em geral não configura os dados das experiências, no sentido de que não há relação necessária entre a referência objetiva e a forma linguística” (PLG [1966], 1995a, p. 66). Há, nesse texto de 1952, questões de certo modo semelhantes às abordadas em *Natureza do signo linguístico*, mas, por sua vez, diferentes, uma vez que se trata de uma visada sobre a relação língua-realidade do ponto de vista daquilo que nos diferenciaria dos animais, ou seja, aliada à discussão a propósito da relação natureza-cultura.

⁷ Neste momento da tese, meu objetivo é apenas o de sinalizar a presença da discussão sobre o par *designação-significação* em alguns textos de Benveniste. Não busco, portanto, desenvolver nenhuma análise mais criteriosa a respeito do valor de sua existência ou qualquer outro julgamento antecipadamente. Adiante, no capítulo 2, essa temática será abordada mais adequadamente.

No texto escrito a respeito da filosofia analítica e da linguagem, em que critica Austin por haver deixado de lado a noção de *performativo* em sua teoria, Benveniste propõe que se observe a realidade do discurso, e não a realidade externa à língua, a fim de que os critérios de consideração de performatividade dos verbos sejam, de fato, linguísticos:

O enunciado performativo, sendo um ato, tem a propriedade de ser único. [...] Isso leva a reconhecer no performativo uma propriedade, a de ser sui-referencial, de referir a uma realidade que ele próprio constitui, pelo fato de ser efetivamente enunciado em condições que o tornam ato. (PLG I [1966], 1995a, p. 304).

Em VOC I e II, há não só a distinção entre *designação* e *significação*, como também a convocação dessas noções para uma compreensão mais pormenorizada dos processos lexicais descritos e estudados na obra. Segundo Benveniste, “Cumprir distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da significação e o da designação” (VOC I [1969], 1995b, p. 51). E acrescenta o autor: “No plano próprio da nomenclatura, cumprir distinguir duas séries de designações e significações: uma classificatória, outra descritiva” (VOC I [1969], 1995b, p. 270).

Seria possível, ainda, destacar outros textos em que figuram discussões linguísticas que consideram o par *designação-significação*, como *Langues, cultures, religions* (Lambert-Lucas, 2015), *La traduction, la langue et l'intelligence* (Seuil, 2016) e *Últimas Aulas no Collège de France* (UNESP, 2014). Há, nessas obras, um recurso constante ao par *designação-significação* para explicar contextos, refutar exteriores linguísticos etc., além de necessárias discussões sobre a relação língua-realidade. Contento-me, neste momento, com os exemplos brevemente apresentados acima, uma vez que os demais textos serão retomados e aprofundados posteriormente nesta tese. Diante desses poucos exemplos, já é possível visualizar a importância do tema para a construção da reflexão linguística desenvolvida por Benveniste. Embora apareça com frequência nos textos do linguista e seja considerado por alguns de seus intérpretes como de grande importância para a compreensão do pensamento do mestre, o par *designação-significação* ainda não recebeu o devido tratamento diante das discussões já desenvolvidas sobre a teoria da linguagem benvenistiana. Há, parece-me, aspectos lacunares em relação a esse par conceitual que precisam ser mais bem abordados, esmiuçados, explicados, observados, para que se possa, de fato, assegurar a ele o seu devido lugar na teoria.

Para dar conta da complexidade da temática que ora se apresenta, tenho como objetivo geral, nesta pesquisa, verificar o papel ocupado pelo par *designação-significação* ao longo da reflexão semântica de Benveniste. A partir do par *designação-significação*, talvez seja possível vislumbrar um modo de como opera a semântica de Benveniste.

Os objetivos específicos, por sua vez, são:

- acompanhar o desenvolvimento das noções de *designação* e *significação* ao longo das obras PLG I e II, VOC I e II, *Últimas Aulas*, *Langues...* e demais textos benvenistianos inéditos, publicados em outros livros;
- verificar como a relação *designação-significação* se alia a outras noções no escopo da teoria da linguagem de Benveniste.

Com base em leituras prévias, defendo e procuro comprovar a hipótese de que o par conceitual *designação-significação* atravessa toda a reflexão de Benveniste sobre o sentido e é crucial na construção de conceitos-chave, como o de *interpretância* e o de *enunciação*, dentre outros.

Apresentado o contexto de surgimento desta pesquisa, bem como lançados os seus objetivos, a sua questão norteadora e a sua hipótese, passo a apresentar o percurso de elaboração desta tese.

No primeiro capítulo, intitulado *O (re)surgimento dos conceitos: percurso dos estudos sobre/com designação-significação de Benveniste*, serão evidenciadas as leituras propostas por intérpretes de Benveniste em que consta a presença do par *designação-significação* como parte de seus estudos. Dito de outro modo, o que objetivo, nesse momento da pesquisa, é apresentar o estado da arte das investigações até então realizadas sobre meu foco de interesse nesta tese. Será possível encontrar discussões lançadas por D’Ottavi (2014), Fenoglio (2016), Malamoud (2016), Quignard (2016) e Normand (2009), sobre o papel do par *designação-significação* na teoria da linguagem de Benveniste.

O segundo capítulo, denominado “*Jusqu’à la fin de sa vie*”: *o par designação-significação nas obras de Benveniste*, será o momento dedicado a um exame detido de seus textos, para verificar os contextos e as ocorrências das noções de *designação* e *significação* ao longo dos seguintes textos do linguista: a) *Problemas de Linguística Geral I e II*; b) *Vocabulário das Instituições Indo-europeias I e II*; c) *Langues, Cultures, Religions*; d) *Últimas Aulas no Collège de France – 1968 e 1969*; e) *La traduction, la langue et l’intelligence*.

Algumas obras das que me valho para empreender minha pesquisa são bastante conhecidas e lidas pela comunidade acadêmica na área de linguística, caso dos *Problemas de Linguística Geral*. Célebres no Brasil, principalmente pela seção intitulada *O homem na língua*, os dois volumes da obra têm grande circulação dentre os linguistas, podendo ser chamados de textos mais “palatáveis” ao grande público. Entretanto, sabemos, também, que Benveniste assina outras grandes publicações, que, por sua vez, dizem respeito, sobretudo, ao estudo de léxico das mais diversas línguas, dos mais diversos troncos; trabalhos que atualmente intitulamos de gramática comparada. Livros como *Vocabulário das Instituições Indo-europeias I e II* e *Langues, Cultures, Religions* se alinham à visada predominantemente comparatista das obras do linguista.

A empreitada de leitura dos textos sobre vocabulário transformou-se em uma tarefa inescapável, árdua e, ao mesmo tempo, instigante. Por não ter formação em estudos de linguística comparada, tudo me parecia estranho e difícil. No entanto, por serem incontornáveis para o estudo do desenvolvimento das noções de *designação* e *significação*, foi necessário “arregaçar as mangas” e tentar, de alguma maneira, desvendar o universo de línguas cujos sons eu sequer saberia segmentar para atribuir a eles sentidos. A leitura dessas obras, porém, foi crucial e determinante para o acompanhamento da evolução das noções de *designação* e *significação*, bem como para sua compreensão ao longo das obras.

Exploradas e discutidas as obras de Benveniste, através de seus termos, suas noções e seus contextos, aproxima-se o terceiro momento desta tese, em que procuro sistematizar e responder à minha principal questão norteadora, que dá título a esse momento: *Juntando os pontos, amarrando os nós, seguindo viagem: das leituras e das prospecções possíveis entre/sobre designação-significação em Benveniste*. Nesse capítulo, almejo demonstrar como operam essas duas noções no interior da teoria da linguagem de Benveniste, além de assinalar seu estatuto no escopo da reflexão, bem como a necessidade de sua existência para o desenvolvimento de outros conceitos-chave na teoria benvenistiana.

Propor-se a investigar conceitos e noções pouco abordados na obra de Benveniste é comparável a querer apreciar o canto das sereias, assumindo-se os riscos de ser seduzido e devorado. Entretanto, tal tarefa precisa ser realizada, e a faço responsabilizando-me por todos os problemas que possam decorrer desse desejo de ouvir a beleza do canto e do silêncio das palavras de Benveniste, encarnada na

relação entre a potência da palavra e a potência do humano. É preciso içar velas e apontar para o norte, começar a velejar por mares pouco dantes navegados, traçar novos (talvez nem tanto) caminhos. Com a bússola guiada por Benveniste, inicio minha navegação pelos mares do sentido para encontrar a designação e significação. Que Eólo, deus dos ventos, assim como o fez com Odisseu, conceda-me ventos favoráveis para a trajetória...

CAPÍTULO 1

O (RE)SURGIMENTO DOS CONCEITOS: PERCURSO DOS ESTUDOS SOBRE/COM O PAR *DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO* DE BENVENISTE

Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
Caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.

António Machado

Benveniste é, sem dúvidas, um dos maiores linguistas do século XX. Seus escritos têm fundamental relevância até os dias de hoje e as reverberações de suas reflexões se encontram no campo da linguística, por óbvio, mas também com força em áreas como filosofia, psicanálise, estudos de sociedades e culturas, religiões etc. No campo da linguística, que me interessa mais fortemente, o autor apresenta textos fundamentais nos estudos de línguas iranianas e indo-europeias, mas é, com efeito, nos estudos da Enunciação que se encontra seu maior prestígio, sua maior popularização.

De fato, o mestre produziu escritos de grande contundência para os estudos da Enunciação como campo da linguística, o que faz com que alguns lhe confirmem o título de *pai da Enunciação*, não por ter sido o primeiro a tratar do assunto, mas pela relevância e pelo peso de suas reflexões. Inegáveis são suas contribuições para o que se chama, no Brasil, de Linguística da Enunciação, haja vista o grande volume de publicações científicas que o tomam como base para seus estudos e suas análises enunciativas.

Durante longo tempo, desde a publicação de seus PLG até o ano de 2012, as pesquisas que se assentavam em Benveniste eram, de modo geral, voltadas à Enunciação, seja aos seus fenômenos, seja à própria enunciação como fenômeno, seja às suas relações e contribuições para com outras áreas, seja à construção de novos aparatos teóricos a partir da Enunciação. Entretanto, há, parece-me, com a publicação, em 2012, de *Dernières Leçons au Collège de France – 1968 et 1969*, obra organizada por Jean-Claude Coquet e Irène Fenoglio, uma reconfiguração no campo dos estudos benvenistianos. Explico-me.

Até o lançamento desse livro, que contém manuscritos de suas últimas aulas no *Collège de France*, havia, tanto no Brasil quanto em outros lugares, uma predominância em torno dos estudos benvenistianos ligados à Enunciação. A partir de seus principais textos ligados ao fenômeno, diversos outros estudiosos desenvolveram suas próprias teorias da Enunciação, muitas das quais ainda em desenvolvimento e submetidas a reformulações. Esse movimento de proposição de teorias possibilitou a criação de um novo campo no âmbito dos estudos linguísticos, cujo eixo é, conforme já explicitado, alguns textos de Benveniste contidos em PLG:

Benveniste produziu um pensamento absolutamente singular, cuja complexidade está por ser avaliada, uma vez que só poderia ser contemplada em um estudo epistemológico exaustivo. Assim, ele não pode ter seu pensamento reduzido à temática enunciativa. Sua obra contempla uma infinidade de temas que vão desde os estudos de aspectos da linguística geral, fenômenos diacrônicos, sintáticos, lexicais, culturais, até temas que testemunham uma verdadeira interação com áreas conexas aos estudos da linguagem. (FLORES, 2013, p. 21).

Não há nenhuma dúvida tampouco crítica em relação à relevância fundamental de Benveniste na criação e na manutenção de um novo campo, pois é inegável a indispensável contribuição do mestre para os fundamentos da Linguística da Enunciação. Seus textos, noções, categorias, conceitos, reflexões foram discutidos com primor e à exaustão. Entretanto, com a supervalorização dos textos essenciais para sua Teoria da Enunciação, uma série de outras produções foi deixada de lado. Conforme biobibliografia feita por Moïnfar, Benveniste teve mais de 18 livros e aproximadamente 300 artigos publicados ao longo de sua vida acadêmica, sobre os mais variados aspectos da linguagem⁸. Ora, não é possível que pensemos ser capazes de “dar conta” da obra benvenistiana com algumas dúzias de textos; pensar ser capaz de cercar o pensamento de Benveniste não faz jus ao esplendor de sua obra. Tomemos como exemplo de sua diversidade os PLG, as publicações mais célebres do mestre.

A divisão em seções de PLG se dá segundo uma organização estabelecida pelo próprio Benveniste, de modo que a compilação de textos abrange o que o autor considera relevante como problemas de *linguística geral*, vista aqui como uma das ramificações da linguística. Nos dois tomos, publicados em 1966 (PLG I) e 1974 (PLG II), é possível encontrar artigos que se dedicam às “transformações da linguística” ao longo dos tempos, à semiologia, às relações entre linguagem e psicanálise, a análises de estruturas de diferentes línguas, às “funções sintáticas”, às relações entre língua e sociedade, entre língua e cultura, sendo também possível ter acesso a entrevistas concedidas por Benveniste a grandes jornalistas franceses da época, além, obviamente, dos artigos ligados à Enunciação, cuja maior concentração se encontra nas seções intituladas *O homem na língua* e *A comunicação*. Cabe lembrar que a Teoria da Enunciação nunca foi proposta por Benveniste como tal. Sua teoria é verificada *a posteriori*, e há uma paternidade atribuída e não reivindicada como sendo

⁸ Cf.: MOÏNFAR, M. D. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In: *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*.

um dos fundadores da Linguística da Enunciação (FLORES, 2013). Parece-me que a Enunciação como teoria é uma das formas de encontrar o homem na língua, mas não a única.

Mesmo com essa abrangência de pontos tocados por Benveniste em relação aos estudos da linguagem, sua popularização se deu, de fato, como já afirmei, no campo da Linguística da Enunciação. Com a emergência e a consolidação dos estudos enunciativos, outras possibilidades de reflexões benvenistianas se tornaram mais escassas e/ou subvalorizadas. Frutos de seu tempo, não se viam pesquisas na área que considerassem outros textos como também produtivos para os estudos da linguagem como um todo.

Com a publicação das últimas aulas de Benveniste, ministradas no ano letivo 1968-1969, antes de seu acidente vascular cerebral (AVC) que o afastou de suas atividades regulares, ocorreu uma renovação/abertura/ampliação das possibilidades de estudos aventadas pela sua obra. Vislumbraram-se outros caminhos, novas entradas, aprofundamentos de reflexões, muitas das quais presentes em outros textos seus, afinal esse texto póstumo foi estabelecido a partir de notas preparatórias para as aulas e de notas tomadas por alunos que assistiram aos seminários. Como o lançamento dessa obra é ainda recente, todo seu impacto está por ser avaliado; o que se pode, sim, afirmar, é que ela teve grande reverberação, tanto na Europa como no Brasil:

O livro foi publicado na França, em 2012, e provocou uma verdadeira avalanche de reações. Muitas foram as manifestações que comemoraram a oportunidade de saber mais sobre o que pensava o maior linguista da França.

Entre nós, no Brasil, julgo, não será diferente. (FLORES, 2014, p. 09).

E, de fato, não foi: tendo em vista as possibilidades abertas com a publicação de manuscritos selecionados, criaram-se novas perspectivas de estudos com e a partir de Benveniste, como pesquisas sobre a escrita, sobre a semiologia e suas implicações, dentre outras.

A publicação de um livro das últimas aulas, com tradução para o português brasileiro em 2014, lembrou-nos que, mais do que possível, é necessário ter outros olhares sobre Benveniste, que vão além dos estudos enunciativos. “Ir além” não significa aqui criar novos caminhos, além dos já magistralmente traçados por estudiosos como Normand (1996, 2003), Fiorin (2008), Flores (2005, 2011, 2013,

2015, 2016), Teixeira (2005, 2010, 2011, 2013), dentre outros. Significa dar apenas um ou dois passos em direção a aspectos ainda não explorados, cuja existência só foi lembrada com o lançamento de *Últimas Aulas*. Significa olhar para sua obra buscando questões sobre a linguagem como um todo, e não apenas para seus elementos enunciativos, para o sujeito e para as “categorias” que evidenciam a subjetividade.

O surgimento de *Dernières Leçons* foi tão impactante, tanto no Brasil quanto na França (eixo com o qual estamos trabalhando), que, atualmente, é possível observar que houve um movimento de pesquisadores que se detêm sobre a escrita passaram a considerar Benveniste como de grande importância para seus estudos, além de os investigadores que já se alinhavam a Benveniste dirigirem seus olhares também para esse fenômeno. De modo geral, a nova visada apresentada na obra de 2012 nos deixou mais à vontade para empreender investigações que não estivessem necessariamente ligadas à Enunciação, o que tornou possível que nos colocássemos mais fortemente como estudiosos da linguagem. Ouso dizer que está em curso uma reconfiguração do campo de estudos benvenistianos, em que a Enunciação deixa de ser o centro e passa a integrar uma reflexão maior a respeito da linguagem⁹. Isso significa que há uma alteração nas reflexões *sobre* e *a partir* de Benveniste, mas não nas reflexões *do* linguista; o que se alterou foi nosso modo de olhar perspectivamente para sua obra.

Esse “novo retorno” a Benveniste trouxe à luz questões anteriormente ignoradas ou deixadas à margem por exegetas do mestre, questões até então não demarcadas. Parece-me ter sido isso o que aconteceu com o par *designação-significação*. A notável relevância adquirida por essa dupla se dá, compreendo, a partir de seu (re)aparecimento na aula 14¹⁰, publicada em *Últimas Aulas*, quando Benveniste se detém a considerar a “escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*” (*Últimas Aulas* [2012], 2014, p. 167, grifos do original).

No início de sua 14^a aula, Benveniste informa que vai operar um redirecionamento do olhar que estava lançando para *a escrita*:

⁹ A afirmação de que os estudos de Benveniste preocupam-se com a linguagem como um todo não surgiu, certamente, com o advento da publicação de *Últimas Aulas*: autores como Claudine Normand, Valdir do Nascimento Flores e Gérard Dessons já o afirmavam reiteradamente. Entretanto, com tal publicação, ganhou força esse argumento.

¹⁰ Aula ministrada em 17 de março de 1969.

Até aqui estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*. A operação só existe se denominada. Há, portanto, aqui, um processo linguístico: como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita. Que significam os termos empregados, e não o que designam, o que já sabemos. É uma análise de terminologia que é instrutiva se, e na medida em que, podemos distinguir entre a designação e a significação. (*Últimas Aulas* [2012], 2014, p. 167, grifos do original).

Julgo necessário determo-nos com mais vagar sobre o trecho anteriormente citado, pois ele condensa elementos importantes para este trabalho. Primeiramente, destaco o fato de que Benveniste se dispõe a fazer, na aula 14, uma “análise de terminologia” sobre como diferentes línguas e, conseqüentemente, diferentes culturas nomeiam o ato de escrever, a escrita. É importante salientar que Benveniste não busca uma visada terminológica para a questão da escrita em vão, ou como se fosse a única possibilidade de explicá-la: ele desenvolveu grandes trabalhos na área de léxico; à exceção de *Problemas de Linguística Geral* (tomos I e II) e *Últimas Aulas no Collège de France*, todos os outros livros publicados foram nesta área¹¹. Cabe enfatizar também que as datas das aulas dadas no Collège de France coincidem com a publicação em francês de *Le vocabulaire des institutions indo-européennes*, no ano de 1969, ou seja, tanto as questões de escrita e semiologia, quanto as de estudos comparativos de línguas tomavam Benveniste à época. Vale pontuar, ainda, que Benveniste ministrava concomitantemente seminários de Linguística Geral e de línguas iranianas. É importante ter essas informações em mente para que se possa perceber Benveniste como um linguista de interesses diversos e que se entrecruzam ao longo de suas reflexões¹².

Como segundo elemento a ser destacado do excerto acima, oriento o foco de leitura para o par *designação-significação*, que está também relacionado ao primeiro destaque do trecho, qual seja: a “análise de terminologia”. Sem nos dar qualquer explicação sobre tais termos, Benveniste considera que será esclarecedor, para conceber a escrita como operação, observar os diferentes modos com que as línguas

¹¹ A saber: *Les infinitifs avestiques* (1935); *Études sur la langue ossette* (1959), *Hittite et indo-européen: étude comparative* (1962); *Titres et noms propres en iranien ancien* (1966); *Le vocabulaire des institutions indo-européennes* (1969); *L'origine de la formation des noms indo-européens* (1973); *Les noms d'agents et les noms d'action* (1976).

¹² Há quem enxergue em Benveniste o linguista que *cumpr*e as tarefas do linguista e da linguística previstas por Saussure (cf. SAUSSURE, 1995, p. 13), o que não significa, necessariamente, que seja um saussuriano ortodoxo e dogmático (cf. FLORES, 2016).

representam o ato de escrever, na medida em que seja possível fazer diferença entre *designação* e *significação*. Entretanto, não somos capazes de compreender, com o que nos é fornecido no texto, a que se refere o mestre quando coloca essa dupla no rol de seus termos. Considero que é a partir desse trecho de *Últimas Aulas* que a designação e a significação passam a ser (re)consideradas, por leitores de Benveniste na contemporaneidade, relevantes para a compreensão do pensamento benvenistiano.

Certamente, Benveniste já se valia do par *designação-significação* ao longo de seus estudos, sobretudo em seus trabalhos sobre o léxico, entretanto é somente com a publicação de *Últimas Aulas* que se passa a atribuir o estatuto de termo para esses dois conceitos *conjuntamente*, uma vez que a significação, apesar de ser objeto de constantes reflexões na obra do linguista, não era colocada em relação com a designação.

Diante do (re)surgimento, na fortuna crítica, das relações entre *designação* e *significação* no texto de Benveniste, alguns autores, estudiosos da obra do linguista, tematizaram/tentaram propor, cada qual a seu modo, relações entre o par *designação-significação* e as reflexões benvenistianas. Passo, em seguida, à apresentação e ao comentário a respeito de publicações de leitores de Benveniste que abordaram a questão. Seus pontos de vista a respeito do fenômeno são indispensáveis para estabelecer as bases desta pesquisa, pois nos fornecem pistas de como é possível encontrar o par *designação-significação* na obra de Benveniste. Parafraseando Newton (1642-1727), os anões só conseguem “enxergar mais longe” por estarem apoiados nos ombros dos gigantes.

1.1 O Vocabulário como lugar de síntese: relações entre designar e significar

Giuseppe D'Ottavi, linguista indianista e especialista em sânscrito, publica em 2014 o artigo *Designer et signifier le savoir: pour une nouvelle entrée du Vocabulaire des institutions indo-européennes d'Émile Benveniste*, nos anais do *Congrès Mondial de Linguistique Française*. O texto foi republicado no Brasil, em francês, em 2015, na revista *Fragmentum* 41. Segundo o próprio autor, este estudo – orientado, em Paris, por Irène Fenoglio – faz parte do que ele chama de “uma cartografia analítica do

vocabulário benvenistiano através da realização de uma perspectiva genética textual” (D’OTTAVI, 2014, p. 33).

D’Ottavi (2014) propõe, a partir de sua leitura, que o VOC seja visto como um lugar em que a unidade e a unicidade da abordagem benvenistiana dos fatos de linguagem se encontram organizadas e cumpridas. Dito de outro modo, o autor vislumbra VOC como o lugar de síntese da obra de Benveniste. Isso se dá devido à “aplicação à natureza histórica e sociológica de um método orientado por um princípio *morfológico* construído pelo laço necessário entre marca formal e função, entre forma e sentido” (D’OTTAVI, 2014, p. 34). O sanscritólogo tem especial interesse em sustentar VOC como esse lugar de síntese, pois objetiva, em seu artigo, valer-se dos passos propostos por Benveniste, do seu método de trabalho, para desenvolver uma análise terminológica de uma área ligada a *savoir* como termo, que “não aparece no *Vocabulário*, mas que compartilha a gênese, o meio e o método” com essa obra (D’OTTAVI, 2014, p. 33). Para ele, no estudo de *designação-significação*, deve-se levar em conta menos aquilo que significam os conceitos e mais como operam nas problematizações de vocabulário propostas por Benveniste.

Para demonstrar sua tese de VOC como lugar de síntese, D’Ottavi (2014) sustenta que

A ideia de que a estreita interdependência entre língua e cultura - "uma das principais ideias de Benveniste" (PERROT, 1984, p.23) - pode ser objeto de uma investigação particular sobre a reconstituição dos sistemas de noções e realizada através do campo do *léxico* é o ponto de partida absoluto - ao que parece - do programa de pesquisa conduzido no *Vocabulário*. (D’OTTAVI, 2014, p. 35).

Ao reconhecer a relação indispensável entre língua e cultura, D’Ottavi (2014) atinge o par *designação-significação*. Com isso, apresenta-nos *alguns* excertos de VOC em que Benveniste faz operar as noções no interior de suas reflexões e, aparentemente, as diferencia. É possível, com isso, observar o funcionamento da língua em relação com a sociedade a partir de elementos da cultura, através de estudos do léxico. Trabalho que pode ser visto como revolucionário, pois, por meio dele, Benveniste *demonstra*, mais do que afirma, que a língua é o interpretante da sociedade.

Apesar do grande préstimo empreendido por D’Ottavi (2014) ao tocar e nos relembrar do par *designação-significação* em VOC, o autor se vale, para explicar a

relação entre esses dois termos, de um trecho que me parece relativamente controverso e que carece de reflexão mais detida nessa obra de Benveniste. Trata-se da parte do Prefácio em que Benveniste, após analisar brevemente os termos *hegéomai* e *hegemon*, afirma: “assim elucidamos a *significação*; outros se encarregarão da *designação*. [...] Os historiadores e os sociólogos verão melhor o que podem aproveitar das presentes análises, nas quais não entra nenhum pressuposto extralingüístico” (VOC I [1969], 1995b, p. 10, grifos do autor).

Baseado nisso, D’Ottavi (2014) define os termos *designação* e *significação*:

É a aplicação de tal oposição entre "referente" e *valor* que permite a Benveniste se desviar da busca pela *realia* de qualquer sociedade indo-européia histórica para se dedicar na reconstituição de uma rede de valores e, portanto, de relações entre valores (D’OTTAVI, 2014, p. 36, grifos do autor).

Ao interpretar esse trecho do Prefácio e tomá-lo como verdade para todo o restante de VOC, D’Ottavi (2014) falseia um pensamento que não se mantém ao longo do livro de Benveniste. De fato, Benveniste se afasta daquilo que é extralingüístico, entretanto, ao longo da obra, coloca constantemente em relação as noções de *designação* e *significação*, fazendo diversos usos desses termos, utilizando-os, muitas vezes, inclusive, como sinônimos¹³. Além disso, ao empregar a *designação* como elemento operador de suas análises de vocabulário, Benveniste não o faz em relação ao universo empírico, mas à realidade do discurso, isto é, a realidade por este criada.

Ao lermos a afirmação de Benveniste de que não se interessará pela *designação*, podemos nos encaminhar facilmente à conclusão de que não a encontraremos ao longo de VOC. Todavia, essa seria uma leitura apressada, haja vista o frequente uso do par *designação-significação* nos dois tomos da obra. Ainda que a *designação* não seja o principal foco de Benveniste nesse texto, é possível encontrar o termo e seus derivados recorrentemente (cerca de 539 vezes, conforme consulta), nos dois tomos de VOC. Embora sejam distintos os seus usos, cujo estudo será explicitado no próximo capítulo, não é correto concluir que Benveniste deixa a *designação* de lado, para se situar somente na *significação*, tendo em vista o elevado número de ocorrências do primeiro termo na obra. Caberia, sim, perguntar-se a que se refere Benveniste, quando este afirma que não se ocupará da *designação*, ou

¹³ O emprego dos termos *designação* e *significação* nos textos de Benveniste será abordado no capítulo seguinte.

ainda, à *qual designação* se refere Benveniste ao propor deixá-la de lado. Compreendo que tal discussão é fértil e necessária, no entanto julgo que seja mais pertinente retomá-la em capítulo oportuno, uma vez que, aqui, o que pretendo é esboçar o que se tem visto e como se tem pensado o par *designação-significação*, ou seja, o estado da arte dos referidos conceitos.

Apesar de estabelecer diálogos teóricos com Fenoglio, com diversos pontos de convergência, D'Ottavi parece não ter a mesma perspectiva da autora no que diz respeito à dupla *designação-significação*. O sanscritólogo está mais preocupado com a verificação de um *modo* de operar do par conceitual nas análises de Benveniste, enquanto Fenoglio ocupa-se de estudar *designação-significação* enquanto elementos de fundo na construção de estudos sobre a escrita em Benveniste. Passo, a seguir, à discussão do texto de Fenoglio.

1.2 Benveniste e a escrita: em torno da designação e da significação

Irène Fenoglio, em livro por ela organizado e publicado em 2016, com o título *Autour d'Émile Benveniste: sur l'écriture*, tem como principal objeto a escrita, segundo a ótica de Benveniste – é o que nos permite antever o título e o subtítulo da obra. Esse livro é fruto de um compilado de reflexões acerca da noção de *escrita* em Benveniste, discussões geradas a partir do lançamento de *Dernières Leçons*, em 2012, por Coquet e Fenoglio. Além disso, há, também, a publicação de dois manuscritos inéditos de autoria do próprio Benveniste, a saber: *La traduction, la langue et l'intelligence* e *Singulier et pluriel*.

Devido ao fato de a escrita tratar-se de uma temática recente, pelo menos para os leitores de Benveniste, novas questões surgiram e/ou passaram a ocupar novos lugares no interior dos estudos benvenistianos. Parece-me ser o caso do par *designação-significação* nesse livro. A utilização teórica da dupla surge e é retomada em diversos textos e debates fomentados pelos estudiosos de Benveniste, mas também nos textos inéditos do mestre.

Para que se possa visualizar a relevância adquirida pelo par *designação-significação* nessa obra de 2016, cabe mencionar que, dos cinco textos de comentadores de Benveniste constantes no livro, três deles (Fenoglio, Malamoud e

Quignard¹⁴) tematizam – com maior ou menor ênfase, cada qual à sua maneira – os termos a que me dedico estudar. Não obstante, o próprio Benveniste traz à baila a dupla em um de seus manuscritos também publicados na obra, qual seja: *La traduction, la langue et l'intelligence*. É sobre os textos dos comentadores de Benveniste que nos debruçaremos nas subseções seguintes.

1.2.1 Designação e significação na construção de uma civilização laica

Fenoglio (2016), no capítulo intitulado *L'écriture au fondement d'une civilisation laïque*, discorre a respeito da noção de *escrita* em Derrida e em Benveniste, para deter-se e aprofundar-se nas concepções do segundo autor. Organizadora, juntamente com Coquet, da edição de manuscritos das últimas aulas de Benveniste, bem como do livro *Autour...*, a autora tem grande interesse pelos estudos desenvolvidos por Benveniste sobre a escrita. Inevitavelmente, ao tratar dessa temática e de sua relação com uma “civilização laica”, Fenoglio (2016) toca no par *designação-significação*. Afirmo ela, citando Quignard, que Benveniste se ocupou de explorar tais noções desde sempre e até o fim de sua vida:

Pascal Quignard, inspirado diretamente, para o título de sua contribuição – « Le mot littérature est d'origine encore inconnue » - nesse último comentário de Benveniste, ilustra de maneira magistral o poder desse par conceitual, designar/significar, que Benveniste revelou há muito tempo e continua a explorar até o fim de sua vida. (FENOGLIO, 2016, p. 209).

Profunda conhecedora da obra de Benveniste, Fenoglio (2016) traz à tona uma questão de fundamental relevância para esta pesquisa. Parece-me, no mínimo, curioso ler que Benveniste se dedicou a explorar a relação *designação-significação* “jusqu'à la fin de sa vie” e não ter, entretanto, sequer observado a existência de tal relação em sua obra. Certamente, isso se tornaria compreensível devido ao fato de o foco de estudos do livro organizado por Fenoglio ser a escrita, mas ainda estamos falando do mesmo autor. Parece-me que não víamos a relação entre *designação* e *significação*, porque não nos era pertinente; agora, temos de estudá-la, pois é

¹⁴ Embora se anuncie que Quignard tratará da temática da *designação-significação* em seu texto, a menção, em seu texto, ao par conceitual que me interessa é bastante reduzida irrelevante para o objetivo desta tese. Por isso, seu texto não foi, de fato, utilizado como fonte de pesquisa neste trabalho.

imprescindível para os rumos que os estudos benvenistianos, no Brasil, estão tomando.

Fenoglio (2016) procura, ainda, colocar em relação a dupla *designação-significação* com o par *semiótico/semântico*, de *Semiologia da língua* (1969), e afirma que, embora encontremos duas “vertentes” de Benveniste separadamente – a saber, suas atividades de linguística comparativa e suas atividades de linguística geral –, e nos estudos sobre escrita – e com o cruzamento entre *semiótico/semântico* e *designação-significação* –, que “nos encontramos, com este trabalho sobre a escrita, no entrecruzamento, mais especificamente do ponto de uma pela outra das duas atividades [linguística comparativa e linguística geral]” (FENOGLIO, 2016, p. 209). Para a pesquisadora, só é possível compreender o par *designação-significação* se este for colocado em relação com o par *semiótico/semântico*.

Ainda que não a cite textualmente, Fenoglio parece acompanhar em parte o posicionamento de Normand (2009) no que diz respeito à ligação entre o par *designação-significação* e a dupla *semiótico/semântico*. Se digo em parte, é porque as consequências da associação da dupla *designação-significação* e *semiótico/semântico* são diferentes para cada autora.

Diferentemente de Normand e Fenoglio, Malamoud apresenta uma visada mais ligada à relação entre o antropológico da linguagem através de análises comparativas entre línguas e o par *designação-significação*

1.2.2 *Designação e significação: a visada de um indianista*

Charles Malamoud demonstra, em seu capítulo *L’anthropologie d’Émile Benveniste: remarques d’un indianiste*, a potência da visada antropológica presente em VOC¹⁵. Seu texto está dividido em duas partes, diretamente relacionadas ao título: na primeira, trata do Benveniste indianista; na segunda, discorre sobre a visada antropológica do mestre. Para abordar sua relação com Benveniste, Malamoud (2016) relata um pouco de sua própria trajetória acadêmica.

¹⁵ Malamoud, leitor de Benveniste desde longa data, realiza outros estudos sobre as possibilidades de VOC. O autor considera o *Vocabulário* como pertencente tanto à veia da “linguística geral” quanto à veia da gramática comparada. Cf.: MALAMOUD, Charles. L’oeuvre d’Émile Benveniste : une analyse linguistique des institutions indo-européennes. *Économies, Sociétés, Civilisations*, 26e année, n. 3-4, p. 653-663, 1971.

Por ser um indianista estudioso do sânscrito, Malamoud (2016) procura abordar as contribuições de Benveniste para seus estudos de gramática comparada. Em função da originalidade do linguista no que diz respeito a esses estudos – principalmente com a publicação de *Origines de la formation des noms en indo-européene* e de *Noms d’agent et noms d’action en indo-européen* –, Malamoud demonstrou interesse pelas pesquisas de Benveniste e, assim, passou a acompanhar os seminários de gramática comparada e de linguística geral, ofertados por Benveniste, à época, na *École des Hautes Études* e no *Collège de France*, respectivamente.

Ao nos contar sobre sua relação com Benveniste, seu modo de chegada ao professor Benveniste, Malamoud (2016) apresenta uma visada bastante peculiar e relevante sobre aspectos da obra do mestre e sobre suas contribuições para além da linguística:

Gostaria de aproveitar para lembrá-los de que Benveniste, que agora é lido, admirado, celebrado (e também contestado, relativizado) como um dos principais pensadores do nosso tempo no que diz respeito à linguística geral, tinha uma especialidade: as línguas iranianas.

Ele percorreu o domínio iraniano em todos os sentidos. Ele o percorreu não somente como filólogo e linguista, mas também, e isso é indissociável, como especialista em história das religiões. Ele escreveu textos completamente decisivos sobre as religiões do Irã antigo. (MALAMOUD, 2016, p. 241).

Malamoud (2016) demonstra seu ponto de vista – ao propor que Benveniste seja considerado, além de especialista em línguas e em gramática comparada, um especialista de religiões iranianas –sobre a relação entre linguagem-homem-cultura-sociedade. Com isso, apresenta-nos também, de alguma maneira, o quão alargados e não compartimentados eram os interesses de Benveniste, de modo que pensar línguas para ele é, também, pensar tudo aquilo que as cerca e as constitui, como o homem, a cultura, a sociedade etc.

Ao abordar a segunda parte de seu título, qual seja, “l’anthropologie d’Émile Benveniste”, Malamoud (2016) insiste enfaticamente na expressão “l’homme dans la langue” para sustentar *um* de seus modos de encontrar o olhar antropológico do linguista sírio: uma maneira filosófica de falar de antropologia, destacada não somente por ele, mas também por outros exegetas do semanticista, como Mosés (2001)¹⁶ e

¹⁶ Cf.: MOSÈS, S. Émile Benveniste et la linguistique du dialogue, *Revue de métaphysique et de morale*, n. 32, Paris, PUF, p. 509-525, 2001.

Coquet (1992)¹⁷. O autor compreende, porém, que há outro modo de vislumbrar a antropologia em Benveniste, para além do ponto de vista filosófico. É que nos explica a seguir:

Mas há outra maneira de ver a antropologia de Benveniste; é que, estudando os vocábulos ou as estruturas linguísticas mais complexas, Benveniste é levado a falar do que estes vocábulos designam e do que estas estruturas revelam. Ou seja, há este problema sobre o qual ele mesmo muitas vezes tratou e que é um dos capítulos dos estudos benvenistianos — estudos de Benveniste e estudos sobre Benveniste —, a saber, a relação entre significação e designação. No que diz respeito à designação, há dados, fatos, instituições, jeitos de ser, gestos que caracterizam este ou aquele momento, neste ou naquele domínio da civilização humana. Quando se trata da designação, ou seja, sobre o que designam os termos cuja significação os linguistas se esforçam para esclarecer, estamos, parece-me, na antropologia desde que o *corpus* dos textos considerados fale daquilo que tratam os antropólogos: termos de parentesco, relativos à vida social, à vida econômica, à vida religiosa. (MALAMOUD, 2016, p. 246)¹⁸.

Malamoud (2016), nesse trecho de seu texto, atribui ao estudo da designação e da significação um papel central para a compreensão do ponto de vista antropológico de Benveniste, uma vez que, para o primeiro autor, é a partir do funcionamento desse par conceitual que se pode tocar em questões de sociedade, de cultura, de religião, de relação. O indianista reitera aquilo que Fenoglio (2016) havia dito a respeito do fato de Benveniste se dedicar à dupla *designação-significação*, quando afirma que o sírio havia se dedicado a esse par muitas vezes e que isso se configura como um dos momentos dos estudos benvenistianos. Malamoud (2016) entende a designação como algo que é da ordem do histórico e mais diretamente ligado ao aspecto social, pois os elementos considerados para tratar dela são “fatos, instituições, jeitos de ser, gestos” etc., ou seja, estão mais relacionados ao “concreto”.

Diferentemente de Fenoglio (2016), que coloca a dupla *designação-significação* a serviço das reflexões sobre escrita, Malamoud (2016) entende o par conceitual como elemento constitutivo que lhe permite propor um outro modo de

¹⁷ Cf.: COQUET, Jean Claude. Note sur Benveniste et la phénoménologie, *Linx*, n. 26, p. 4-48, 1992.

¹⁸ É pertinente ressaltar que, embora Malamoud elenque áreas possíveis de estudos antropológicos, nos textos de vocabulário de Benveniste, há, em diversos outros textos, para além dos de vocabulário, a presença de uma reflexão de fundo antropológico. Uma vez que os textos de Benveniste versam sobre algo que é profundamente humano, a linguagem, e a relação do homem com/na/pela língua, não seria exagerado afirmar que há, em toda a discussão linguística do sírio-francês, um pressuposto antropológico.

vislumbrar o antropológico em Benveniste, para além da antropologia filosófica que o indianista também contempla nas teorizações do mestre.

Talvez evidência óbvia para os estudiosos de Benveniste que conhecem e compreendem seus estudos de vocabulários de línguas do tronco indo-europeu, a afirmação de que a questão da designação e da significação faz parte de um dos momentos dos estudos benvenistianos não poderia ser mais surpreendente para mim, que desconhecia o uso de tais noções até a leitura do capítulo de Malamoud (2016).

1.3 Qual semântica? Designação e significação como elementos da semântica de Benveniste

Muito antes de Malamoud (2016), Fenoglio (2016) e D'Ottavi (2014), Mme. Claudine Normand discutia a relação *designação-significação* em seu texto *Émile Benveniste: quelle sémantique?*¹⁹. Em seu artigo, para esclarecer o conceito de referência em Benveniste, a maior leitora de Benveniste do século XX se encarrega de situar a que semântica nos referimos quando dizemos que esta está presente nos estudos benvenistianos: “Partindo dos resultados de meus trabalhos anteriores, gostaria de mostrar mais precisamente como se introduz em Benveniste a questão, central em Semântica, da referência e suas relações com a dita teoria da enunciação” (NORMAND [1996], 2009, p. 153)

Conforme a autora, para pensar a questão da referência, é necessário observar o par *designação-significação*, pois é a partir dessa reflexão que Benveniste passa a considerar, de fato, a referência, entendida, nesse caso, como sinônimo de designação/ostensão: “Veremos que a consideração da referência (designação) não se impõe a ele [Benveniste] senão a partir do momento em que a significação lhe aparece como um verdadeiro problema teórico a ser tratado como tal” (NORMAND [1996], 2009, p. 154). E acrescenta a linguista:

Em primeiro lugar, notamos a distinção que ele destaca entre designação e significação, uma mudança de posição que colocamos em evidência pela comparação de dois textos (1954/1964); desde então, o linguista deveria se ocupar também da designação, que será formulada nas duas linguísticas, do semiótico e do semântico (NORMAND [1996], 2009, p. 154).

¹⁹ Cf.: NORMAND, Claudine. *Émile Benveniste: quelle sémantique?* *Linx*, n. 8, p. 221-240, 1996.

Ao abordar a dupla *designação-significação*, Normand (2009) a coloca, de alguma maneira, em relação com o par *semiótico/semântico*, conceitos que serão elaborados posteriormente na obra de Benveniste e, para a autora, como consequência da relação *designação-significação*. Para desenvolver tal relação, a linguista se vale principalmente de dois textos, presentes em *PLG I*, a saber, *Problemas semânticos da reconstrução* (1954) e *Os níveis da análise linguística* (1964).

Normand (2009) nos mostra, ao longo de sua argumentação, a construção do raciocínio de Benveniste sobre *designação-significação* e *semiótico/semântico*, ponderando que ele, apesar de preconizar a “distinção necessária entre a *significação* e a *designação*” (BENVENISTE [1966], 1995b, p. 332), não fornece grandes esclarecimentos ao leitor quanto ao que se refere quando trata dessa dupla: “Essa afirmação [...] não é muito argumentada, quase não é muito esclarecida pelo conjunto dessas demonstrações nas quais os termos *sentido*, *denotação*, *significação* parecem empregados indiferentemente” (NORMAND [1996], 2009, p. 156.) Para Normand (1996), os esclarecimentos viabilizados por Benveniste sobre o que seja *designação-significação* não são claros tampouco suficientes para que se compreenda o que são e por que é tão importante que diferenciemos os dois termos:

[...] vemos se delinear a dificuldade ligada ao duplo papel da língua: nomear o mundo (*designação* arbitrária em relação à realidade) e dizê-lo no interior de um sistema, em relações pelas quais as formas se motivam reciprocamente (*significação*); o que Benveniste formulará mais tarde pela “dupla significância” e desenvolverá na oposição *semântica/semiótica*. Mas essa oposição é nesse caso apenas um esboço na afirmação da separação necessária da *designação* e da *significação*. (NORMAND [1996], 2009, p. 156, grifos da autora).

Detentora de uma visada a respeito da reflexão linguística de Benveniste sobre a qual quase, senão todos, direta ou indiretamente, são legatários e se apoiam, Normand (2009) situa o célebre par *semiótico/semântico* como tributário da sistematização anterior do linguista sírio-francês sobre o par *designação-significação*; ambos os pares colaboram, para a autora, na construção da noção de *referência* em Benveniste. Esse ponto de vista difere do modo como, por exemplo, D’Ottavi (2014) e Malamoud (2016) – que observam a dupla *designação-significação* através do prisma dos estudos de línguas em comparação – tratam o par *designação-significação*, mas se aproxima do ponto de vista apresentado por Fenoglio (2016), pois ambas têm em

comum o fato de alinharem *designação-significação* a semiótico/semântico, ainda que de diferentes maneiras.

1.4 Onde e como encontrar designação e significação em Benveniste?

Passada a estranheza inicial de ler a afirmação de Fenoglio (2016) de que a dupla *designação-significação* havia tomado a atenção das reflexões de Benveniste por muito tempo, até o fim de sua vida, impôs-se a necessidade de investigar tal fato. Certamente, a constatação de uma estudiosa da monta de Fenoglio não deveria deixar dúvidas, porém era inevitável, para mim, questionar-me não sobre a veracidade da afirmação, mas sobre como eu nunca havia sequer observado tal relação. Ainda que tivesse a compreensão da incompletude do dizer, parecia-me impossível que não tivéssemos nos dado conta de algo que parece, de fato, ter ocupado os pensamentos de Benveniste.

Com efeito, o interesse por essa dupla, por parte dos estudiosos, também é relativamente recente²⁰, haja vista as datas das publicações discutidas neste capítulo. À exceção de Normand, que publicou em 1996 seu texto em que trata também do par *designação-significação*, todos os outros escritos são divulgados após a publicação de *Últimas Aulas*, o que pode ser um indicativo do (re) acendimento das discussões a respeito desses conceitos.

Após ler diversos textos em que o par *designação-significação* era abordado como pertencente ao rol de conceitos de Benveniste, não me restaram dúvidas sobre sua importância para as reflexões do autor sobre a linguagem; há consenso quanto a isso. Dadas as diferentes leituras (cada qual com seus propósitos, certamente) estabelecidas pelos estudiosos de Benveniste sobre o que seja *designação-significação* e sobre qual sua importância para a teoria da linguagem benvenistiana, é possível depreender, pelo menos, três questões, todas elas relacionada entre si e relevantes para esta tese:

²⁰ Esse recente retorno ao par *designação-significação* como objeto de interesse dos benvenistianos pode ter, como uma das causas, a publicação de *Últimas Aulas*, Aula 14, com a afirmação de que é necessário distinguir designação de significação. Isso não significa que não havia antes o conhecimento da existência do par por parte dos exegetas de Benveniste. Falo, aqui, das obras mais contundentes nos estudos da linguagem sobre Benveniste no que diz respeito à circulação dos textos. Autores como Malamoud (1971), Watkins (1984), Montaut (1992), Lamberterie (1997) já apontavam muito antes para o fato da existência do par *designação-significação*, entretanto sem o peso teórico que seu funcionamento adquire hoje

1. Apesar da inegável relevância dos conceitos, não há unanimidade na área quanto ao que nos referimos quando tratamos de designação e significação em Benveniste. Vimos, neste capítulo, que há divergências tanto em relação ao ponto de vista dos autores entre si quanto em relação ao ponto de vista dos autores sobre as noções para Benveniste.
2. A tematização do par *designação-significação* é desenvolvida de modo secundário nas leituras, para demonstrar outro ponto de vista maior sobre a teoria da linguagem de Benveniste, ou seja, o par é utilizado como operador de análises e/ou reflexões que encaminham o argumento dos autores para seus objetivos. Temos, então, nos textos, a designação e a significação sendo utilizadas como: meio para se chegar à construção do campo da palavra *savoir* em VOC (D'OTTAVI, 2014), dispositivo método-epistemológico para construir uma noção de civilização laica ancorada no conceito de escrita (FENOGLIO, 2016), uma das provas da abordagem antropológica da linguagem em Benveniste (MALAMOUD, 2016), reflexão que propicia a proposição do par semiótico/semântico, essenciais para a compreensão da referência em Benveniste (NORMAND, 2009). Contudo, nenhuma das pesquisas encontradas se dedica a explorar, em profundidade, na obra de Benveniste, do que se fala quando nos referimos ao par *designação-significação*.
3. Há, portanto, uma demanda que se faz urgente: percorrer os caminhos de Benveniste para compreender 1) a *designação*; 2) a *significação*; 3) o par *designação-significação*. Os conceitos, de modo geral, não são nem evidentes nem uniformes nas obras de Benveniste, como já se sabe²¹, portanto se faz necessário percorrer os caminhos traçados pelo linguista e os traços por ele deixados para que se possa conhecer/erigir/depreender/compreender meu objeto de estudo.

Diante das inigualáveis leituras sobre designação e significação em Benveniste feitas pelos autores anteriormente apresentados e das questões por elas suscitadas, considero justo e necessário, neste momento, direcionarmos-nos para a empreitada

²¹ Cf.: FLORES, Valdir do Nascimento. Itinerário de leitura da teoria enunciativa de Émile Benveniste. In: FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

que é estudar tais conceitos na obra do linguista. Após a trajetória percorrida neste capítulo, em face da irrefutável presença do par *designação-significação* em Benveniste e também da ausência de estudos que se dediquem a esse par como centro de pesquisa, desfez-se meu questionamento inicial e surgiu outro: em vez de perguntar-me sobre como nunca havia sequer observado tal relação, apresentou-se imperiosamente o questionamento sobre onde e como encontrar designação e significação nas obras de Benveniste. Esse é o tema do capítulo 2, ao qual passaremos sem mais delongas.

CAPÍTULO 2

“JUSQU’À LA FIN DE SA VIE”: O PAR *DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO* NAS OBRAS DE BENVENISTE

A sentença já foi proferida. Saia de casa e cruze o tabuleiro pedregoso. Só lhe pertence o que por você for decifrado.

Ariano Suassuna

Após ter, no capítulo 1 desta pesquisa, apresentado e, em alguma medida, discutido o que têm produzido, até então, os exegetas de Benveniste sobre o par *designação-significação*, passo a me dedicar, neste momento, à leitura da obra do linguista, a fim de apontar por onde caminha e o que implica a discussão sobre designação e significação.

Benveniste apresenta uma produção extremamente abundante – até mesmo para os atuais índices de produtividade acadêmica –: conforme contabilizou Moïnfar (1975)²², ele publicou, até 1975, 18 livros, 291 artigos, 300 resenhas e 34 comunicações na *Société Linguistique de Paris*. Ademais, temos presenciado a publicação de obras póstumas do mestre – originalmente na França, mas com traduções para outras línguas –, contendo parte de seus manuscritos²³. São elas: *Últimas Aulas no Collège de France* (traduzidas para o português brasileiro em 2014); *Baudelaire* (2011); *Langues, Cultures, Religions* (2015); além de dois textos²⁴ inéditos tornados públicos no livro organizado por Fenoglio – *Autour d'Émile Benveniste* – em 2016: *La traduction, la langue et l'intelligence* e *Singulier et pluriel*.

Diante da indiscutível vastidão da obra do linguista sírio-francês e da impossibilidade de pesquisar a totalidade de seus escritos em um trabalho de tese, tornou-se imperativo realizar uma triagem de textos cuja leitura fornecesse caminhos que contivessem pistas dos rastros do par *designação-significação*.

Antes, porém, de apresentar os critérios de seleção do *corpus* de referência, cabe determo-nos sobre este assunto: a escolha de algumas obras de Benveniste para compor o *corpus* desta tese é uma tarefa que exige a resolução prévia de algumas implicações metodológicas, todas relacionadas entre si.

Primeiramente, há duas questões de ordem cronológica que devem ser consideradas:

1) entre a data de produção dos textos e o momento de seu estudo para esta tese, existe um intervalo de mais de 60 anos, o que torna necessário que tal

²² Para acessar o texto completo, ver: MOÏNFAR, M.D. *Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste*. In: *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*. Paris: Société Linguistique de Paris, 1975, p. IX-LIII.

²³ É válido mencionar que os manuscritos de Benveniste, referentes a essas publicações, encontram-se na biblioteca do Collège de France e na *Bibliothèque Nationale Française*, disponíveis para consulta mediante cadastro prévio e autorização.

²⁴ Importante não confundir, nesse caso, “texto” com “artigo científico” nos moldes que atualmente conhecemos, ou com o mesmo estatuto de um texto constante, por exemplo, em *VOC* ou em *PLG*. Embora utilize a palavra texto para denominar os dois manuscritos inéditos de Benveniste, publicados em *Autour d'Émile Benveniste*, é válido salientar que nenhuma das duas publicações se trata de um texto completo, fechado, pronto para publicação. Não. São manuscritos visivelmente inacabados, com todas as implicações próprias a um material dessa ordem, mas que adquirem grande relevância por conter e sintetizar reflexões do linguista a respeito de assuntos caros a seus leitores na atualidade.

investigação seja considerada desde um panorama diacrônico; disso decorre a segunda questão:

2) levando em consideração o período de tempo de produção de Benveniste e sua já conhecida flutuação terminológica, alinho meu ponto de vista ao de Flores (2013, p. 30), que defende que não se pode ler sincronicamente textos que foram escritos em uma diacronia: “[...] não cabe ler os textos de Benveniste como se fossem contemporâneos um do outro. Respeitar a cronologia dos textos é fundamental”. Ao oferecer exemplos das diferenças de sentido entre a noção de *enunciação* entre um texto da década de 1950 e outro da década de 1970, Flores (2013, p. 30) vai além, ao afirmar que “é certo que, em duas décadas, conceitos se alteram e se definem diferentemente. Benveniste operou deslocamentos em seu trabalho. Perseguir tais deslocamentos é delinear a diacronia de um pensamento em formação”. Diante dessa realidade, compreendo que o aspecto temporal deve ser observado, considerado e empregado de maneira cuidadosa para que o trato das obras selecionadas não se resuma a uma leitura simplista, acachapante e incoerente em relação às reflexões de Benveniste.

3) Da reflexão de Flores (2013), decorre também a última implicação metodológica: se é imperativo que se considere cada texto em sua sincronia e que se respeitem os períodos a que determinadas noções pertencem, é legítimo afirmar que acompanhar os caminhos de determinada noção é, de fato, delinear a “diacronia de um pensamento em formação”, uma reflexão sobre a língua, sobre o homem e sua língua. Somado a isso, o conteúdo de algumas obras manuscritas – cuja organização se apresenta em fragmentos, devido ao caráter próprio de um manuscrito – obriga-nos a lê-las na tentativa de descobrir um modo de produzir conhecimento sobre a língua e as línguas, o que nos permite incluir – além da visada cronológica explicitada anteriormente – uma perspectiva epistemológica neste estudo.

Estabelecidas as diretrizes metodológicas iniciais da empreitada de leitura das obras de Benveniste, resta apresentar os critérios de seleção das obras para este estudo. O principal parâmetro considerado para a inclusão deste ou daquele material no *corpus* desta pesquisa foi a presença/ausência da obra de Benveniste nos estudos introdutórios sobre *designação-significação* de seus exegetas. Ora, se há, como acompanhamos no primeiro capítulo, a introdução dessa discussão no campo por estudiosos fortemente inspirados pelos estudos benvenistianos, não há motivo para ignorá-los e traçar caminho totalmente diverso do já trilhado até então.

Além da consideração do que já foi estudado pelos gigantes, outro critério adotado foi o de incluir as obras traduzidas para o português no *corpus*, caso o critério anterior não as tivesse incluído. De fato, os PLG não foram alvos de estudos dos leitores de Benveniste no que diz respeito à relação *designação-significação*, mas, por serem algumas das poucas obras disponíveis em língua portuguesa, optei por incluí-las.

Em consequência dos critérios explicitados para a primeira triagem, foram selecionadas as seguintes obras como objeto de estudo e análise desta tese, dispostas em ordem cronológica²⁵ conforme sua publicação original:

<i>Problemas de Linguística Geral I</i>	1966
<i>Vocabulário das Instituições Indo-europeias I</i>	1969
<i>Vocabulário das Instituições Indo-europeias II</i>	1969
<i>Problemas de Linguística Geral II</i>	1974
<i>Últimas Aulas no Collège de France</i>	2012
<i>Langues, Cultures, Religions</i>	2015
<i>La traduction, la langue et l'intelligence</i> ²⁶	2016

A partir do estabelecimento do *corpus* teórico desta pesquisa, os passos seguintes me conduziram a dois momentos, a dois caminhos, que tiveram movimentos relativamente semelhantes, tanto em um percurso quanto no outro.

O primeiro momento diz respeito à utilização de ferramentas computacionais em um *corpus digitalizado* como meio de tornar a pesquisa mais confiável. Foram escaneadas todas as obras selecionadas e transformadas em texto, através da ferramenta leitor de OCR do programa *PDFElement© 6 Pro*. Trata-se de um programa com direitos pagos e reservados, desenvolvido pela empresa *Wondershare©*. Com esse programa, é possível transformar um arquivo PDF escaneado como imagem em arquivo editável, em que se reconhecem as palavras e onde é possível pesquisá-las.

Após a conversão das obras de Benveniste de arquivos PDF não editáveis para editáveis, vali-me da ferramenta de pesquisa disponível no programa e utilizei um sistema de busca simples. Nesse sistema de busca, foram empreendidas pesquisas de palavras-conceitos-noções-expressões que pudessem apontar caminhos

²⁵ A cronologia, aqui, refere-se à data de publicação das obras, e não dos textos nelas contidos.

²⁶ É válido retomar que *La traduction, la langue et l'intelligence* é um conjunto de notas manuscritas inéditas publicado em 2016, no livro organizado por Fenoglio— *Autour d'Émile Benveniste: sur l'écriture*. Além dessas notas manuscritas, integra também a obra o conjunto de notas intitulado *Singulier et pluriel*.

por/para/de onde seguir os vestígios deixados por Benveniste sobre o par *designação-significação*. Essa primeira iniciativa tornou possível a quantificação de ocorrências de palavras com as raízes *design-* e *signific-* no *corpus* selecionado. Tal tarefa gerou os seguintes dados:

Quadro 1 – Ocorrência geral dos termos *design-* e *signific-* nas obras de Benveniste.

OBRA	ANO DE PUBLICAÇÃO ORIGINAL	ANO DA EDIÇÃO UTILIZADA	LÍNGUA	DESIGN-	SIGNIFIC-
<i>Problemas de Linguística Geral I</i>	1966	1995	PT	58	224
<i>Vocabulário das Instituições Indo-europeias I</i>	1969	1995	PT	334	307
<i>Vocabulário das Instituições Indo-europeias II</i>	1969	1995	PT	205	248
<i>Problemas de Linguística Geral II</i>	1974	2006	PT	81	212
<i>Últimas Aulas no Collège de France</i>	2012	2014	PT	5	194
<i>Langues, Cultures, Religions</i>	2015	2015	FR	157	67
<i>La traduction, la langue et l'intelligence</i>	2016	2016	FR	6	2
TOTAL				846	1285

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível observar, com o quadro 1 acima, que há uma presença relativamente grande das palavras pesquisadas nas obras selecionadas de Benveniste. Digo “relativamente grande”, pois, se compararmos a presença de *design-* e *signific-* com “enunciação”²⁷, palavra que dá nome à principal teoria da linguagem atribuída a Benveniste, teremos uma grande diferença, em termos quantitativos: 38

²⁷ Sob nenhuma hipótese, a comparação entre as palavras ora pesquisadas e “enunciação” pretende sugerir que, por haver mais frequência de ocorrências de *design-* e *signific-*, estas ocupem papel mais ou menos relevante na reflexão de Benveniste. Não é disso que se trata aqui. O que se quer, sim, com a quantificação empreendida na busca de palavras, é uma possibilidade de vislumbrar caminhos que orientem esta pesquisa.

ocorrências em PLG I; 16 em VOC I e II; 72 em PLG II; 42 nas *Últimas Aulas*; 08 em *Languages, Cultures, Religions*; 0 em *La traduction, la langue et l'intelligence*.

Apesar de significativos, os dados acima arrolados muito pouco ou nada nos informam a respeito do papel desempenhado por cada uma das ocorrências de *design-* e *signific-*, tanto na sincronia do texto a que pertence quanto na diacronia do conjunto das obras. Os dados, em si, não atestam nada além da presença da palavra – sequer é possível afirmar a existência de conceitos ou noções, apenas baseando-se no quantitativo de surgimentos das palavras: é necessário observar pormenorizadamente cada obra e, certamente, cada texto em sua particularidade.

Antes, porém, de ocupar-me, de fato, das obras e dos textos detidamente, é primordial explicitar outra questão metodológica *a priori*, para garantir o bom seguimento desta tarefa.

O método encontrado para dar conta da amplitude e da diversidade de textos no *corpus* textual selecionado para esta tese baseia-se, melhor dito, desloca-se de uma discussão presente no artigo *A forma e o sentido na linguagem*, de PLG I. No texto, Benveniste menciona – dentre outros tantos tópicos que careceriam fortemente de nossa atenção – possibilidades de análise de língua: método global e método analítico, cada qual ligado a um tipo de linguística e, até mesmo, de ponto de vista sobre o que seja língua.

Embora não se trate exatamente da explicitação de uma metodologia de análise fixa e pronta para ser aplicada a todo e qualquer fato de língua, o encaminhamento dado por Benveniste quanto à compreensão global e à compreensão analítica, tanto em seu texto quanto na argumentação elaborada em resposta a Piguet, permite-me clarificar alguns passos possíveis na construção de meus próprios passos de investigação. Os movimentos por mim empreendidos neste capítulo – tanto na separação dos textos pertinentes para esta pesquisa (entre usos teóricos e não teóricos) quanto na leitura mais detida dos contextos discursivos com suas respectivas ocorrências – levam em consideração a compreensão global e analítica especificada por Benveniste; entretanto, por compreender que se trata, de fato, de um deslocamento que empreendo em direção a meu objeto de estudos, e não de mera *découpage* daquilo que propôs o mestre em seu artigo, optei por renomear tais movimentos de compreensão: de algum modo, realizei movimentos de compreensão *lato* e *stricto sensu*, ou seja, compreensão global e analítica.

Como já foi possível perceber a partir do quadro 1, há um sem fim de ocorrências de *design-* e *signific-* nas obras elencadas de Benveniste, o que nos impele a especular a respeito do papel desempenhado por cada ocorrência das palavras nos textos e nas obras. Já é sabido que há uma imensa flutuação terminológica em Benveniste, decorrente de, pelo menos, duas questões importantes, brevemente abordadas anteriormente, as quais retomo; ambos os motivos nos encaminham a confusões de toda ordem em relação à reflexão benvenistiana. A flutuação pode derivar tanto da leitura desatenta que compara textos de sincronias diferentes quanto do fato de Benveniste servir-se das palavras de que a língua dispõe para nomear seus conceitos. Dito de outro modo, o semanticista utiliza a mesma forma com sentidos diferentes, ora ordinários, ora teóricos. Aproprio-me da reflexão de Aya Ono (2007), que exemplifica e sumariza magistralmente a questão, referindo-se, especificamente, à noção de *enunciação*:

Observamos, de imediato, dois empregos distintos [da palavra *enunciação*]. De um lado, Benveniste associa com frequência *enunciação* à descrição de um rito: chamaremos este emprego de “utilização descritiva” da palavra. Nesse caso, a palavra designa frases a serem pronunciadas oralmente em atos públicos, por vezes uma oração, por vezes uma fórmula. É um ato concreto, realizado e observável. De outro lado, ele faz um uso teórico da palavra. A *enunciação* não é usada então para descrever este ou aquele ato de fala cujo resultado, o enunciado, é objeto de análise; ela é, em vez disso, considerada como um ato de utilização da língua. (ONO, 2007, p. 29).

Em busca da noção de *enunciação* em Benveniste, Ono (2007) precisa a variação existente nas reflexões do mestre, conduta necessária para dar sequência à perquirição de seu objeto de pesquisa. Ainda que considere a distinção por ela utilizada não totalmente satisfatória, a autora compreende que tal feito a auxilia na compreensão global dos termos teóricos:

[A] distinção pode ser comparada à distinção entre “termo teórico” e “termo não teórico”: de acordo com a terminologia do neopositivismo, um termo é teórico se sua referência é inobservável, não teórico se sua referência é observável. Este critério é, no entanto, ambíguo, porque um termo pode ser por vezes observável, por vezes não observável, de acordo com o contexto. Quando o próprio Benveniste fala de *enunciação*, a diferenciação entre usos descritivos e usos teóricos não aparece claramente. No entanto, permite ver como a palavra assume um aspecto teórico e como essa teorização se baseia em usos descritivos da palavra na linguística comparada de Benveniste. (ONO, 2007, p. 29).

Na trilha do posicionamento de Ono (2007) no que tange à distinção entre usos teóricos e não teóricos da palavra *enunciação*, darei continuidade, em parte, ao seu posicionamento e me valerei de tal diferenciação para pré-selecionar as ocorrências de *design-* e *signific-* em cada obra. Pelo menos um uso, dentre os relativos a *design-* e *signific-*, deverá ser, então, considerado teórico para que sirva a esta pesquisa.

A continuidade em parte do posicionamento da autora se dá devido ao fato de o critério de diferenciação entre teórico e não teórico proposto por Ono (2007), para fins deste estudo, ter se revelado insuficiente, tendo em vista as especificidades do par *designação-significação*. Por isso, acrescento à distinção apresentada pela autora que o termo *teórico* se aproxima, neste trabalho, de um uso mais explicativo, operando conceitualmente (quase metalinguisticamente), enquanto o termo *não teórico* se aproxima de um emprego que funciona mais descritiva e empiricamente, menos teoricamente. Nesse sentido, será considerada como de uso não teórico a ocorrência que se aproxime de sentidos como “qualificar, representar, indicar, nomear”, tanto para *design-* quanto para *signific-*.

À guisa de exemplo do que será considerado termo não teórico neste estudo, vejamos brevemente alguns de seus usos.

No volume 1 de VOC, Seção 2 – *Dar e tomar* –, no texto *A hospitalidade*, há 12 ocorrências de *design-* e 17 de *signific-*. Dentre elas, trago duas, na citação que segue:

2. Mas uma série de outros derivados conserva a **significação** própria, notadamente em iraniano; assim o avéstico *miθwara-* “em par, emparelhado”; *maēθman-* < **mei-t-men* “emparelhamento”. Um desenvolvimento de caráter social confere a *maēθman-* o sentido de “Mutualidade” que leva à **designação** do “hospedeiro” em iraniano médio *mēhmānam* (acusativo), o que, por meio de um longo desvio, leva-nos de volta a nosso ponto de partida. Mais uma vez desembocamos na definição do “hospedeiro” por meio da noção de mutualidade e dos laços de reciprocidade. (VOC I [1969], 1995b, p. 99, aspas e itálicos do original, negritos meus).

Na citação anterior, extraída de VOC I, embora haja o uso de *significação* e *designação*, essas palavras não parecem assumir, nesse caso, estatuto de termo teórico, uma vez que, ancorando-me nas diretrizes propostas por Ono (2007), sua referência é observável, tendo sido inclusive apontada no próprio parágrafo. Dito de outro modo, o uso de *significação* e *designação*, aqui, não nos aponta para o que seja uma noção desses conceitos, pois tais palavras carregam seu sentido ordinário, nesse caso.

É possível encontrar, também, no volume II de VOC, ocorrências que apontam para usos não teóricos dos termos que me dediquei a perseguir nesta tese. Veja-se, por exemplo, em **MED- e a noção de medida*, os seguintes usos: “À primeira vista, partindo do latim *medeor* ‘curar’, não se percebe claramente como se chega a um termo designando o exercício da magistratura. Mas a variedade das significações de **med-* é ainda maior e deve ser considerada em seu conjunto” (VOC II [1969], 1995c, p. 126). Nesse trecho de VOC II, há também o registro de *design-* e *signific-* com emprego não teórico, na medida em que sua aplicação, aqui, não nos remete a conceitos, mas aos atos de “nomear” (em “designando”) e ao “conjunto de sentidos” (em “significações”).

Parece-me produtivo, em termos qualitativos, valer-me dessa estratégia de seleção que difere os textos (compreensão *lato sensu*) e agrupa os contextos discursivos em teóricos e não teóricos (compreensão *stricto sensu*), tendo em vista que, ao entabular uma breve leitura dos trechos em que se encontram as ocorrências, muitas delas aparentavam referir-se ao uso não teórico, de modo que visualizar análises excessivamente detalhadas de toda e qualquer ocorrência de *design-* e *signific-* – e que não nos encaminham, de alguma forma, ao objetivo da pesquisa – pode tornar o acompanhamento desta tese uma tarefa relativamente tediosa para o leitor²⁸.

Esclarecidos os caminhos, as decisões e os métodos adotados para a produção desta tese, resta-me passar, de imediato, à observação das obras e de seus respectivos contextos discursivos, em ordem cronológica. Trata-se do segundo grande momento do percurso metodológico desta investigação, conforme apontado anteriormente, no início deste capítulo.

2.1 Designação e significação nas obras e nos textos: os contextos discursivos e suas ocorrências

No segundo grande momento analítico-metodológico desta tese, em que, feita a seleção entre usos teóricos e não teóricos das ocorrências de *design-* e *signific-*,

²⁸ Embora os usos considerados mais descritivos não sejam contemplados nesta tese, considero necessário que estudos futuros os incluam como objeto de análise, pensando em suas redes de associação, seu funcionamento etc.

passo, a partir das compreensões *lato* e *stricto sensu*, a ler e interpretar os textos selecionados. Em todo e cada um dos textos selecionados, o leitor observará os dois movimentos anteriormente explicitados. Embora nem sempre facilmente discerníveis entre si, os movimentos de compreensão *lato sensu* e compreensão *stricto sensu* entrarão em funcionamento, respectivamente, sempre e quando se tratar de a) localizar, no âmbito das reflexões linguísticas de Benveniste, o texto a que pertence o contexto discursivo em que está(ão) inserida(s) a(s) ocorrência(s) de *design-* e *signific-*; b) interpretar o valor/papel assumido por *design-* e *signific-* nas ocorrências encontradas em cada contexto discursivo destacado neste capítulo.

Não restam dúvidas de que outros pesquisadores que se inserem no mesmo campo da linguística de Benveniste em que ora me situo poderiam fazer diferentes escolhas de textos e se circunscrever a outras agrupações possíveis da obra do autor. Entretanto, é válido ressaltar que me ative estritamente aos critérios elaborados para chegar aos contextos discursivos apresentados na sequência e que o fato de não figurarem, dentre a agrupação por mim estabelecida nesta pesquisa, alguns textos célebres do linguista sírio-francês, não diminui o valor e a importância desta pesquisa. Trata-se somente de outro caminho trilhado, para além (ou aquém) daquele circunscrito nos textos de PLG I e II.

2.1.1 Problemas de Linguística Geral I

Inicialmente, foram encontradas 58 ocorrências remetendo a *design-* e 224, a *signific-*, conforme ilustra o quadro 2²⁹, em que constam a quantidade de registros em cada texto de PLG I e suas respectivas páginas de localização. Como já esclarecido anteriormente, apresentar e contextualizar todo e qualquer contexto de uso pareceu-me tarefa vã, uma vez que nem todos os casos são produtivos para este estudo. Tendo em vista o elevado número de ocorrências, iniciei a seleção de contextos pertinentes³⁰ ao estudo da relação entre designação e significação, seguindo os critérios estabelecidos, e sua relevância no interior da reflexão benvenistiana.

²⁹ Serão apresentados os quadros de ocorrência de *design-* e *signific-* de todas as obras examinadas nesta tese. O leitor poderá sentir-se à vontade para verificar cada contexto de ocorrência dos fatos não apresentados neste capítulo, caso assim o deseje.

³⁰ Contexto pertinente, aqui, significa que o contexto atende aos critérios estabelecidos previamente, na construção do método de trabalho desta pesquisa, e que necessita de comentário com relação aos usos de *design-* e *signific-* em seu excerto.

Quadro 2 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em PLG I.

TEXTO		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página	
Problemas de Linguística Geral I	1	<i>Prefácio</i>	0		1 s/p	
	2	<i>Tendências recentes em linguística geral</i>	0		20 8-17	
	3	<i>Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística</i>	1	24	7	23-30
	4	<i>Saussure após meio século</i>	1	35	7	44-47
	5	<i>Natureza do signo linguístico</i>	2	57-58	37	53-59
	6	<i>Comunicação animal e linguagem humana</i>	0		9	52-57
	7	<i>Categorias de pensamento e categorias de língua</i>	1	69	6	69-80
	8	<i>Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana</i>	2	89, 93	10	86-93
	9	<i>“Estrutura” em linguística</i>	2	97-103	0	
	10	<i>A classificação das línguas</i>	1	108	6	108-125
	11	<i>Os níveis da análise linguística</i>	1	135-137	13	131-137
	12	<i>O sistema sublógico das preposições em latim</i>	1	148	10	142-149
	13	<i>Para a análise das funções casuais: o genitivo latino</i>	1	152	1	150
	14	<i>A frase nominal</i>	1	165	2	174, 176
	15	<i>Ativo e médio no verbo</i>	0		6	184-191
	16	<i>A construção passiva do perfeito transitivo</i>	0		6	196-203
	17	<i>Ser e ter as suas funções linguísticas</i>	3	212-223	8	214-225
	18	<i>A frase relativa, problema de sintaxe geral</i>	2	238, 241	0	
	19	<i>Estrutura das relações de pessoa no verbo</i>	4	250- 256	4	249-253
	20	<i>A natureza dos pronomes</i>	0		2	278, 280
	21	<i>Da subjetividade na linguagem</i>	5	288 - 289	2	286, 290
	22	<i>A filosofia analítica e a linguagem</i>	1	300	2	296, 302
	23	<i>Os verbos delocutivos</i>	1	309	13	306-315
	24	<i>Problemas semânticos da reconstrução</i>	15	326-337	25	319-338
	25	<i>Eufemismos antigos e modernos</i>	6	342-347	10	340-347
	26	<i>Dom e troca no vocabulário indo-europeu</i>	5	352-360	35	349-360
	27	<i>A noção de "ritmo" na sua expressão linguística</i>	1	360	10	361-368
	28	<i>Civilização: contribuição à história da palavra</i>	1	375	0	
TOTAL		58		224		

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a pré-seleção entre usos teóricos e não teóricos, realizada a partir dos critérios evidenciados neste capítulo, por sua vez baseados principalmente em Ono (2007), das 282 ocorrências constantes nos 28 textos de PLG I, mantiveram-se significativos para este estudo três contextos discursivos e suas respectivas ocorrências, os quais passo, de imediato, a descrever, contextualizar e interpretar, seguindo a ordem de apresentação dos textos em PLG I.

2.1.1.1 Os níveis da análise linguística

Quando se diz que determinado elemento da língua, curto ou extenso, tem um **sentido**, entende-se uma propriedade que esse elemento possui, enquanto significante, de constituir uma unidade distintiva, opositiva, delimitada por outras unidades, e identificável para os locutores nativos, de quem essa língua é a língua. Esse “sentido” é implícito, inerente ao sistema lingüístico e às suas partes. Ao mesmo tempo, porém, a linguagem refere-se ao mundo dos objetos, ao mesmo tempo globalmente, nos seus enunciados completos, sob forma de frases, que se relacionam com situações concretas e específicas, e sob forma de unidades inferiores que se relacionam com “objetos” gerais ou particulares, tomados na experiência ou forjados pela convenção linguística. Cada enunciado, e cada termo do enunciado, têm assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. Ora, dizer *qual* é o *referendum*, descrevê-lo, caracterizá-lo especificamente é uma tarefa distinta, frequentemente difícil, que não tem nada de comum com o manejo correto da língua. Não podemos estender-nos aqui sobre todas as conseqüências que essa distinção traz. Basta havê-la apresentado para delimitar a noção do “**sentido**”, na medida em que ele difere da “**designação**”. Um e outra são necessários. E os encontramos, distintos mas associados, ao nível da *frase*. (PLG I [1966], 1995a, p. 136-137, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Texto escrito por um linguista e para linguistas, *Os níveis da análise linguística* (1964) é um estudo no qual Benveniste reflete e nos convoca a refletir com ele, principalmente, sobre a noção de *nível* em linguística e sua importância para a construção dos estudos descritivos da língua.

Ao questionar-se a respeito da língua como objeto de ciência, desde sempre se impõem questões sobre como circundar esse objeto, com que critérios, de que modo etc. O mestre recorda que, dentre os linguistas, há a compreensão de que a língua deve ser descrita como uma estrutura formal, mas observa também que, por exigências positivistas, “essa descrição exige antes de tudo o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados” (PLG I [1964], 1995a, p. 127). O autor prossegue, asseverando que se deve,

diante da extrema complexidade da linguagem, visar a propor uma ordem ao mesmo tempo nos fenômenos estudados, de maneira a classificá-los segundo um princípio racional, e nos métodos de análise, para construir uma descrição coerente, organizada segundo os mesmos conceitos e os mesmos critérios. (PLG I [1964], 1995a, p. 127).

À luz dessa necessidade de definições de método e objeto no campo das análises linguísticas, Benveniste considera essencial a noção de *nível* para definir o procedimento de análise, uma vez que, conforme o autor, somente ela é “própria para fazer justiça à natureza *articulada* da linguagem e ao caráter *discreto* dos seus elementos; só ela pode fazer-nos reconhecer, na complexidade das formas, a

arquitetura singular das partes e do todo” (PLG I [1964], 1995a, p. 127, grifos do autor). O nível é, para Benveniste, um operador da análise linguística.

Ao discutir os procedimentos de análise que levam em conta a noção de *nível*, o linguista compreende que um nível se define em função das relações distribucionais/capacidade de distribuição (ligadas à forma) e relações integrativas/capacidade de integração (ligadas ao sentido) que suas unidades têm ao longo de um texto, independentemente de sua extensão. Apoiado nessa divisão, Benveniste desenvolve sua reflexão, tocando em questões relativas aos menores e aos maiores níveis da análise linguística e pautando, assim, a singularidade do nível da frase, que permite aceder a outro estágio, e, assim, a outros universos discursivos.

No interior da discussão das possibilidades e das singularidades do nível da frase, entra a reflexão sobre a relação forma-sentido, ligada às funções constituinte-integrante dos níveis. Nesse momento, são introduzidas, *en passant*, as discussões concernentes ao par *designação-significação*, que passarei a descrever brevemente.

Ao detalhar a relação forma-sentido, Benveniste recorda-nos de que há mais de um aspecto possível para *sentido*: um está vinculado à pergunta “tem sentido?”, enquanto outro está relacionado à questão “qual é o sentido?”; de acordo com a interrogação feita, tomaremos caminhos bastante diferentes de estudos sobre a língua.

Ao perguntar-se sobre “qual é o sentido?”, Benveniste disserta sobre outro aspecto de *sentido* e o diferencia da *designação*, relacionando esta ao *referendum*, ao mundo dos “objetos”. *Sentido*, nesse excerto, substitui *significação* e assume valor de “referência”, de uso compartilhado por falantes de determinada língua, diretamente ligado à frase, da qual “retira” seu valor. Dito de outro modo, *designação*, nesse contexto discursivo, está ligada a “mundo dos objetos”, “situações concretas e específicas” de uso da língua.

Ademais, para Benveniste, há consequências derivadas da distinção entre *sentido* e *designação*, contudo, ele não as desenvolve, por não ser este o tema principal da discussão proposta no texto. Ainda que diferencie sentido de designação e atribua a esta um lugar externo à língua (mas não à linguagem), Benveniste os coloca em relação de co-dependência no nível da frase.

2.1.1.2 Da subjetividade na linguagem

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se **designa** por *eu*. Vemos aí um princípio cujas conseqüências é preciso desenvolver em todas as direções. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. Por isso, *eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a “mim”, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e que me diz *tu*. A polaridade das pessoas é na linguagem a condição fundamental, cujo processo de comunicação, de que partimos, é apenas uma conseqüência totalmente pragmática. Polaridade, aliás, muito singular em si mesma, e que apresenta um tipo de oposição do qual não se encontra equivalente em lugar nenhum, fora da linguagem. Essa polaridade não **significa** igualdade nem simetria: *ego* tem sempre uma posição de transcendência quanto a *tu*; apesar disso, nenhum dos dois termos se concebe sem o outro; são complementares, mas segundo uma oposição “interior/exterior”, e ao mesmo tempo são reversíveis. (PLG I [1966], 1995a, p. 286-287, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Ora, esses pronomes se distinguem de todas as **designações** que a língua articula, no seguinte: *não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo*.

Não há conceito “eu” englobando todos os *eu* que se enunciam a todo instante na boca de todos os locutores, no sentido em que há um conceito “árvore” ao qual se reduzem todos os empregos individuais de *árvore*. O “eu” não denomina pois nenhuma entidade lexical. Poder-se-á dizer, então, que *eu* se refere a um indivíduo particular? Se assim fosse, haveria uma contradição permanente admitida na linguagem, e anarquia na prática: como é que o mesmo termo poderia referir-se indiferentemente a qualquer indivíduo e ao mesmo tempo identificá-lo na sua particularidade? Estamos na presença de uma classe de palavras, os “pronomes pessoais”, que escapam ao *status* de todos os outros signos da linguagem. A que, então, se refere *eu*? A algo de muito singular, que é exclusivamente linguístico: *eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe **designa** o locutor. É um termo que não pode ser identificado a não ser dentro do que, noutro passo, chamamos uma instância de discurso, e que só tem referência atual. A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso. É na instância de discurso na qual *eu* **designa** o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo.

A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda **designando-se** como *eu*. (PLG I [1966], 1995a, p. 288, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Da subjetividade na linguagem (1958) faz parte dos artigos célebres de Benveniste, que conferiram ao autor o título de “pai” da Enunciação como campo disciplinar, de forma que esse escrito dispensa grandes sínteses. É suficiente acrescentar que se trata de um texto escrito ao *Journal de psychologie* e que, portanto, tem como público-alvo pesquisadores de outra área que não a linguística. Não obstante, Benveniste, ao tratar de um tema caro aos psicólogos – o conceito de *subjetividade* –, o faz a partir de sua relação com a linguagem, objeto de estudo que liga linguistas e psicólogos. Esse texto de Benveniste é, também, de certo modo, uma marcação de posição em relação a quem é de direito o estudo da subjetividade. Ora,

antes de ser assunto de psicólogos e antropólogos, é algo da linguagem e, portanto, dos linguistas: trata-se do fato de tornar-se humano pelo fato mesmo de falar.

No contexto discursivo em que ocorrem *design-* e *signific-*, nesse artigo, o linguista busca demonstrar como a língua e a linguagem são imprescindíveis para a compreensão na noção de *subjetividade*, uma vez que, sem elas, seria impossível a existência do *eu* como ser que enuncia, até mesmo da própria definição do humano. Diante disso, surgem as explicitações sobre a categoria de pessoa, representada por alguns dos pronomes pessoais descritos pela gramática normativa; para Benveniste, os pronomes pessoais são “o primeiro ponto de apoio para a revelação da subjetividade na linguagem” (PLG I [1966], 1995a, p. 288). *Designar*, nesse contexto, ocorre cinco vezes e assume papel de “nomear, denominar, apontar, remeter”, papel este relacionado, de alguma maneira, à dêixis, sempre e somente quando esta for contemporânea à instância de discurso na qual é enunciada. Já *significar*, embora esteja presente como pano de fundo da discussão do texto, tem apenas uma ocorrência, no contexto discursivo selecionado, e apresenta valor de “querer dizer, ter sentido de”.

Chama a atenção o fato de *designar* vir acompanhado, nesse contexto, algumas vezes, da partícula reflexiva *se*, indicando que a designação, nesse caso, é algo que o locutor faz com si próprio. Ora, quando enuncio, designo o *eu* e também o *outro*: essa designação de si mesmo parece investir-se de caráter basilar para a própria constituição de parte do que entendemos por Enunciação em Benveniste. A designação, nesse caso, ainda se refere a elementos da realidade, mas a uma *certa* realidade, própria e somente existente quando do ato de enunciar: a *realidade do discurso*.

Por ora, cabe sublinhar que a especificidade do uso de “designar” como “designar-se” em relação direta com a instância do discurso, no contexto discursivo em questão, parece ser fortemente pertinente para este estudo e pode apontar caminhos ainda não explorados entre a relação entre designação e significação e a enunciação tanto como fenômeno linguístico quanto como teoria da linguagem.

2.1.1.3 Problemas semânticos da reconstrução

É preciso continuar e denunciar um vício de método na argumentação inteira. As relações morfológicas e a distribuição das formas não indicam, entre os termos que denotam a “árvore” e os termos para “fidelidade”, uma relação tal que os segundos derivem dos primeiros. Distribuem-se igualmente em cada língua e dependem uns e outros de uma mesma **significação**, que se deixa reconstituir com a ajuda do conjunto das formas atestadas. Deve-se propor a base formal como 1. **der-w-*, 2. **dr-eu-*, com o sentido de “estar firme, sólido, são”. Cf. sânscr. *dhruva-* (para **druva-* contaminado por *dhar-*), av. *drva*, ant. persa *duruva-*, “firme, são”, gr. *dro(w)ón-iskhurón* (Hes.), ant. esl. **su-dorwa>sūdravŭ*, russo *zdórov*, “são”, iri. *derb* (**derwo-*), “seguro”, ant. pr. *druwis*, “fé” (< “segurança”), lit. *drútas*, “firme, poderoso”, etc. Aqui se colocam naturalmente os membros germânicos desse grupo, como o gót. *trauan*, *trausti*, etc., que dele derivam diretamente e fixaram em germânico a terminologia da “confiança”. Daí, é dessa **significação** comum que participa igualmente a **designação** da “árvore”. Ao inverso do raciocínio de Osthoff, consideramos que o **derwo-*, **<drwo-*, **dreu-* no sentido de “árvore” é apenas um emprego particular do sentido geral de “firme, sólido”. Não é o nome “primitivo” do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drūs* (gal. *Derwen*) **significa** literalmente “o sólido, o firme”. Temos um paralelo no irânico, em que “árvore” se diz *draxt* (médio persa), *diraxt* (persa moderno) que remonta ao av. *draxta-*, adjetivo de *drang-*, “ficar firme”. A concepção romântica do carvalho inspirador da fidelidade dá lugar a uma representação menos singular e provavelmente mais exata: o nome **drū-* da árvore nada tem de “primitivo”; é uma qualificação que, uma vez ligada ao seu objeto, se tomou na sua **designação**, e se encontrou separada da sua família semântica; daí a coexistência de dois morfemas que se tornaram distintos, como *treeetree* [= “árvore” e “verdadeiro”] em inglês. Vê-se aqui o quanto é falacioso o critério do “concreto” e do “abstrato”, aplicado a uma reconstrução, e quão importante é a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**. (PLG I [1966], 1995a, p. 331-332, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Nesse texto de 1954, Benveniste orienta seu foco de atenção às questões concernentes à reconstrução de morfemas. Dito de outro modo, o autor estuda a reconstrução de sentidos de morfemas idênticos na forma, mas distintos no sentido, o que gera famílias semânticas diversas.

Tomando como *a priori* o fato de que “o ‘sentido’ de uma forma linguística se define pela totalidade dos seus empregos, pela sua distribuição e pelos tipos de ligações resultantes” (PLG I, [1966], 1995a, p. 320), o semanticista passa a listar e descrever nove exemplos de morfemas formalmente idênticos, a partir de reconstruções propostas por outros estudiosos e, por fim, sua solução para a questão semântica da reconstrução. Ao tomar como único princípio anterior à análise aquele que fala do “sentido”, Benveniste, de alguma forma, indica-nos que, grosso modo, o trabalho com reconstrução, com vocabulário, é um trabalho semântico por excelência.

No oitavo caso apresentado no texto, o linguista traz à baila um critério utilizado com certa frequência nos casos de reconstrução: trata-se do apelo à diferenciação entre o caráter concreto e o caráter abstrato do sentido para “comprovar” que sentido “original” gerou os demais. Benveniste nitidamente discorda da utilização desse

critério por considerá-lo pouco preciso, mas, de todo modo, oferece aos leitores o exemplo da família etimológica que se refere à palavra “fidelidade” (*trust*).

Ao realizar uma reconstrução comparativa dessa família, o autor menciona a pesquisa empreendida por Hermann Osthoff (1847-1909) – em que este coloca como origem do sentido aquilo que é concreto, a árvore/carvalho, e que, posterior e supostamente, gerou o sentido de fidelidade –, na medida em que tal pesquisa o auxilia a refutar a validade dos resultados obtidos pelo alemão. Benveniste desconstrói, assim, o argumento de Osthoff para comprovar o seu em seguida.

Com o desenvolvimento de sua argumentação sobre as possíveis origens e relações entre “carvalho” e “fidelidade”, Benveniste termina por tocar no par *designação-significação*. A compreensão da diferença entre um e outro é fundamental para a contra-argumentação de Benveniste sobre os critérios de “concreto” e “abstrato”, com este sendo sempre originado por aquele, como se fosse uma espécie de “evolução”.

O par de termos figura, no contexto discursivo selecionado, diversas vezes (4 ocorrências de *design-* e 3 de *signific-*, para ser mais exata), ora juntos, ora separados. Nas ocorrências, *design-* assume valor de “nomeação”, “denominação”; em relação a *signific-*, suas ocorrências estão próximas semanticamente de “sentido”, “querer dizer”. Dito de outro modo, apesar de haver vários momentos, no excerto, em que figura o par, todas as ocorrências parecem apontar mais ou menos para o mesmo sentido, qual seja: o semanticista parece atribuir um valor mais geral de “sentido” à significação – “Daí, é dessa significação comum que participa igualmente a designação da ‘árvore’” (PLG I [1966], 1995a, p. 332) – e valor de “uso/emprego específico” à designação “[...] uma vez ligada ao seu objeto, se tornou na sua designação, e se encontrou separada da sua família semântica [...]” (PLG I [1966], 1995a, p. 332).

2.1.2 Vocabulário das Instituições Indo-europeias I e II

Volumes de uma obra com a qual os linguistas brasileiros estão pouco habituados a trabalhar, VOC I e o II vieram a público, na França, em 1969, três anos após a publicação do primeiro volume de PLG, por solicitação de Pierre Bourdieu (1930-2002), criador da coleção *Le sens commun*, linha editorial da editora *Éditions*

de *Minuit*, que buscava publicar grandes autores das áreas de humanas, como Theodor Adorno (1903-1969), Edward Sapir (1884-1939), Mikhail Bakhtin (1895-1975), John Searle (1932-), apenas para citar nomes ligados aos estudos da linguagem.

Tal informação, aparentemente de pouco valor, sinaliza-nos, pelo menos, duas questões:

- 1) com o lançamento bastante celebrado de PLG, Benveniste se consolida como um dos maiores linguistas franceses do século XX, senão o maior – não fosse assim, não teria sido convidado por Bourdieu para escrever um livro;
- 2) as reflexões sobre vocabulário e línguas diversas (diversidade das línguas?) são contemporâneas aos estudos gerais de linguística, de modo que um estudo é complementar ao outro, nunca oposto e totalmente apartado.

Diante disso, adentrar textos para além de PLG parece-me uma urgência para todo aquele que se dispõe a ler Benveniste. Obviamente, os estudos de linguística geral são diferentes dos lexicais e dos enunciativos, não pretendo negar. Entretanto, entendo que, quando falamos da reflexão linguística de Benveniste, devemos pensar em uma mirada global, em que figuram e se completam tanto estudos de léxico e cultura quanto de linguística geral e enunciação. A divisão de estudos disso ou daquilo forma um todo, que poderíamos chamar de reflexão de Benveniste sobre a linguagem. Ao vislumbrar a possibilidade de complementaridade das pesquisas, somos capazes de perceber que os estudos comparatistas do linguista sírio-francês nada mais são do que um trabalho prático e analítico que ratifica a transversalidade do axioma do *homem na língua* e da reflexão sobre o sentido à sua teorização sobre a linguagem. Isso, por si só, já deveria ser capaz de revolucionar nosso olhar em relação aos escritos benvenistianos...

Quanto às ocorrências e aos textos em que se localizam, os 286 registros de *design-* e os 281 de *signific-* encontram-se assim distribuídos³¹:

³¹ Diferentemente do que fiz com os dois volumes de PLG, os quadros referentes a VOC I e II estão agrupados, neste item, em função de que seu lançamento se deu conjuntamente, pois se trata de dois tomos de uma mesma obra, e não dois de volumes diferentes, com datas de lançamento também diversas.

Quadro 3 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em VOC I.

TEXTO		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página
1	<i>Prefácio</i>	4	7-10	4	10,11
2	<i>Macho e reprodutor</i>	10	20-23	4	20-22
3	<i>Uma oposição lexical a ser revista: sus e porcus</i>	20	25-33	11	26-34
4	<i>Próbaton e a economia homérica</i>	14	35-42	12	35-42
5	<i>O gado e o dinheiro: pecu e pecúnia</i>	26	45-58	15	46-57
6	<i>Dádiva e troca</i>	4	66, 74, 76	10	64-73
7	<i>Dar, tomar e receber</i>	2	81,82	11	79-83
8	<i>A hospitalidade</i>	12	88-100	17	88-100
9	<i>A fidelidade pessoal</i>	17	104-120	19	105-120
10	<i>Dois maneiras de comprar</i>	5	125-128	3	125-127
11	<i>Compra e resgate</i>	3	131, 132	16	129-136
12	<i>Um ofício sem nome: o comércio</i>	4	140-146	6	142-145
13	<i>A conta e a estimativa</i>	0		2	151, 152
14	<i>O aluguel</i>	1	158	9	156-160
15	<i>Preço e salário</i>	0		12	164-169
16	<i>Crédito e crença</i>	2	171, 173	5	171-173
17	<i>Empréstimo, tomada de empréstimo e dívida</i>	9	180-194	16	182-193
18	<i>Livro 2 - O vocabulário do parentesco - Introdução</i>	2	206	1	205
19	<i>A importância do conceito de paternidade</i>	8	208-212	1	211
20	<i>Estatuto da mãe e filiação matrilinear</i>	4	216-219	1	219
21	<i>O princípio da exogamia e suas aplicações</i>	18	223-235	10	224-236
22	<i>A expressão indo-europeia do casamento</i>	4	239-243	5	241-243
23	<i>O parentesco resultante do casamento</i>	10	245-252	7	246-252
24	<i>Formação e sufixação dos termos de parentesco</i>	11	254-262	7	255-259
25	<i>Palavras derivadas de termos de parentesco</i>	10	266-273	7	267-272
26	<i>A tripartição das funções</i>	15	280-289	15	278-286
27	<i>Os quatro círculos da pertença social</i>	21	292-314	23	293-314
28	<i>O homem livre</i>	14	318-326	8	318-327
29	<i>Phílos</i>	7	331-343	12	331-346
30	<i>O escravo, o estrangeiro</i>	8	350-354	3	350-354
31	<i>Cidades e comunidades</i>	21	357-366	9	358-366
TOTAL		286		281	

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 4 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em VOC II.

TEXTO		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página	
Vocabulário das Instituições Indo-europeias - vol. 2	1	Rex	1	9	6	10-14
	2	X SAY - E A REALEZA IRANIANA	10	17-21	3	19-21
	3	A realeza helênica	8	23-32	2	30-32
	4	A autoridade do rei	2	34, 38	5	33-40
	5	A honra e as honras	3	49, 53	4	48-52
	6	O poder mágico	4	58,59, 67	7	57-67
	7	Krátos	2	72, 81	10	71-82
	8	Realeza e nobreza	4	85, 87	2	86, 87
	9	O rei e seu povo	4	91, 94	2	91, 96
	10	Thémis	7	101-106	3	104
	11	Díkē	1	111	5	109-111
	12	Iuse o juramento em Roma	5	113-121	10	113-121
	13	*Med- e a noção de medida	7	125-133	7	126-131
	14	Fas	7	135-143	10	137-144
	15	O censor e a auctoritas	4	146-152	6	145-150
	16	O quaestor e a *prex	6	156-162	4	156-162
	17	O juramento na Grécia	7	165-176	11	166-176
	18	O sagrado	10	182 -203	31	182-205
	19	A libação	5	210-218	12	210-219
	20	O sacrifício	2	226, 229	13	224-231
	21	O voto	3	233-242	13	234-243
	22	Prece e súplica	1	251	11	247-253
	23	O vocabulário latino dos signos e presságios	7	257-264	17	258-264
	24	Religião e superstição	8	268-276	25	269-280
TOTAL		118		219		

Fonte: Elaborado pela autora.

Passo, a seguir, à descrição e à explicitação dos contextos discursivos das ocorrências.

2.1.2.1 Prefácio

O aspecto histórico e sociológico desses processos fica a cargo de terceiros. Se ocupamo-nos do verbo grego *hēgéomai* e de seu derivado *hēgemón*, é para ver como se constituiu a noção de “hegemonia”; mas, sem considerar que gr. *Hēgemonía* é, alternativamente, a supremacia de um indivíduo, ou de uma nação, ou o equivalente do *imperium* romano etc., interessa-nos apenas a relação, difícil de estabelecer, entre um termo de autoridade tal como *hēgemón* e o verbo *hēgéomai* no sentido de “pensar julgar”. Assim elucidamos a **significação**; outros se encarregarão da **designação**. Quando falamos da palavra germânica *feudum* relacionada com os termos ligados à criação de animais, não mencionamos a feudalidade a não ser por preterição. Os historiadores e os sociólogos verão melhor o que podem aproveitar das presentes análises, nas quais não entra nenhum pressuposto extralinguístico. (VOC I [1969], 1995b, p. 9-10, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Tentamos destacar um duplo caráter próprio aos fenômenos aqui descritos: de um lado, a sobreposição complexa dessas evoluções que se desenrolam durante séculos ou milênios, e que o linguista deve reconduzir a seus fatores primeiros; de outro lado, a possibilidade de extrair, mesmo assim, certas tendências muito gerais que regem esses desenvolvimentos particulares. Poderemos compreendê-los, reconhecer-lhes uma certa estrutura, ordená-los num esquema racional, se soubermos estudá-los diretamente, afastando-nos das traduções simplistas, se soubermos também estabelecer certas distinções essenciais, notadamente a distinção, sobre a qual insistimos repetidas vezes, entre **designação** e **significação**, na ausência da qual soçobram na confusão tantas discussões a respeito do “sentido”. Trata-se, por meio da comparação e de uma análise diacrônica, de fazer surgir uma **significação** ali onde, de início, tínhamos apenas uma **designação**. A dimensão temporal se converte, assim, em dimensão explicativa. (VOC I [1969], 1995b, p. 11, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Texto largamente citado para argumentar acerca da exclusão da designação feita por Benveniste, o Prefácio de VOC é, atualmente, leitura obrigatória para os que se dedicam a estudar a obra de seu autor. Como é próprio a um prefácio, Benveniste apresenta as bases nas quais se ancorou para produzir as pesquisas presentes em VOC. Essa obra, apesar de centrar-se no léxico, é, sobretudo, um trabalho sobre a relação língua-sociedade-cultura, que se dá através do sentido.

Assumindo a língua como único critério válido, o autor esclarece a que se refere quando fala de indo-europeu e a toma como medida para inclusão ou exclusão de um povo desse grupo. Dentre as línguas que integram à família do indo-europeu, geralmente as análises de comparação das línguas eram feitas a partir 1) da reconstrução de formas aparentadas ou 2) da verificação do desenvolvimento de línguas particulares, tomando como base o indo-europeu. A partir de um desses dois métodos de comparação, organizavam-se grandes tratados sobre esta ou aquela língua indo-europeia e o modo de vida de seus povos, seus costumes etc. Benveniste, todavia, propõe-se a uma tarefa diferente da que vinha sendo feita até então: “[...] estudar a formação e a organização do vocabulário das instituições” (VOC I [1969], 1995b, p. 9), entendidas aqui como organizações instituídas na vida de um povo, contemplando desde instituições como religião e economia até relações de

parentesco. Trata-se, melhor dito, de observar como as línguas reorganizam seus sistemas de distinções e renovam seu aparato semântico, tendo como pano de fundo as instituições.

Uma vez que compreende que “a noção de indo-europeu vale, primeiramente, como noção linguística e, se podemos estendê-la a outros aspectos da cultura, será também a partir da língua” (VOC I [1969], 1995b, p. 8), o mestre procura se afastar de tudo aquilo que poderia encaminhar o leitor a um entendimento de que a língua é o reflexo da cultura e das sociedades e vice-versa; por isso, no *Prefácio*, ele afirma que não se ocupará, na obra, da designação, e sim da significação somente. Para o autor, estudar a designação é tarefa extralinguística, atribuída a sociólogos e antropólogos, mas não a linguistas. Desse modo, designação, nas ocorrências desse contexto discursivo, tem seu valor ligado aos aspectos históricos e sociológicos, pontos de vista dos quais Benveniste procura se afastar. A designação, nesse momento da discussão, está a serviço da (re)construção do aparato semântico das línguas indo-europeias, sendo este um dos objetivos do linguista em VOC. A significação, por sua vez, também está ligada à reconstrução do aparato semântico, porém em uma relação mais interna, enquanto a designação talvez ocupe uma posição interna/externa. Cabe apontar que, para Benveniste, nesse contexto discursivo, *significação* não se equivale diretamente a *sentido*: parece que tanto designação quanto significação estão subordinadas à “reconstrução do aparato semântico”, em que se localiza o sentido. Ainda que relativamente próximas, é, para o semanticista, bastante relevante a distinção entre designação e significação, uma vez que ele entende que, em função da dificuldade de distinção entre um termo e outro, geram-se “muitas discussões a respeito do sentido” (VOC I [1969], 1995b, p. 11).

2.1.2.2 O gado e o dinheiro: pecū e pecūnia

É preciso elucidar paralelamente a relação de sentido que resulta da relação de derivação. Ora, pode-se consultar todos os autores da latinidade antiga e clássica, percorrer todas as citações de dicionários, e jamais se constatará um elo entre o sentido de pecūnia e o de pecū “rebanho, gado”. Em todos os exemplos, pecūnia **significa** exclusivamente “fortuna, dinheiro” e se define por “copia nummorum”. Deve-se, então, proceder por inferência metódica, sem levar em conta as opiniões tradicionais: Se o derivado pecūnia, desde seus primeiros usos, tem exclusivamente o sentido de “dinheiro, fortuna, xpfiparax”, é porque o termo de base pecūs e remete exclusivamente a um valor econômico e **significa** “posse móvel”. Apenas assim se justificará o sentido constante de pecūnia, que, como abstrato-coletivo, generaliza o sentido próprio de pecū.

É em virtude de um processo distinto, inteiramente pragmático e secundário, que *peku, cujo sentido era “posse móvel”, foi aplicado especificamente à realidade dita “gado”. Cumpre distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**. Cumpre distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de *peku, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. Uma vez realizada a junção semântica entre este termo *peku e esta realidade, o gado, a designação se fixa por um certo tempo. Mas a história não pára e novas especificações ainda podem surgir: é o caso das diferenciações operadas em latim entre pecū, pecus, -oris, pecus, -udis. Elas dependem da história lexical do latim e não se referem mais às relações fundamentais que trouxemos à luz.

São essas relações que foram ignoradas. O resultado é que se interpreta inexatamente tanto pecū quanto pecūnia. E essas noções inexatas foram transpostas primeiro pelos latinos, depois pelos modernos, para a tradução ingênua de pecūnia por “riqueza em gado”, que tudo leva a refutar. Deve-se assentar, pelo contrário, que a natureza real do pecū primitivo se esclarece a partir do sentido real do pecūnia histórico. (VOCI [1969], 1995b, p. 51, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Esta será nossa segunda conclusão: num processo, lexical de tal natureza, é um termo de sentido geral que se encontra “aplicado a uma realidade específica e que vem a se tornar sua **designação**, e não o inverso. Tomamos aqui o lado diametralmente oposto da relação que, desde os etimologistas latinos até nossos dicionários recentes, foi estabelecida entre pecū e pecūnia.

Pode-se supor, de fato, que os termos que se remetem a formas diversas de posse são termos gerais, denotando sua relação com o possuidor, mas sem nada indicar acerca da natureza-própria da coisa possuída. A **significação** geral permite, assim, **designações** específicas que, ao longo da história, terminam por se vincular tão estreitamente a seus fica obliterado. (VOC I [1969], 1995b, p. 57, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Parte da seção intitulada *A economia*, o texto *O gado e o dinheiro: pecū e pecūnia* ressignifica a relação entre os termos em torno de *peku. Benveniste decide retomar a análise de *peku por entender que a explicação até então apresentada pelos comparatistas era insustentável. Para ele, as relações estabelecidas para encontrar a raiz de *peku careciam de comprovações no uso da língua, e, portanto, é o que passa a fazer, de modo a apontar falhas na reconstrução da família do termo.

Para dar andamento ao seu raciocínio, Benveniste seleciona três grandes áreas linguísticas – indo-iraniano, latim e germânico – e passa a revisar as relações apresentadas em textos de diversas línguas pertencentes a esses ramos. Sua maior preocupação está centrada na relação entre os termos pecū e pecūnia.

O semanticista sírio-francês, ao contrário do que afirmavam os comparatistas, demonstra que esses termos somente estão ligados a “gado” por especificidade dos

povos, mas que este nunca foi seu sentido primeiro. Nessa perspectiva, Benveniste julga pertinente que se faça a diferença entre os planos teóricos da significação e da designação, primeiras ocorrências de *design-* e *signific-* nesse contexto discursivo.

Embora denomine designação e significação como planos teóricos, não é possível afirmar que haja uma teorização de fato a respeito do que seja um e outro, pelo menos não no texto de que faz parte o contexto em que se encontra a ocorrência que ora discuto. Contudo, é possível estabelecer relações com base no que o próprio Benveniste escreve na sequência das ocorrências de *design-* e *signific-*. Vamos ao texto.

Cumpra distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**. Cumpra distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de **peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. Uma vez realizada a junção semântica entre *este* termo **peku* e *esta* realidade, o gado, a **designação** se fixa por um certo tempo. (VOC I [1969], 1995b, p. 51, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Destaco, nessa citação, a locução “por conseguinte”, que poderia ser substituída por “em consequência, portanto, em vista disso” etc., ou seja, encaminha o enunciado para uma conclusão de algo que o antecede. Diante disso, e também pela disposição em que figuram no enunciado, é lícito se colocar em relação de sinonímia, de um lado, “significação” e “sentido próprio”, e, de outro, “designação” e “emprego histórico”. Estes me parecem ser os valores assumidos por *design-* e *signific-* nesse trecho. Essa ocorrência, então, orienta-nos para um valor de significação como algo geral e um valor de designação como algo específico, histórico, datado.

Cabe, ainda, destacar o fato de que, nessa ocorrência, Benveniste especifica ainda mais o valor de *design-*: a designação parece ser o elo que liga a palavra do aparato semântico, do qual faz parte todo o léxico de uma língua, à realidade daquele léxico. É o que parece afirmar Benveniste em “Uma vez realizada a junção semântica entre [...] termo e *esta* realidade”. Compreendo que seja bastante relevante destacar que a designação, nesse caso, é o que faz com que se possa pensar na relação língua-realidade, desde e sempre que se entenda que a designação não é a realidade, mas está em relação com ela.

Esses valores de significação e designação são reforçados no contexto da página 57, em que Benveniste sintetiza a argumentação desenvolvida em todo o texto: pontua o linguista que, ao contrário do que muitos de seus colegas afirmavam, é a

aplicação da significação (termo geral) a uma realidade específica que faz surgir a designação, e não o contrário: “A significação geral permite, assim, designações específicas que, ao longo da história, terminam por se vincular tão estreitamente a seus objetos particulares que o sentido literal fica obliterado”. (VOC I [1969], 1995b, p. 57). Em síntese, em todas as ocorrências de designação e significação, nesse texto, temos sentidos muito próximos entre si, todos situando a significação num âmbito mais geral e a designação, num âmbito mais específico, ligada a emprego histórico. Embora cada uma tenha uma dimensão própria, mais ampla ou mais restrita, ambas estão ligadas ao aparato semântico, cada qual à sua maneira.

2.1.2.3 A fidelidade pessoal

Vê-se assim que a restrição de sentido que levou de “árvore” a “carvalho” dependeu de condições locais. De fato, justamente, ela não se deu no germânico, em que **dreu-* continua a ser o nome da “árvore” em geral (gót. *triu*, cf. inglês *tree*), enquanto para o “carvalho” existe um termo particular **aik-* (al. *Eiche*).

Podemos agora reconstruir o desenvolvimento das formas indo-européias numa outra perspectiva. Dessa raiz **dreu-* vêm os adjetivos scr. *dhruva-* (o *dhé* secundário, analógico; ocupa o lugar de um *d* antigo), ir. *druva-* “sólido, firme, em boa saúde”; com *su-* inicial, eslavo *sŭdravŭ* “saluus, saudável”; em báltico, lit. *druvas* “forte, sólido” (cf. pruss. *druwis* “fé, garantia”, *druwit* “crer, ter fé”); em grego mesmo (fala argiva) *dro(w)ón* traduzido por *iskhurón* “forte”, segundo uma glosa de Hesíquio. E um desenvolvimento em que se insere naturalmente toda a família de *Treue* (gótico *triggws* “fiel”).

Mas, de outro lado, **dreu-* fornece também um adjetivo **drū* “forte, resistente, duro”, que se tomou o nome de “a árvore”. Daí resulta que esses desenvolvimentos lexicais se colocam em níveis diversos: o sentido de “fidelidade”, próprio do germânico, se liga diretamente ao da raiz indo-européia, enquanto o de “árvore” logo se particularizou, por vezes, como no grego, subsistindo sozinho.

Aqui se constata plenamente a diferença entre a **significação** e a **designação**, e a distância que pode separá-las, a tal ponto que, não se dispondo de referências lexicais, muitas vezes a **designação** não permite presumir nada a respeito da **significação**. (VOC I [1969], 1995b, p. 108, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Em uma discussão mais ampliada do que a que se encontra em *Problemas semânticos da reconstrução* (1954), em PLG I, Benveniste, nesse texto de VOC I, dedica-se a refazer os caminhos do campo de “fidelidade pessoal”, entendida pelo autor como “a ligação que se estabelece entre um homem que detém a autoridade e aquele que lhe é submisso por um compromisso pessoal” (VOC I [1969], 1995b, p. 104). Para tanto, novamente, dedica-se a desconstruir o ponto de vista estabelecido por Osthoff, o qual estudou grupo de palavras e construções ligadas a “fidelidade” em *Etymologica Parerga*.

Para Osthoff, o grego *drūs* (“carvalho”) é o símbolo concreto das qualidades que condensam sua expressão mais abstrata marcada no grupo de palavras relativo a “fidelidade”. No entanto, Benveniste falseia com facilidade tal proposição, fornecendo-nos o dado de que o carvalho é uma árvore de área específica, não estando ela na região de língua grega. Nas palavras do linguista, “os indo-europeus não podiam conhecê-lo e designá-lo [o carvalho] com um nome comum, pois ele não existe em todos os lugares” (VOC I [1969], 1995b, p. 105). Diante disso, desfaz-se rapidamente o argumento de que o sentido primeiro, original, de fidelidade está ligado à firmeza do carvalho. De acordo com o linguista, de sentido primeiro, “carvalho” passa a sentido último, “restrito ao grego, de uma evolução em que ‘árvore’ é a etapa intermediária, e que deve partir de uma noção inicial como a de ‘ser firme, sólido’” (VOC I [1969], 1995b, p. 107). Assim, partindo do sentido inicial como “sólido, forte, firme”, Benveniste passa a apontar caminhos para possíveis reconstruções do campo semântico dessa palavra.

No momento de sua reflexão em que nos perguntamos como se passou de “fidelidade” a “carvalho” – aparentemente distantes – em um mesmo campo semântico, Benveniste “constata plenamente” a diferença entre *significação* e *designação* e a distância que pode separar uma da outra. Ele vai além e afirma que, em alguns casos, se não se dispõe de referências de uso, torna-se quase impossível ligar a designação à sua significação “original”. Embora a constatação da diferença entre *significação* e *designação* não me seja tão óbvia nesse texto, tais termos parecem adquirir valores de *sentido estabilizado, comum*, para significação e *uso específico* para designação.

2.1.2.4 O parentesco resultante do casamento

Por toda parte encontramos **designações** fixas, com correspondências regulares, mas cujo **sentido** etimológico nos escapa. Vários desses termos logo foram substituídos por outros, mais claros e analíticos: “irmão do marido”, “irmã da mulher” etc.” (VOC I [1969], 1995b, p. 251, aspas do autor, negritos meus).

Quinto integrante da segunda parte de VOC I – intitulada *O vocabulário do parentesco* –, esse texto aborda as diferenças de nomenclatura entre as relações de parentesco consanguíneo e de parentesco resultante de casamento.

Para Benveniste, diferentemente das línguas modernas – que empregam as mesmas palavras fundamentais do parentesco consanguíneo para as relações resultantes de casamento, diferenciando-os apenas por meio de procedimentos lexicais próprios a cada língua –, em indo-europeu antigo, as relações de parentesco advindas do casamento têm sua própria nomenclatura, assim como as relações consanguíneas. Assim, o linguista passa a decompor os termos para reconstruir seus sentidos, a partir de comparações com outras estruturas de mesma língua e de línguas de mesmo tronco.

Passando por línguas como grego, latim, sânscrito, armênio, eslavo, lituânio, iraniano, frígio, Benveniste compreende que, em todas as línguas, há *designações* fixas, com correspondências relativamente regulares, mas com *sentido* etimológico de difícil apreensão. Em outro excerto do mesmo texto, o linguista afirma, sobre o termo latino *uxor* (“esposa”), que os nomes relativos ao parentesco advindo do casamento “[...] guardam a dupla particularidade de ter forma constante e sentido preciso, mas, por outro lado, devido à sua própria antiguidade, são de difícil análise” (VOC I [1969], 1995b, p. 248). Por comparação, Benveniste parece utilizar *designação*, no excerto em discussão, com valor de “forma”, de “usos”, tal como se apresenta na página 248, já citada. Nesse caso, *designação* e *sentido* funcionariam como sinônimos de forma e sentido, respectivamente³².

³² Ainda que o par *forma-sentido* integre o grupo de conceitos basilares para a compreensão da reflexão sobre Enunciação de Benveniste, não é meu objetivo, neste momento, discuti-lo.

2.1.2.5 O censor e a auctoritas³³

O *censor* é um magistrado, mas o verbo *censeo* não **significa** nada além de “estimar, julgar, enunciar uma opinião”, ao passo que o *census* é uma operação técnica: estimativa da fortuna e classificação dos cidadãos. O próprio verbo é conhecido fora do latim, numa língua itálica: no osco, temos o infinitivo *censaum* “censere”, e também um substantivo *kenzstur*, *kenzsur* “censor”, imitando provavelmente o latim. Por outro lado, o termo correspondente em indo-iraniano apresenta um desenvolvimento considerável de formas verbais e nominais, com uma diferença de sentido bastante marcada: é a raiz de scr. *śams-* “louvar, pronunciar o elogio de” e do abstrato *śasti* “louvor, elogio, récita dos hinos”. Paralelamente a scr. *śams-*, temos em iraniano: 1. avéstico *saṅh-* “enunciar solenemente, pronunciar”, 2. persa antigo *θanh-* e *θah-*, comumente traduzido por “proclamar”. Restitui-se assim um tema verbal indo-europeu **kens-*, cujo sentido, de acordo com todos os dicionários, seria “proclamar solenemente”. No entanto, o sentido muito preciso dos termos latinos não condiz bem com uma definição tão vaga, que, aliás, também caberia a vários outros verbos. O magistrado chamado *censor* tem o papel, em primeiro lugar, de recensear os cidadãos. É o *census*, o “censo”, que confere a **designação** de *censor* sua plena **significação**. Avaliar a fortuna privada e atribuir a cada um uma posição determinada: essa função hierarquizante deve derivar de um sentido já especializado da raiz.” (VOC II [1969], 1995c, p. 146, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Nesse texto, que integra a seção intitulada *O direito*, de VOC II, Benveniste dedica-se a desconstruir e reconstruir as origens etimológicas e culturais das palavras latinas *censor* (magistrado romano com funções normativas, dentre as quais recensear os cidadãos) e *auctoritas* (autoridade), bem como das demais noções a elas relacionadas.

Ao remontar à origem de *censor* até chegar ao tema **kens-*, Benveniste contempla também palavras complementares, de mesma raiz, como o verbo *censeo* e o substantivo *census*. A partir dessa análise de *censor* e suas palavras correlatas, surgem as ocorrências de *designação* e *significação*, para explicar seu sentido. Nesse contexto, em “É o *census*, o ‘censo’, que confere à designação de *censor* sua plena significação” (VOC II [1969] 1995c, p. 146); aqui, *designação* parece adquirir valor de “emprego” e *significação*, de “sentido”.

³³ A partir desse texto, passamos para o segundo volume de VOC.

2.1.2.6 Religião e superstição

Abordamos agora o segundo termo, infinitamente mais importante sob todos os aspectos: é o latino *religio*, que permanece, em todas as línguas ocidentais, palavra única e constante, para a qual jamais houve equivalente ou substituto.

Que **significa** *religio*? Discute-se sobre isso desde a Antigüidade. Os antigos não chegavam a um acordo; os modernos permanecem divididos. Hesita-se entre duas explicações que alternativamente se afirmam, encontram novos defensores, mas não permitem uma escolha decisiva. São representadas, uma delas por Cícero que, em seu texto reproduzido mais adiante, liga *religio* a *legere*, “colher, congregar”, a outra por Lactâncio e Tertuliano, que explicam *religio* por *ligare* “ligar”. É ainda entre *legere* e *ligare* que se dividem os autores atuais.

Citamos apenas os principais estudos. À explicação de Cícero aderiu W. Otto, seguido por J. B. Hofmann. No sentido contrário, o dicionário de Ernout-Meillet se pronuncia nitidamente por *religare*, assim como o artigo *religio* do Pauly-Wissowa. Outros permanecem incertos: W. Fowler faz uma boa análise descritiva do sentido de *religio*, mas com referência à etimologia cita a opinião de Conway, para quem “tanto uma como outra explicação pode ser defendida”. [...]

No sentido inverso, para Lactâncio, a religião é um “vínculo” de piedade que nos “religa” à divindade, *vinculo pietati sobstricti et religati sumus*. A opinião de Lactâncio é adotada por Kobbert que define *religio* “como uma força externa ao homem, um tabu relacionado a certas épocas, a certos lugares, a certas coisas, e pelo qual o homem privado de sua vontade é ligado, atado”.

Inicialmente é necessário nos perguntarmos o que *religio* **designa** realmente, quais seus empregos próprios e constantes. (VOC II [1969], 1995c, p. 269-270, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Segundo Benveniste, é impossível definir, com o vocabulário indo-europeu, aquilo que comumente se chama de religião. Nas sociedades indo-europeias, a instituição “religião”, aparentemente, não estava separada das demais instituições, de modo que não há uma palavra na língua para nomeá-la. Todas as ações, até mesmo as mais cotidianas, dos povos do tronco indo-europeu, estavam permeadas pelos ritos, mitos, cultos e crenças. Conforme aponta o linguista, “nas civilizações que estamos estudando, tudo está imbuído de religião, tudo indica um signo, um jogo ou um reflexo das forças divinas” (VOC II [1969], 1995c, p. 268).

Diante da inviabilidade de se encontrarem palavras constantes e comuns nas línguas para nomear tal instituição, Benveniste decide fixar-se no estudo de apenas dois termos que “podem passar por equivalentes de ‘religião’”: as palavras *thrēskeía* (grego) e *religio* (latim).

Após dedicar-se brevemente ao estudo de *thrēskeía*, o linguista passa a observar com mais ênfase *religio*, por ser a única que permanece constante em todas as línguas ocidentais, sem correspondente ou palavra que a substitua. No contexto discursivo que ora comento, temos a ocorrência tanto de *significa* quanto de *designa*. Em “que significa *religio*?”, temos valor de “definição” atribuído a *significa*, como em um verbete de dicionário, isto é, um termo deve significar algo, ter definição. Por sua vez, em “o que *religio* designa realmente”, temos, ao que me parece, na sequência do

parágrafo, a própria explicação do valor assumido por *designar*, nesse excerto, a saber: “seus empregos próprios e constantes”. Poderíamos acrescentar, após a vírgula de “o que *religio* designa realmente”, uma expressão explicativa como “ou seja, isto é” etc., ou até mesmo substituir a vírgula por um símbolo de igualdade, uma vez que “o que *religio* designa realmente” equivale e se define por quais são “seus empregos próprios e constantes”.

2.1.3 Problemas de Linguística Geral II

Após a grande repercussão não só na Europa, mas, também, mundial³⁴ de PLG I, em 1966, e de VOC I e II, em 1969, surgiu um forte interesse por parte do universo acadêmico em relação aos escritos de Benveniste. Máquina de produzir artigos, capaz de deixar boquiabertos até mesmo os criadores dos índices de produtividade desumanos do CNPq, o mestre tinha diversas publicações valiosas para os estudos da linguagem que não figuravam em nenhum de seus livros até então lançados. Seus textos estavam espalhados em periódicos diversos, tanto de linguística quanto de outras áreas, como filosofia³⁵ e antropologia³⁶, além de serem redigidos nas mais diversas línguas³⁷, de modo que seria, de fato, pertinente organizar algumas de suas publicações em um único livro.

Nesse contexto, conforme nos conta Mohammad Djafar Moïnfar em PLG II, Michel Lejeune e ele propuseram a Benveniste, já hospitalizado e afásico à época³⁸, a seleção e a organização de um novo volume de PLG, com 20 artigos selecionados no período de 1965 a 1972. O segundo volume de PLG conta com as mesmas divisões propostas por Benveniste no primeiro volume, mas a escolha dos textos ficou a cargo de Moïnfar e Lejeune, ainda que com a supervisão do mestre.

Novamente, como em PLG I, as temáticas dos artigos de Benveniste são variadas e se filiam a uma linguística que se pode dizer geral, de maneira que fazem,

³⁴ Para que se tenha uma ideia, os PLG foram traduzidos para o espanhol e o inglês em 1971, cinco anos após sua publicação original. Trata-se de um tempo bastante curto, considerada a realidade do período.

³⁵ Por exemplo, *A forma e o sentido na linguagem* e *A blasfemia e a eufemia*.

³⁶ Por exemplo, *A linguagem e a experiência humana* e *Dois modelos linguísticos de cidade*.

³⁷ Por exemplo, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, originalmente publicado em um evento na Itália; *As transformações das categorias linguísticas*, publicado somente em versão inglesa, para um simpósio de linguística histórica.

³⁸ Benveniste sofreu um acidente vascular cerebral no dia 6 de dezembro de 1969, o que o deixou quase que totalmente paralisado e afásico até o fim de sua vida, em 1976.

de fato, jus ao título do livro. No que diz respeito ao estudo do par *designação-significação*, ele não figura como o centro de interesse de nenhum dos textos do linguista nesse volume, mas é parte integrante de suas reflexões, ainda que de forma paralela ou marginal.

Quadro 5 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em PLG II.

TEXTO		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página	
Problemas de Linguística Geral II	1	<i>Estruturalismo e linguística</i>	0	11	16-25	
	2	<i>Esta linguagem que faz a história</i>	0	17	31-38	
	3	<i>Semiologia da língua</i>	8	46-64	45	43-67
	4	<i>A linguagem e a experiência humana</i>	3	69, 70,75	2	76
	5	<i>O aparelho formal da enunciação</i>	1	85	3	83,88,89
	6	<i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i>	7	96-100	12	95-104
	7	<i>Mecanismos de transposição</i>	4	117	3	121-126
	8	<i>As transformações das categorias linguísticas</i>	4	133, 135	4	132, 137
	9	<i>Por uma semântica da preposição alemã vor</i>	2	142,143	1	141
	10	<i>Fundamentos sintáticos da composição nominal</i>	11	149-158	7	150-164
	11	<i>Formas da nova composição nominal</i>	23	168-179	11	166-176
	12	<i>O antônimo e o pronome no francês moderno</i>	2	203, 204	1	205
	13	<i>A forma e o sentido na linguagem</i>	1	223	49	222-242
	14	<i>Difusão de um termo de cultura: o latim orarium</i>	2	246, 247	0	
	15	<i>Gênese do termo "científique"</i>	1	253	3	254, 256
	16	<i>Como se formou uma diferenciação lexical em francês</i>	9	268-276	5	263-276
	17	<i>Dois modelos linguísticos de cidade</i>	4	280-286	7	279-283
TOTAL		82		170		

Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como foi feito com as obras anteriormente lidas, foi realizada uma pesquisa inicial em todos os textos, conforme aponta o quadro 5, e, após isso, foram aplicados os critérios de seleção, de forma que, dos 17 textos em que ocorreram as palavras de busca, restaram três contextos discursivos significativos para esta pesquisa, aos quais passo a seguir.

2.1.3.1 *Semiologia da língua*

Consideramos inicialmente o funcionamento dos sistemas ditos artísticos, o da imagem e o do som, deixando de lado deliberadamente sua função estética. A “língua” musical consiste em combinações e sucessões de sons, diversamente articulados; a unidade elementar, o som, não é um signo; cada som é identificável na estrutura da escala da qual ele depende, não sendo dotado de **significação**. Eis o exemplo típico de unidades que não são signos, que não **designam**, sendo somente os graus de uma escala na qual se fixa arbitrariamente a extensão. Temos aqui um princípio discriminador: os sistemas fundados sobre unidades dividem-se entre sistemas com unidades significantes e sistemas com unidades não significantes. Na primeira categoria coloca-se a língua; na segunda, a música. Nas artes figurativas (pintura, desenho, escultura) com imagens fixas ou móveis, e a existência mesma de unidades que constitui matéria de discussão. De que natureza seriam elas? Se se trata de cores, reconhece-se que elas compõem também uma escala na qual os graus-principais são identificados por seu nome. Elas são **designadas**, mas não **designam**; elas não remetem a nada, não sugerem nada de uma maneira unívoca. O artista as escolhe, amalgama-as, dispõe-nas à vontade sobre a tela, e é finalmente na composição apenas que elas se organizam e assumem, tecnicamente falando, uma “**significação**”, pela seleção e pelo arranjo. O artista cria assim sua própria semiótica: ele institui suas oposições em traços que ele próprio torna significantes em sua ordem. Ele não recebe então um repertório de signos, reconhecidos como tais, e ele não estabelece um repertório. Este material, a cor, comporta uma variedade ilimitada de nuances graduáveis, nenhuma das quais encontra equivalência com um “signo” linguístico. (PLG II [1974], 2006, p. 58, aspas do autor, negritos meus).

Texto-chave para compreender boa parte da reflexão sobre língua de Benveniste, *Semiologia da língua* (1969) trata, dentre outras questões, da sistematização dos conceitos de *semiótico* e *semântico*, basilares para a compreensão dos elementos que formam a antropologia da linguagem³⁹ de Benveniste.

Para chegar ao desenvolvimento das noções de *semiótico* e *semântico*, Benveniste inicia seu raciocínio cotejando os pontos de vista de Peirce e Saussure a respeito dos signos, mais especificamente no que diz respeito ao trato dado por cada um dos cientistas ao signo linguístico. De um lado, um semioticista que pouco ou nada teoriza sobre a língua como signo, relegando-a a um papel pouco relevante, como integrante qualquer de um grande sistema de signos indistintos. De outro, um linguista que coloca a língua como o principal dentre os sistemas de signos, balizando a organização de todos os demais sistemas conforme o ponto de vista da língua.

Claramente, Benveniste alinha-se ao ponto de vista de Saussure, por entender que a reflexão do genebrino leva em conta a língua em si mesma e, também, por

³⁹ A ideia de uma antropologia da linguagem em Benveniste se faz presente na leitura de diversos de seus exegetas. Cada qual a seu modo, os autores apontam a necessidade de se compreender a reflexão linguística benvenistiana acerca de uma antropologia da linguagem. É possível encontrar esse debate, principalmente, nas discussões de Dessons (2006), Meschonic (2009), Fenoglio e Coquet (2012), Flores (2013), Laplantine e Pinault (2015), Malamoud (2016). A esse propósito, Flores (2017) apresenta um ponto de vista bastante original, em que, ao mesmo tempo em que se alinha ao dos outros autores sobre a antropologia da linguagem em Benveniste, promove um deslocamento dessa discussão para uma reflexão valiosa sobre o que denomina de antropologia da enunciação.

conceber – e esta é uma tese sua, original em relação à abordagem saussuriana – a língua como um “eixo” dos sistemas de signos, por ser a única capaz de interpretar aos outros e a si mesma (noção de *interpretância*). Diante dessa posição privilegiada ocupada pela língua, desde a ótica saussuriana, Benveniste se dispõe a aprofundar seu olhar em relação ao lugar por ela ocupado em relação aos outros sistemas. Em que se diferenciam? Em que se assemelham?

Com a compreensão de que a noção de *unidade* está no cerne da questão dos sistemas semiológicos, Benveniste julga pertinente diferenciá-la da noção de *signo*, uma vez que não são sinônimas. Ao desenvolver sua argumentação sobre a diferenciação entre signo e unidade, o linguista questiona-se se todas as unidades dos sistemas semióticos são signos, ao que afirma que “o signo é necessariamente uma unidade, mas a unidade pode não ser um signo” (PLG II [1974], 2006 p. 58). O autor ilustra, então, tal diferença com os exemplos dos sistemas da música e das artes figurativas, passagem do texto em que ele se vale das palavras que me interessam neste momento: *significação e designação*.

Com o exemplo da unidade “som”, Benveniste afirma que, apesar de identificáveis entre si, os sons não têm *significação*, o que, desde meu ponto de vista, pode ser lido, nesse caso, como “sentido”. Na sequência, o autor tece comentários a respeito do sistema da música: “[...] eis o exemplo de unidades que não são signos, que não *designam*” (PLG II [1974], 2006 p. 59). *Designam*, aqui, tem, como antecedente sua definição mesma: pela construção, é possível interpretar o fato de designar como uma das características necessárias para ser signo, o que, conforme o semanticista, o sistema da música não faz.

Ainda no mesmo excerto, o semanticista passa ao sistema das artes plásticas, com suas cores e traços. Mais uma vez, o mestre parece indicar o valor que adquire *designar*, nesse momento: ao postular que “[...] Elas [as cores] são designadas, mas não designam; elas não remetem a nada, não sugerem nada de uma maneira unívoca”, o fato de “não remeter a nada”, não conter referência, refere-se a *designar*, cujos valores assumidos, aqui, parecem ser os acima apresentados. No que diz respeito à *significação*, Benveniste defende que, a cada novo arranjo de cores sobre a tela, há uma nova *significação*, com sua própria semiótica. Tal semiótica se distancia do sistema da língua, na medida em que, a cada nova tela, serão criados novos signos, que terão valor sempre e somente naquela tela; na língua, a sua semiótica é compartilhada através dos signos reconhecidos pela massa de falantes, de modo que

o valor da *significação* das artes, aqui, parece diferir do da significação da língua, uma vez que, em uma, há um semiótico compartilhado, enquanto em outra há um semiótico novo a cada produção.

É curioso o fato de que as ocorrências de *designar* e *significar* apareçam, nesse texto, a partir de negações: o som *não* é dotado de significação; o som *não* designa. De igual maneira, a negação se dá com o exemplo das artes plásticas: as cores são designadas, mas *não* designam. Há, ainda, a peculiaridade da significação nos sistemas artísticos: apresentam uma significação própria, sem signos compartilhados. Talvez seja o caso de se pensar que esses sistemas não têm a capacidade de designar e significar, porque essas propriedades são intrínsecas à língua e somente a ela.

Temos, então, no contexto discursivo aqui interpretado, que a designação e a significação são elementos bastante relevantes para a comprovação de Benveniste sobre o papel norteador da língua dentre os sistemas semiológicos. Além disso, suas definições se dão pelo que elas não são, pela negatividade, movimento bastante semelhante à definição de valor em Saussure.

2.1.3.2 A linguagem e a experiência humana

A temporalidade linguística é, ao mesmo tempo muito nítida em suas três articulações distintas e muito limitada em cada uma delas. Centrada no “hoje”, ela não pode ser deslocada para trás e para frente senão a distancia de dois dias: para trás, “ontem” e “anteontem”; para frente, “amanha” e “depois-de-amanhã”. É tudo. Uma terceira gradação (“tras-antes-de-ontem”; “depois de depois de amanhã”) é coisa excepcional; e mesmo a segunda não tem frequentemente expressão lexical independente; “antes de ontem” e “depois-de-amanhã” não são senão “ontem” e “amanhã” levados a um grau mais distante em sua ordem. Não resta senão “ontem” e “amanhã”, separados e determinados por “hoje”, como termos originais marcando as distâncias temporais a partir do presente lingüístico. Algumas qualificações são ordenadas na mesma perspectiva: “último” (“o último inverno; a última noite”) e “próxima” (“a próxima semana; o próximo outono”) não comportam senão “ontem” e “amanhã” de localização fixa e única. O que caracteriza as séries de **designações** de ordem intersubjetiva, como se vê, é que uma translocação espacial e temporal torna-se necessária para objetivar os signos tais como “este”, “eu”, “agora”, que têm a cada vez um referente único na instância de discurso e somente ele. Esta transferência faz aparecer a diferença de planos entre os quais deslizam as mesmas formas linguísticas, segundo sejam consideradas no exercício do discurso ou em estado de dados lexicais. (PLG II [1974], 2006, p. 79, aspas do autor, negrito meu).

Em *A linguagem e a experiência humana* (1965), Benveniste apresenta, como em muitos de seus textos, um estudo sobre como a experiência humana situa-se na linguagem. Para tanto, decide investigar as categorias que expressam na língua a

experiência subjetiva dos falantes. As categorias de expressão a que se refere o autor são entendidas como um sistema de referências “pessoais de que cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira” (PLG II [1974], 2006, p. 68).

Fazem parte desse sistema de referências categorias de pessoa e tempo⁴⁰. Dentre essas formas, o autor destaca como mais “ricas” para exploração as formas que marcam o *tempo*. Embora aborde também as categorias de espaço e pessoa, é à última categoria a que se dedica o mestre nesse artigo publicado na revista *Diogenes*. Benveniste faz, nesse texto, a distinção entre *tempo físico*, *tempo crônico* e *tempo linguístico*. O estudo sobre o *tempo* desenvolvido pelo autor é primoroso, na medida em que observa a distinção entre três modos de concepção do tempo, verificando que há um tempo específico da fala e que a experiência humana do tempo só se manifesta através do tempo do discurso.

No que diz respeito à ocorrência das palavras de meu interesse para esta tese, destaco o uso do sintagma “designações de ordem intersubjetiva”. Ao utilizar essa expressão, Benveniste faz referência ao que comumente se chama de marcadores/indicadores de espaço e tempo da enunciação. A expressão está ligada, nesse contexto discursivo, então, a “instância de discurso”, “translocação espacial e temporal”, todos eles, por sua vez, ligados à construção da subjetividade no discurso. O valor adquirido, aqui, aproxima-se, em certa medida, do valor que aparece no contexto discursivo discutido anteriormente, em *Da subjetividade na linguagem* (cf. 2.1.1.2), pois *designação*, naquele contexto, também estava ligada à construção da própria subjetividade. Naquele, a *designação* correspondia à designação de si mesmo, do locutor como sujeito; neste, trata-se da designação dos elementos que orbitam em torno desse locutor que se autodesigna como “eu”: indicadores de tempo e de espaço, sempre submetidos a “eu” e também fundamentais para a constituição da enunciação como fenômeno da língua-discurso.

⁴⁰ Embora esteja minimamente estabelecido no meio acadêmico que Benveniste estuda as categorias de pessoa, tempo e espaço, Barboza (2013) destina seu estudo a verificar de que modo comparece a noção de *espaço* na obra do linguista sírio, tendo em vista o fato de que o autor, de fato, dedicou pouquíssimas linhas ao espaço, diferentemente do que faz com tempo e pessoa.

2.1.3.3 *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. É esta parte da língua que tem sido mais frequentemente estudada. Ela consiste na verdade, principalmente mas não exclusivamente, em **designações**, em fatos de vocabulário. O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc. Como é este o aspecto que é melhor explorado da relação da língua com a sociedade, da língua como conjunto e como sistema de **designações**, constante, portanto, constantemente renovada, alargada, não insistiremos de uma maneira detalhada nisto. Limitar-nos-emos a fazer aparecer aqui alguns traços desta faculdade semântica. Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista só adquirem todo seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados a sua referência. Existe aí um mecanismo complexo cujos ensinamentos é preciso interpretar prudentemente. O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas **designações** de que ela faz uso, pois as **designações** podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. Aí está um fato de experiência frequente e que se verifica constantemente, e os melhores exemplos são precisamente o termo “língua” e o termo “sociedade” que estamos utilizando agora a cada instante. A diversidade das referências que se pode dar a um e a outro destes termos é o testemunho e a condição do emprego que devemos fazer das formas. O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de *subsumir* em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da **significação**. (PLG II [1974], 2006, p. 100, aspas e itálico do autor, negritos meus).

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* (1968), Benveniste procura estabelecer o fundamento da relação entre língua e sociedade, como o título permite antever. Para o linguista, a linguagem é o único meio de atingir o outro. Ora, se a definição de outro e de homem é dada pela linguagem mesma, há uma relação de interdependência e mutualidade entre linguagem e sociedade, de forma que “a sociedade é dada **com** a linguagem” (PLG II [1974], 2006, p. 83, negrito meu). Segundo Benveniste, apesar de suas existências estarem intrinsecamente ligadas, não se pode, entretanto, estabelecer analogias diretas entre a língua e a sociedade, como se uma fosse reflexo/gêmea da outra. Gêmeas, sim, mas bivetelinas: apresentam a mesma concepção e gênese, mas se desenvolvem de modos diferentes e se tornam outras, a despeito da mesma origem.

Benveniste afasta-se teoricamente tanto de estudiosos que compreendem que a língua é o espelho da sociedade – como seu mestre Meillet – quanto de estudiosos que entendem que sociedade e cultura são independentes da língua. Como é próprio de seu modo de pensar sobre a linguagem e o homem, o semanticista propõe uma visada que aponta uma terceira via, em que opera distinções entre língua e sociedade

e a partir da qual deriva dois níveis, o histórico e o fundamental⁴¹, debruçando-se somente sobre este.

Diante dessa tomada de posição, o linguista esclarece que a relação entre língua e sociedade por ele adotada será a do ponto de vista semiológico: interpretante (língua) e interpretado (sociedade). A língua é considerada, então, como interpretante da sociedade; em decorrência dessa primeira proposição, Benveniste formula a seguinte: a língua contém⁴² a sociedade.

Ancorado nessas duas proposições, Benveniste passa a refletir sobre o papel da língua como interpretante da sociedade. Nesse sentido, o autor explicita propriedades inerentes à língua que a tornam o interpretante dos outros sistemas semiológicos e orienta seus argumentos em direção ao estabelecimento de relações lógicas e funcionais entre língua e sociedade

Ao longo de sua argumentação, surgem as ocorrências de *design-* e *signific-*, cujo contexto está explicitado na citação anterior. Temos, nesse contexto, diferentemente do que ocorre em *A linguagem e a experiência humana* (cf. 2.1.3.2), um valor assumido por *designação* como “fatos de vocabulário”, nas palavras do próprio Benveniste. Então, *designação* está ligada às expressões “historiadores da sociedade e da cultura” e “semantismo social”, no sentido de ser testemunho de sincronias/realidades de sociedades-culturas-línguas, ainda que se encontre no nível fundamental da língua. Observe-se que, ao decidir por manter-se no nível fundamental, o mestre compreende que, nesse nível, nada (nem língua nem sociedade) pode ser mudado pela vontade dos homens. No nível fundamental, “a língua pode acolher e nomear todas as novidades que a vida social [...] produz, mas nenhuma destas mudanças reage diretamente sobre sua própria estrutura” (PLG II [1974], 2006, p. 98). Mesmo que se alterem as designações ao longo do tempo (nível histórico) e que, portanto, a língua mude (nível histórico), seu sistema permanece intacto (nível fundamental).

Já abordei, nessa seção, que Benveniste estabelece uma divisão entre nível histórico e nível fundamental para as duas instituições – língua e sociedade – e que

⁴¹ O nível histórico diz respeito aos dois sistemas – tanto da língua quanto da sociedade – como dados empíricos e históricos, verificáveis. O nível fundamental, por sua vez, trata de sociedade e língua como coletividades humanas, base e condição primeira para a existência dos homens e das línguas.

⁴² Respeitando o esclarecimento de Benveniste ao pontuar que a proposição “a língua contém a sociedade” significa que “a língua inclui a sociedade”, compreendo que “conter” pode, também, ser entendido aqui como “controlar, regular, reter”, uma vez que o único modo de interpretar a sociedade é através da língua, a qual apresenta normas próprias, que podem ou não coincidir com as da sociedade, de modo que “conter” pode ser, também, barrar.

decide por manter-se no primeiro deles. Apesar de tais níveis estarem aparentemente separados, parece-me haver um ponto de convergência entre eles: trata-se do fenômeno da designação aliado à significação. Uma vez que *designação-significação* integram o nível fundamental, mas, ao mesmo tempo, o “semantismo social”, os “testemunhos que a língua dá” estão diretamente relacionados à coordenação entre os fenômenos de designar e significar, pois estes só “adquirem todo seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados à sua referência”. (PLG II [1974], 2006, p. 100).

Por sua vez, o termo *significação*, no trecho “O que se chama de polissemia resulta desta capacidade que a língua possui de *subsumir* em um termo constante uma grande variedade de tipos e em seguida admitir a variação da referência na estabilidade da significação” (PLG II [1974], 2006, p. 83, grifo do autor), tem valor de “sentido” e está ligado a um aspecto mais “fixo” da língua, mais estável, mais constante, enquanto o termo *referência*, nesse caso, tem valor de “designação”. Entre outras palavras, ao definir *polissemia*, Benveniste coloca em funcionamento o par *designação-significação*, essenciais para explicar, linguisticamente, como é possível que uma mesma forma seja capaz de incorporar vários sentidos.

2.1.4 Últimas Aulas no Collège de France – 1968-1969

Publicadas em 2012, na França, e em 2014, no Brasil, as *Últimas Aulas* constituem uma compilação de notas manuscritas⁴³ preparatórias para os seminários de Benveniste no *Collège de France*, nos anos letivos de 1968-1969 e 1969-1970 (primeira aula apenas), além de anotações de alguns de seus alunos durante os seminários⁴⁴.

Devido à condição física do professor a partir de dezembro de 1969, suas aulas tiveram de ser abandonadas. Restaram, então, as notas de seu último curso, que, somadas às notas do curso do ano anterior e também às anotações de alunos que acompanharam as aulas, compõem esse livro.

⁴³ Assumo, tanto para *Últimas Aulas* quanto para *La traduction...*, o ponto de vista adotado por Fenoglio (2009) no que diz respeito a notas de trabalho. Diz a autora: “designamos por ‘nota de trabalho’ toda formulação escrita por Benveniste e que entra, de uma maneira ou de outra, no processo de escrita de um artigo” (FENOGLIO, 2009, p. 24).

⁴⁴ Para o estabelecimento do texto das *Últimas Aulas*, foram utilizados os cadernos de Jacqueline Authier-Revuz, Claudine Normand e Jean Claude-Coquet.

Embora de autoria atribuída a Benveniste, a organização da obra, bem como a inclusão de notas de alunos, foi estabelecida por dois de seus grandes leitores: Irène Fenoglio e Jean-Claude Coquet. As notas apresentadas nas *Últimas Aulas* integram um acervo de manuscritos de Benveniste, uma parte do qual está disponível na biblioteca do *Collège de France*⁴⁵ e outra parte, na *Bibliothèque Nationale de France*.

Como em todas as outras obras até então pesquisadas nesta tese, encontramos, nas *Últimas Aulas*, a presença do Benveniste que não recusa o bom combate de ideias, o Benveniste da “polêmica fundamentada, [...] marca de seu estilo” (FLORES, 2014, p. 10). Publicação que, a seu modo, transformou os estudos sobre Benveniste, as *Últimas Aulas* apresentam, em breves momentos, as palavras por mim estudadas, como aponta o quadro 6. Dentre as três aulas em que há registros do foco dessa empreitada, serão realizados os movimentos de compreensão *lato* e *stricto sensu* em apenas um deles, em função da adoção dos critérios estabelecidos com base principalmente em Ono (2007). Os outros dois textos em que figuram *design-* e *signific-* – aulas 5 e 14 - não foram considerados relevantes para a reflexão que ora proponho.

⁴⁵ Principalmente os papéis orientalistas.

Quadro 6 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em *Últimas Aulas*.

		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página	
TEXTO						
Últimas Aulas no Collège de France	1	<i>Aula 1</i>	0	8	90-92	
	2	<i>Aula 2</i>	0	2	95, 98	
	3	<i>Aula 3</i>	0	1	100	
	4	<i>Aula 4</i>	0	4	103-106	
	5	<i>Aula 5</i>	1	111	6	109-112
	6	<i>Aula 6</i>	0		4	116
	7	<i>Aula 7</i>	0		22	119-122
	8	<i>Aula 8</i>	0		2	128,129
	9	<i>Aula 9</i>	0		1	138
	10	<i>Aula 10</i>	0		4	142, 146
	11	<i>Aula 11</i>	0		6	151
	12	<i>Aula 12</i>	0		5	155-158
	13	<i>Aula 14</i>	3	167	8	167-172
	14	<i>Aula 15</i>	1	174	18	173-182
	15	<i>Última aula</i>	0		14	185-194
TOTAL		5		105		

Fonte: Elaborado pela autora.

2.1.4.1 Aula 14

Até aqui estudamos a escrita enquanto *fenômeno* e na perspectiva da língua para analisar o seu funcionamento. Hoje, gostaria de considerar a escrita enquanto *operação* e em suas *denominações*. A operação só existe se denominada. Há, portanto, aqui, um processo linguístico: como uma língua nomeia o ato que lhe dá expressão escrita. Que **significam** os termos empregados, e não o que **designam**, o que já sabemos. É uma análise de terminologia que é instrutiva se, e na medida em que, podemos distinguir entre a **designação** e a **significação**.

Há uma ordem imposta pela experiência e pela pedagogia: primeiro ler, depois escrever. Mas essa não é a ordem da invenção⁴⁶. É o *escrever* que foi o ato fundador. Pode-se dizer que esse ato transformou todo o perfil das civilizações, que foi o instrumento da revolução mais profunda por que passou a humanidade depois do fogo.

Constata-se, de início, uma linha divisória entre dois mundos da língua e da civilização: de norte a sul (Mesopotâmia, Egito) e de leste a oeste. A leste, na realidade das **designações** linguísticas (e também nas outras manifestações), encontramos civilizações do escrito caracterizadas pela primazia intelectual e social da coisa escrita. A escrita foi o princípio organizador da sociedade; é a civilização do escriba. A oeste, no mundo indo-europeu, é exatamente o contrário. O mundo edificou-se ali sem escrita e até mesmo no desprezo da escrita.

No Egito e na Suméria, há monumentos, estátuas, que atestam a importância do escriba. A escrita é um dom divino. Nas mitologias indo-europeias, nada disso. Este ato não é contado entre as grandes

⁴⁶ Em função de que se trata de uma obra cujas notas de alunos e professor estão mescladas, mas diferenciadas tipograficamente (as notas tomadas dos cadernos de Jean-Claude Coquet e Jacqueline Authier-Revuz estão em fonte menor que as notas de Benveniste), reproduzo, aqui, a diferenciação, ao mesmo tempo em que aponto que, embora o livro como um todo seja atribuído a Benveniste, parte dele não integra a reflexão do autor, e, sim, os apontamentos de seus alunos. Não pretendo, contudo, problematizar essa temática; quero, apenas, destacá-la.

aquisições da humanidade. Não há divindade grega da escrita. (*Últimas Aulas* [2014], p. 167-168, itálicos do original, negritos meus).

Texto que propicia a retomada do interesse, por parte dos leitores de Benveniste, pelo par *designação-significação*, temos, na Aula 14, uma guinada nos estudos do mestre sobre a escrita: em vez de estudar a escrita como fenômeno, como nas aulas anteriores, interessa-lhe, nesse momento, observar a escrita enquanto operação fruto da capacidade humana de simbolizar, assim como em suas diferentes denominações.

Ao longo do texto, Benveniste se dedica a ver como é nomeado o ato de escrever em diferentes sociedades; trata-se, como o próprio linguista afirma, de uma análise de terminologia sobre o significado de *escrita*, *escrever* etc. De fato, ele lista as mais diversas nomeações para o ato de escrever, nas mais diferentes civilizações; para ser mais exata, traz à baila exemplos de 14 diferentes línguas.

Embora os termos *designação* e *significação* apareçam, nesse contexto discursivo, como conceitos – uma vez que Benveniste afirma ser necessário distinguir uma da outra –, não há, ao longo do texto, uma definição explicitada para nenhum dos dois. Isso faz parecer que os conceitos de *designação* e *significação* são elementos por todos compartilhados, de modo que seria desnecessária sua definição.

Apesar da lacuna na definição de *designação* e *significação* (talvez seja uma explicação presente somente na aula de fato dada por Benveniste, oralizada, e não constante na nota), é possível esboçar algum valor para esses termos, deduzido da totalidade do texto, das análises empreendidas pelo linguista, bem como do contexto discursivo em que se encontram as ocorrências.

Ainda que apareçam como termos diferentes, sendo inclusive afirmada a necessidade de diferenciá-los e de não os confundir, os termos *designação* e *significação*, nesse contexto discursivo, têm valor bastante próximo, tornando-se relativamente custoso diferenciar com nitidez um do outro. *Designar*, nesse caso, parece assumir valor de “nomear”, “dar nome ao ato de escrita”, “denominar”; *significar*, por sua vez, aparenta incorporar valor de “querer dizer”, “ter sentido de”.

Embora haja grande esforço e necessidade declarados por Benveniste para diferenciar *significar* de *designar* e embora se observe que ele tenta desenvolver, de fato, em seu raciocínio demonstrado ao longo da nota, certa distinção entre *designação* e *significação*, ambos os termos parecem adquirir um valor de uso

bastante próximo. Nos exemplos dados na Aula 14, *designar é significar*, dado que a significação só aparece a partir de diferentes nomeações, de diferentes realidades. Talvez a proximidade de designar e significar, nesse caso, ocorra em função da palavra “nomear”, que subsume tanto designar quanto significar. Ao se nomear algo – a escrita, nesse caso –, designa-se e significa-se ao mesmo tempo o que é nomeado; ambas as operações co-ocorrem no ato de nomear a escrita.

2.1.5 *Langues, cultures, religions*

Essa obra, tornada pública em 2015, é uma organização de Chloé Laplantine e Georges-Jean Pinault, linguistas franceses estudiosos, dentre outros temas, de textos benvenistianos. Laplantine e Pinault propuseram a reedição de alguns artigos do semanticista, publicados em diversos periódicos e anais de eventos, dos mais diferentes países, e cujo acesso, por isso, se tornava difícil tanto a seus leitores quanto aos demais pesquisadores interessados nas temáticas contempladas por Benveniste.

Trata-se de um compilado de 34 artigos já divulgados em outros veículos e publicados entre os anos de 1930 e 1968. Tal livro integra as demais obras de coleção de textos produzidas por Benveniste – publicadas ou não - e publicadas por seus estudiosos, em coletânea, após sua morte, como *Últimas Aulas* e *La traduction...* Em função do vasto interesse do linguista por tudo aquilo que é da língua e do homem, e uma vez que esse livro recobre publicações produzidas pelo mestre ao longo de 38 anos, não é uma obra monotemática, por assim dizer. *Langues...* é, assim como outros títulos de Benveniste, um testemunho da diversidade de interesses que o acompanhou ao longo de sua surpreendente vida, principalmente no que diz respeito à relação homem-linguagem-sociedade, ou seja, a visada antropológica de Benveniste sobre a língua:

[Os artigos] vêm de uma dimensão da obra que ultrapassa, ao mesmo tempo integrando, a estrita especialização linguística, porque esses trabalhos tratam da significação, da dimensão antropológica do discurso, das posições sociais dos falantes. (LAPLANTINE; PINAULT, 2015, p. XIII).

Apesar de Benveniste versar sobre diversos temas no livro, os artigos nele presentes não estão organizados segundo sua temática, mas conforme uma ordem

cronológica ascendente. Ainda assim, Laplantine e Pinault (2015) ensaiam, na Introdução da obra, uma subdivisão dos textos, com a qual se pode ou não concordar⁴⁷.

A subdivisão sugerida pelos organizadores de *Langues...* contempla os seguintes vieses:

- *Indo-iranien.*
- *Traditions, symbolisme et les institutions des peuples de langues indo-européennes.*
- *Études de vocabulaire et de notions.*
- *Dimension anthropologique.*

Relativamente ao objeto desta pesquisa, dos 34 artigos constantes em *Langues...*, há ocorrência de *design-* e *signific-* em 29 deles, como atesta o quadro 7 abaixo.

Quadro 7 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em *Langues...*

TEXTO		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página	
Langues, Cultures, Religions	1	<i>Le textedu Draxt asūrīk et la versification pehlevie (1930)</i>	2	3,6	2	4,7
	2	<i>Le Parsisme (1931)</i>	2	23, 26	3	25-33
	3	<i>Une différenciation de vocabulaire dans l’Avesta (1931)</i>	4	39-45	2	42, 43
	4	<i>Les classes sociales dans la tradition avestique (1932)</i>	6	51-58		
	5	<i>Le sens du mot κολοσσός et les noms grecs de la statue (1932)</i>	8	65-81	9	65-79
	6	<i>Les adjectifs latins en –cundus (1933)</i>	1	86	5	84-86
	7	<i>Expression indo-européenne de l’«éternité » (1937)</i>	7	89-93	7	89-91
	8	<i>Traditions indo-iraniennes sur les classes sociales (1938)</i>	10	106-114	4	107-114
	9	<i>La legende de Kombabos (1939)</i>	2	119, 122	5	120-127
	10	<i>Latin tempus(1940)</i>	3	146, 148, 149	4	146-148
	11	<i>Symbolisme social dans les cultes gréco-italiques (1945)</i>	2	152, 156	4	151-158
	12	<i>La doctrine médicale des indo-européens (1945)</i>	2	162	4	161, 162
	13	<i>Deux mots anglais en français moderne (1947)</i>	2	172, 173	3	172
	14	<i>Le nom du diabète (1947)</i>	3	175	4	175

⁴⁷ É importante destacar que a divisão temática dos textos de Benveniste oferecida por Laplantine e Pinault é um dentre tantos outros modos possíveis de organizar os textos constantes em *Langues...*. Para esta pesquisa, será adotada a divisão proposta pelos organizadores dessa obra póstuma de Benveniste; a organização e o agrupamento dos textos podem variar, porém, de acordo com o objetivo e o interesse de cada pesquisador ao abordá-los.

15	<i>Le jeu commestruature (1947)</i>	2	177, 179	4	178-183
16	<i>L'expression du serment dans la Grèce ancienne (1948)</i>	7	188-191	17	185-193
17	<i>La famille étymologique de learn (1948)</i>	2	195	14	195-198
18	<i>Notes de vocabulaire latin (1948)</i>	9	202-207	8	199-208
19	<i>La legende des Danaïdes (1949)</i>	1	214	3	213, 215
20	<i>La négation en Yuchi (1950)</i>	1	221	3	222-224
21	<i>Le vocabulaire de la vie animale chez les Indiens du Haut Yukon (1953)</i>	21	227-245	8	229-245
22	<i>Le nom Eskimo (1953)</i>	4	255-259	2	255, 256
23	<i>Quelques latinismes en français moderne (1955)</i>	9	261-269	8	264-270
24	<i>À propôs de larva « masque » (1956)</i>	5	273-276	1	275
25	<i>Mithra aux vastes pâturages (1960)</i>	4	277-285	4	279-282
26	<i>Une valeur dudiminutif (1963)</i>	6	288-289		
27	<i>Termes de parenté dans les langues indo-européennes (1965)</i>	9	293-302	6	293-302
28	<i>Hommes et dieux dans l'Avesta (1967)</i>	2	306, 307	2	305, 306
29	<i>Phraséologie poétique de l'indo-iranien (1968)</i>	2	312	1	313
TOTAL		138		137	

Fonte: Elaborado pela autora.

Como já se viu nas obras anteriores, nem todas as ocorrências são produtivas para a compreensão do papel do par *designação-significação* no escopo da reflexão de Benveniste. Assim, restaram, após a aplicação dos critérios de seleção, dois textos da obra, cujos resumos e contextos de ocorrência passo a descrever e interpretar na sequência.

2.1.5.1 *Le nom du diabète*

Selon l'explication qui se lit partout, *diabète* ou plutôt, à travers le latin, son prototype grec *diabētēs* qui désigne déjà la maladie de ce nom, **signifie** proprement « ce qui traverse » et exprime, comme dit Littré, « le passage incessant d'une urine qui abonde ». C'est ce qu'indiquent non seulement les dictionnaires français, mais aussi tous les vocabulaires et encyclopédies étrangers que j'ai pu atteindre (Murrayd, le mot est donné comme signifiant « passage des boissons à travers le corps sans s'y arrêter ».

Une vérification du sens de *diabētēs* en grec aurait fait au moins douter d'une pareille interprétation, car *diabainō* dont *diabētēs* est le nom d'agent, s'il **signifie** bien « traverser », ne peut pas se dire et ne s'est jamais dit d'un liquide. Le sens propre du verbe est « se tenir les jambes écartées » ; d'où secondairement « franchir en écartant les jambes ». De fait *diabainōs* s'emploie seulement pour les trajets pedestres et qui supposent des « enjambées ». Cette raison suffirait à exclure que *diabète* ait pu **désigner** ou qualifier l'urine comme « passant à travers (le corps) ». Au surplus la formation du mot aurait été étrangement choisie pour une fonction à laquelle un suffixe d'abstrait eût seul convenu. C'est en grec seulement que se trouve la solution. Mais il faut la chercher ; aucun dictionnaire grec ne l'indique. Les lexicographes se contentent de poser *diabētēs* avec trois sens distincts, et dont la relation n'est pas expliquée : (1) « compas » ; (2) « siphon » ; (3) « diabète ».

C'est du sens propre de *diabainō* « se tenir les jambes écartées » que dérive dans sa **signification** première le nom d'instrument *diabētēs*: il **désigne** d'abord le « compas », par une métaphore immédiatement intelligible. Aristophane connaît déjà le mot. Chez Platon (Philèbe 56 b), *diabētēs* paraît dénommer soit le « compas », soit le « niveau à perpendicule » ; le principe de la dénomination est en tout cas le même, ce niveau étant « fait de deux barres réunies à un de leurs bouts comme un A et d'une troisième barre transversale devant laquelle tombe un fil à plomb fixé au point de rencontre des deux premières ». (*Langues...* [2015], p. 175, *aspas e itálicos do original, negritos meus*).

Integrante do terceiro eixo temático estabelecido por Laplantine e Pinault (2015) – *Estudos de vocabulário e de noções* –, esse é um artigo em que Benveniste estuda a origem da palavra francesa *diabète* (“diabetes”). Para tanto, o autor remonta à origem grega do vocábulo, cujo sentido não conservaria, em princípio, nenhuma relação com a enfermidade que hoje conhecemos pelo nome de “diabetes”. A explicação dada por Benveniste para o uso de *diabète* como doença é em função de uma transposição metafórica de diabete-sifão para diabete-doença.

Nesse pequeno texto de somente duas páginas, encontramos três ocorrências de *design-* e também três de *signific-*. Em todos esses usos, parece-me que Benveniste coloca em operação o par *designação-significação* para reconstruir as origens de *diabète*. Por isso, nesse caso, mais que termos que podem ser explicados, trata-se de um processo hermenêutico que o mestre desenvolveu para suas análises. Mesmo assim, as ocorrências serão interpretadas aqui.

Na primeira das ocorrências, *designe* assume valor de “nomeia”; *signifie*, por sua vez, desempenha papel de “quer dizer”. Na segunda, *signifie* parece manter o mesmo valor da ocorrência anterior; *désigner*, em contrapartida, parece adquirir, pelo menos, dois valores: “significar”, mas, também, como na sequência da frase, “qualificar”. Por fim, na terceira ocorrência do par, *signification* assume valor de “sentido”, enquanto *designe* parece ter valor de “nomear”.

2.1.5.2 Quelques latinismes en français moderne

L'histoire de *larve* en français n'a donc pas la simplicité que lui prêtent les dictionnaires et ne se résume pas en un emprunt au latin. Ce n'est pas du latin classique *larva* « fantôme, figuration d'un fantôme », mais du néo-latin *larva* « masque » qu'il faut partir, et ce n'est même pas ce néo-latin *larva* « masque » que le français a emprunté, mais un néologisme scientifique introduit par Linné en néolatin, *larva* comme « masque d'insecte ». En français, *larve* ne **signifie** rien hors de ce qu'il **désigne**, à la différence de l'allemand et des langues scandinaves, où *Larve* « larve » apparaît encore comme une variante spécialisée de *Larve* « masque ». (*Langues...* [2015], p. 268, aspas e itálicos do original, negritos meus).

Nesse texto, publicado originalmente em *Le français moderne*, em 1955, Benveniste refaz a história de quatro palavras francesas emprestadas do latim: *presqu'île*, *convoler*, *larve* e *normal*. Para o linguista, por tratarmos determinadas palavras como claras evidências de empréstimos do latim, não destinamos a elas um olhar mais acurado e acabamos por não atentar às especificidades de tais empréstimos no francês moderno.

Após retomar a constituição de *presqu'île* e *convoler*, em francês, o teórico passa a aprofundar sua mirada na palavra *larve*. Diferentemente das situações de empréstimo que ocorreram com as duas primeiras, *larve*, tal como se conhecia em francês no campo semântico da entomologia⁴⁸, ao contrário do que se costumava afirmar, não deriva do latim clássico, e sim do “neo-latim”. Aparentemente, a diferença entre latim clássico e “neo-latim” poderia não ser muito significativa; todavia, para Benveniste, essa distinção é crucial, uma vez que nos obriga a retrazar a(s) origem(ns) de *larve*. Dito de outro modo, embora inicialmente pareça ser de origem relativamente simples, a constituição de *larve* se mostra mais complexa do que um mero empréstimo do latim.

No que concerne à ocorrência das palavras investigadas, elas aparecem no contexto em que Benveniste apresenta uma síntese da origem de *larve*, no sentido então corrente em francês: não vem nem do latim clássico nem do “neo-latim”, mas de “um neologismo científico introduzido por Lineu em ‘neo-latim’, *larve* como ‘masque d’insecte’” (*Langues...* [2015], p. 268, aspas e itálicos do original).

O uso das palavras que ora investigo se dá quando o linguista afirma que “*larve* não significa nada além daquilo que designa, à diferença do alemão e de línguas escandinavas...” (*Langues...* [2015], p. 268, grifo no original). Aqui, entramos em uma espécie de referência circular, tautológica, algo como uma “gagueira” em que significar e designar se equivalem: *larve* só significa aquilo que designa. Não há, contudo, maiores possibilidades de depreender algo além do que nos é dado no texto, e sabe-se, também, que faz parte do estilo de Benveniste valer-se de explicações tautológicas, como gagueira, para os fenômenos da linguagem, conforme também aponta Dufour (2000).

⁴⁸ Parte da Zoologia que estuda os insetos.

2.1.6 *La traduction, la langue et l'intelligence*⁴⁹

Fruto da descoberta do interesse de Benveniste pela noção de *escrita*, como atestam as lições de 8 a 15 de *Últimas Aulas*, o livro *Autour...* é uma obra organizada por Irène Fenoglio e composta de textos de diversos autores que se dedicaram/dedicam, de alguma maneira, a ler o linguista sírio-francês. Como a publicação de *Últimas Aulas* – primeira obra de que se tem conhecimento em que Benveniste torna público e notório um real investimento sobre a escrita – é relativamente recente, há muito pouco veio a público o aprofundamento das reflexões de Benveniste a respeito da escrita.

As notas manuscritas integrantes de *Últimas Aulas* foram feitas para/nas aulas dos seminários de 1968-1969, mas, em função de sua repentina enfermidade, Benveniste não pôde seguir aprofundando seu ponto de vista sobre a escrita para outro público além daquele que assistiu a seus seminários. Nesse sentido, Fenoglio (2016) considera necessário que se restabeleçam algumas discussões a respeito da obra de Benveniste, haja vista o frescor da reflexão sobre a escrita, até 2012 desconhecida do grande público.

Para Fenoglio (2016), as discussões e as posições integrantes de *Autour...* constituem uma maneira de se avaliar a pertinência e o interesse do progresso (*sic*) das leituras de Benveniste nas ciências humanas atualmente.

Composto por cinco capítulos, além de Introdução e texto anexo, todos eles seguidos de discussões entre os participantes de um seminário⁵⁰ que reunia estudiosos para discutir sobre as ponderações de Benveniste a propósito do fenômeno da escrita, há, também – e esse me parece ser o aspecto mais importante na obra –, a publicação de dois manuscritos inéditos do linguista, a saber: *La traduction, la langue et l'intelligence* e *Singulier et pluriel*, ambos relacionados, de alguma forma, à temática da escrita.

⁴⁹ Recentemente, veio a público uma dissertação que versa, principalmente, sobre a nota *La traduction...* e sua relação com os estudos dos fenômenos tradutórios numa perspectiva orientada pelo viés benvenistiano. Para saber mais, ver: HOFF, Sara Luiza. *A nota La traduction, la langue et l'intelligence: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018 (no prelo).

⁵⁰ Trata-se de um seminário anual organizado por Irène Fenoglio, na *École Normale Supérieure*, integrante do projeto LabEx TransferS “Genèse et transferts de savoir linguistique”, do laboratório ITEM. A cada ano, há uma temática diferente a propósito de temas caros à linguística, mais especificamente temas relacionados aos manuscritos com os quais a pesquisadora trabalha, a saber: manuscritos de Saussure e Benveniste.

Quadro 8 – Ocorrências dos termos *design-* e *signific-* em *Autour...*

TEXTO		<i>design-</i>	Página	<i>signific-</i>	Página	
Autour d'Émile Benveniste	1	<i>La traduction, la langue et l'intelligence</i>	6	38,39	2	38,39
	2	<i>Singulier et pluriel</i>	0	0	0	0
	TOTAL		6		0	

Fonte: Elaborado pela autora.

Em um dos dois manuscritos, como o quadro 08 acima demonstra, há a ocorrência do par *désigner-signifier*, cujo excerto está explicitado e interpretado na sequência.

Le langage a ceci de particulier, d'irremédiablement particulier et qui crée sa difficulté spécifique à l'endroit de toute théorie unitaire; il se développe toujours à la jonction de la nature et de la culture. Le langage a une base biologique et 'naturelle', celle à cause de laquelle il est appelé "langue" que lui donne l'appareil articuloire et auditif, ce qui fait qu'il a besoin de 'sons articulés', c'est-à-dire d'éléments sonores aptes à devenir les articulations d'unités. Les sons relèvent de la nature, mais l'articuloire linguistique, de la culture.

Le langage est biologique dans le principe des 'onomatopées', des exclamations, des cris, mais la culture donne à tout ce matériel vocal une 'forme' spécifique et qui relève d'une langue déterminée, non de n'importe laquelle ou de toutes indifféremment.

Le langage reflète la nature dans le système des références qui comporte inévitablement tout ce qui concerne l'homme, son corps, ses émotions, etc., mais la relation de ces données de base est dynamisée par la culture.

Le caractère double du langage est fondé par là.

Ce qu'on traduit est le rapport du signe à la réalité, c'est-à-dire la valeur de désignation.

Aristote forge le terme *ἔντομα* [*éntoma*] "comportant des coupures", pour désigner une classe d'êtres. Or c'est cette désignation qui est 'traduite' par le latin *insecta*.

Il y a donc ici deux procès indépendants, l'un consiste à appliquer à un élément de réalité (extra-linguistique) une certaine désignation, l'autre consiste à utiliser pour cette désignation un signe linguistique forgé à l'imitation du modèle étranger (ici grec).

Le résultat est qu'on a en latin désigné les petits êtres en question comme «insectes, divisés en segments», en créant ou en utilisant le même rapport entre le signe et la chose.

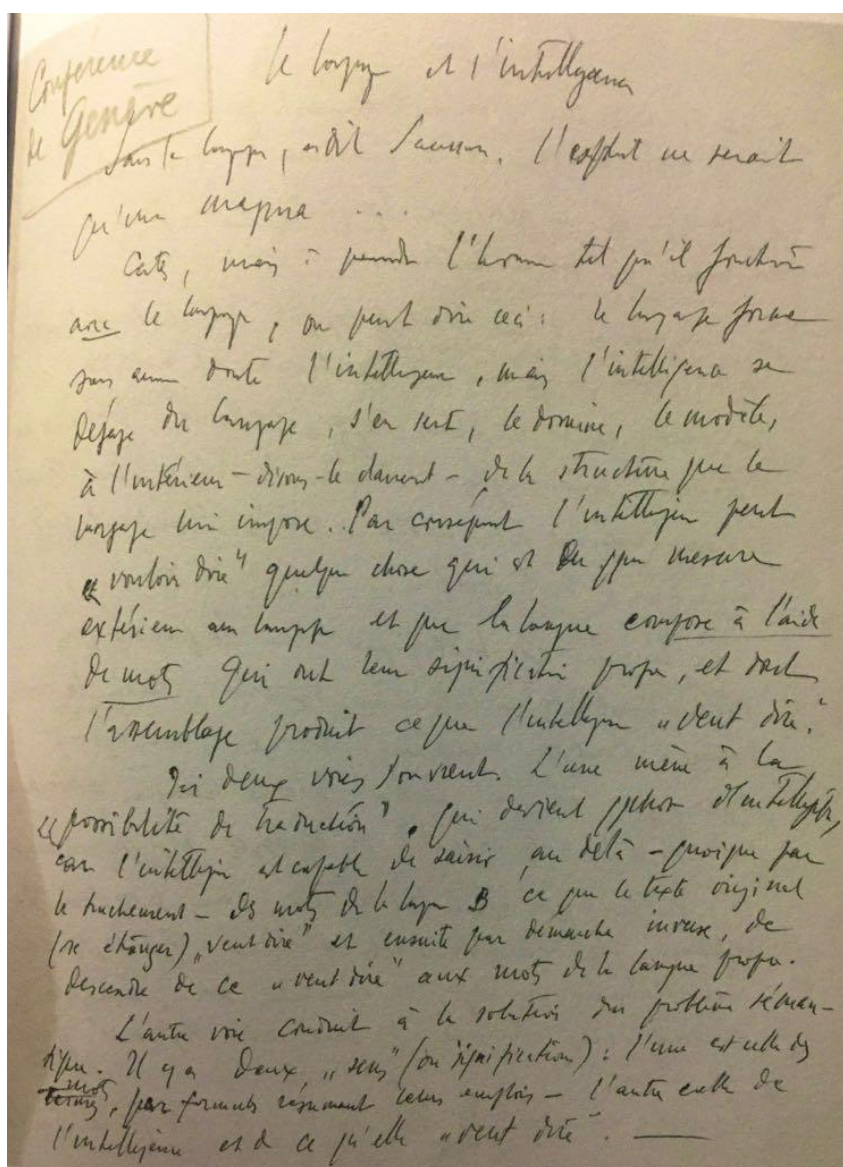
Naturellement le fait de choisir *in-secta* pour traduire *ἔντομα* [*én-toma*] est le phénomène matériel et littéral de 'traduction'. Il suppose pour son compte une équivalence constatée entre *ἔν[en]* et *in*, entre *τομα* [*toma*] et *-secta*.

Mais ici le problème est différent: quand on traduit *ἔντομα* [*éntoma*] par *insecta*, on ne traduit pas le verbe *τέμνω* [*témnō*] dans toutes ses valeurs, on se contente d'utiliser une équivalence constatée entre *τέμνω* et *secō* pour créer un signe symétrique de *ἔντομα* [*éntoma*].

Traduire c'est instituer, entre sa propre langue et le monde, le même rapport que dans la langue source, soit par des équivalences littérales entre signes, s'ils peuvent composer le même '**sens**', soit par des équivalences globales obtenues au moyen de relations tout autres, qui ne sont plus entre signes. (*La traduction...*[2016] p. 38-39, aspas, itálicos e sublinhados do original, negritos meus).

Inacabada, extremamente densa e concisa: essas são duas características de *La traduction...*, nota manuscrita de Benveniste, cuja marcação a lápis no lado esquerdo superior da folha indica que se trataria, possivelmente, de parte de um texto para alguma conferência em Genebra. Mais do que isso não nos é permitido aceder e afirmar, pois não há elementos paratextuais suficientes que apontem para outras informações.

Figura 1 – Fac-símile do manuscrito *La traduction, la langue et l'intelligence*.



Fonte: Benveniste (2016).

De grande valor tanto para os estudiosos da tradução quanto para intérpretes de Benveniste, o que se pode verificar, na nota, é que Benveniste esboça uma discussão sobre a relação entre o fenômeno da tradução, a língua e a inteligência, como o título do manuscrito já nos permite antever. Por ser próprio de notas manuscritas, há, nesse caso, mais do que em outros textos, forte presença da incompletude, o que torna sua leitura relativamente hermética e algo a se desvendar. Ainda que incompletas, rasuradas, refeitas, abandonadas, as notas de trabalho de Benveniste, como a que me dedico a interpretar agora, possibilitam observar a gênese de um pensamento, a construção de um discurso teórico-linguístico. Isso não é pouca coisa, sobretudo se compreendemos que a intrincada rede de relações estabelecida pelo mestre merece ser mais lida, interpretada, discutida, aprofundada.

Ao associar os termos destacados no título do texto, o semanticista responde, na nota, a uma das grandes questões da ciência: a linguagem é da ordem da natureza ou da cultura? Em outras palavras, o teórico propõe como solução para a questão sobre ser a linguagem biológica ou cultural o fato de que há uma relação entre natureza e cultura na constituição mesma da linguagem: “A linguagem tem esse caráter particular, irrecuperavelmente particular, que cria uma dificuldade específica com relação a toda teoria unitária: sempre se desenvolve na junção entre a natureza e a cultura” (*La traduction...* [2016], p. 38). Como afirmam Dufour (2000) e Moïnfar (1975), Benveniste não é um autor de dicotomias, da linguística do binário, mas alguém que vislumbra na língua seu caráter duplo, porém vê, em vários de seus pontos, a “terceira via”, o trinitário, o caminho do meio, como ele próprio nos demonstra na solução para a eterna querela entre cultura e natureza: nem somente de uma, nem somente de outra, mas da junção de ambas se constitui a linguagem, como um terceiro, que existe exatamente por causa dessa junção.

Da discussão entre natureza, cultura e linguagem, resulta a conclusão de Benveniste sobre o caráter duplo da linguagem: a linguagem reflete a natureza em relação ao sistema de referências, porém a relação entre os dados é dada pela cultura, de modo que não há uma sem as outras, estando todas imbricadas, mas não hierarquizadas.

Na esteira desse raciocínio, o linguista encaminha-se para a reflexão sobre o que fazemos quando traduzimos, questão deveras pertinente não só para os estudiosos da tradução, como também para todos os linguistas que entendem esse

fenômeno como profundamente revelador da relação linguagem-homem. Ainda que não me sinta teoricamente autorizada para tecer comentários relativos à área da tradução, é imperativo, para este estudo, abordar esse texto de Benveniste em que ele trata de tal questão. Nesse sentido, insiro-me, aqui, com o cuidado de quem sabe que está adentrando terras alheias, mas com a necessidade de quem precisa pisar nelas para conhecer sua própria área.

Ao desenvolver sua questão (o que fazemos quando traduzimos?), o mestre compreende que “se traduz” o “valor de designação” e, para demonstrar seu argumento, menciona a tradução de gr. *ἔντομα* (*éntoma* – “com cortes”) para o lat. *Insecta*. Benveniste parece produzir um desdobramento da noção de *designação* quando o objeto é a tradução: de um lado, temos a designação da língua materna, a partir da qual os elementos da realidade são nomeados/designados; de outro, temos o *valor de designação* na tradução, uma vez que seria impossível realizar uma tradução perfeita, na medida em que não dispomos dos mesmos elementos para nomear as realidades em diferentes línguas.

Nessa perspectiva, a tradução de *ἔντομα* por *insecta*, para o semanticista, é, no mínimo, problemática, já que, no lugar de traduzir o valor de designação, pretendeu-se traduzir a designação mesma, que é intraduzível de uma língua a outra. Quando Benveniste afirma que o que se traduz é o valor de designação, a relação do signo com a realidade, quer dizer que não é a designação em si que é traduzida, mas seu uso, seu sentido, sua significação. A designação é intraduzível: o que se traduz são os valores de designação, as significações, em uma relação entre a língua e o *seu* real.

Na ilustração de tradução utilizada na nota Benveniste aponta um equívoco: ao intentar traduzir *ἔντομα* por *insecta*, perderam-se todos os demais valores (significações) contidos em *τέμνω* para conservar uma suposta equivalência entre *τέμνω* e *secō*, ou seja, os tradutores supõem uma equivalência entre um e outro que parece ser impraticável. Isso é, para Benveniste, uma confusão, pois não se trata de traduzir realidades, mas instituir, em sua própria língua “a mesma **relação** que há na língua fonte” entre língua e realidade para gerar os mesmos efeitos de sentido (*La traduction...* [2016] p. 38, negrito meu).

Embora haja mais a ser dito e discutido a respeito da potência da nota *La traduction...* em relação aos estudos benvenistianos, principalmente no que diz respeito à sua importância para os estudos de tradução, deixo a reflexão em

suspensão, para tratar mais detidamente dela em seções posteriores da tese. Por ora, então, encaminho-me para a próxima seção deste capítulo, em que busco apontar o que nos dizem as ocorrências de *design-* e *signific-* nos contextos discursivos selecionados e discutidos até então.

2.2 O que dizem as ocorrências: breves apontamentos

Realizado, na seção anterior, o exame dos contextos discursivos em que se encontram termos com a raiz *design-* e *signific-*, nesta, torna-se impreterível elaborar alguns apontamentos a respeito dos empregos dos termos nas ocorrências em questão.

Conforme o levantamento feito, demonstrado pelos quadros da seção que antecede esta, foram encontradas ocorrências de *design-* e/ou *signific-* em, pelo menos, 145 textos das sete obras tomadas nesta pesquisa como *corpus* teórico. Diante da vastidão de dados encontrados no primeiro movimento de busca de palavras, tornou-se necessário elaborar mais critérios, a fim de refinar a pesquisa.

Em vista da extensão de contextos discursivos em que figuravam ocorrências de *design-* e *signific-*, formulei aquilo que nomeei como métodos de compreensão *lato* e *stricto sensu*, conceitos que dizem respeito aos movimentos de leitura e interpretação dos contextos discursivos. Também nesse sentido, apropriei-me da divisão entre *termo teórico* e *não teórico* proposta por Ono (2007), estabelecendo certos deslocamentos que julguei necessários para dar conta da complexidade do estudo. É possível observar que há diversos usos das palavras selecionadas, alguns dos quais coincidentes, outros não; muitos deles interessam a esta pesquisa, outros nem tanto. Aqueles que são pertinentes a este trabalho apontam, em diferentes textos, o funcionamento do par *designação-significação* com estatuto teórico. Por sua vez, as ocorrências descartadas neste estudo foram aquelas que não apontam para usos mais técnicos de *designação* e *significação*.

Aplicados os critérios estabelecidos para o prosseguimento desta investigação, restaram 20 contextos discursivos, em 7 obras da miríade de textos de Benveniste. Com base nos contextos discursivos investigados, não se pode afirmar que há total regularidade/coincidência no valor assumido por *designação* e *significação* em cada

texto de Benveniste. Seguramente, há mais instabilidades/heterogeneidades nos usos das palavras em destaque do que regularidades/coincidências de sentido.

Tal fato não deve ser, de nenhuma maneira, novidade ao linguista, pois, uma vez que se aborde a língua – e, inescapavelmente, locutores e sujeitos – do ponto de vista semântico – e, portanto, considerando sujeito e sentido –, devemos estar habituados ao fato de os sentidos das palavras não coincidirem entre si, seja em textos diferentes, seja no mesmo texto. Ora, é próprio da língua que o seu emprego seja diverso, uma vez que os sentidos não estão dados de antemão; eles são construídos a cada enunciação⁵¹. Sob esse ponto de vista, Benveniste afirma que a língua fornece a todos os falantes o mesmo sistema de referências, do qual “cada um se apropria pelo ato de linguagem e que, em cada instância de seu emprego, assim que é assumido por seu enunciador, se torna único e sem igual, não podendo realizar-se duas vezes da mesma maneira” (PLGII [1974], 2006, p. 69). Dito de outro modo, é possível afirmar que “o discurso comporta a repetibilidade da língua na irrepetibilidade da enunciação” (BARBOZA, 2013, p. 118).

Não obstante as diferenças de valor das ocorrências destacadas nos excertos em 2.1, é possível encontrar, resumidamente, certas aproximações em determinados usos. Os possíveis valores e suas relações são de tal modo complexos na intrincada rede de contextos discursivos que um mesmo termo pode figurar de maneira cruzada, com diferentes sentidos no mesmo texto, ou até mesmo com valores reiterados em diferentes textos, de diferentes diacronias. Observe-se, como exemplo⁵², os quadros a seguir, que demonstram sumariamente as possibilidades encontradas nos contextos discursivos.

⁵¹ Sob hipótese alguma, quero dizer, com isso, que nenhum sentido comporta a repetibilidade da língua. Almejo, antes, apenas explicitar o fato de que o sentido pode ou não coincidir entre um uso e outro.

⁵² A discussão a respeito dos agrupamentos dos valores encontrados para os termos *design-* e *signific-* na obra de Benveniste se dará no capítulo seguinte.

Quadro 9 – Valores encontrados nos contextos discursivos.

Valores para <i>design-</i>	Valores para <i>signific-</i>
Mundo dos objetos/concreto	Sentido/referência
2.1.1.1 <i>Os níveis da análise</i>	2.1.1.1 <i>Os níveis da análise</i>
2.1.2.1 <i>Prefácio</i>	2.1.3.3 <i>Estrutura da língua</i>
2.1.3.1 <i>Semiologia</i>	
2.1.3.3 <i>Estrutura da língua</i>	
Usos/empregos específicos da língua	Designação
2.1.1.2 <i>Da subjetividade</i>	2.1.2.2 <i>O gado e o dinheiro</i>
2.1.1.3 <i>Problemas semânticos</i>	2.1.4.1 <i>Aula 14</i>
2.1.2.2 <i>O gado e o dinheiro</i>	2.1.5.3 <i>Quelques latinismes</i>
2.1.2.3 <i>A fidelidade pessoal</i>	
2.1.2.5 <i>O censor e a auctoritas</i>	
2.1.2.6 <i>Religião e superstição</i>	
Construção da subjetividade - relação eu-tu	Sentido
2.1.1.2 <i>Da subjetividade</i>	2.1.1.2 <i>Da subjetividade</i>
2.1.3.2 <i>A linguagem e a experiência humana</i>	2.1.1.3 <i>Problemas semânticos</i>
Forma da língua em uso	2.1.2.1 <i>Prefácio</i>
2.1.2.4 <i>O parentesco</i>	2.1.2.3 <i>A fidelidade pessoal</i>
	2.1.2.4 <i>O parentesco</i>
Nomear/denominar/apontar	2.1.2.5 <i>A tripartição das funções</i>
2.1.1.2 <i>Da subjetividade</i>	2.1.2.7 <i>O censor e a auctoritas</i>
2.1.2.5 <i>A tripartição das funções</i>	2.1.3.1 <i>Semiologia da língua</i>
2.1.3.1 <i>Semiologia</i>	2.1.5.1 <i>Le nom du diabète</i>
2.1.4.1 <i>Aula 14</i>	
2.1.5.1 <i>Le nom du diabète</i>	
2.1.6.1 <i>La traduction</i>	Querer dizer
Propriedade de ser signo	2.1.1.2 <i>Da subjetividade</i>
2.1.3.1 <i>Semiologia da língua</i>	2.1.5.1 <i>Le nom du diabète</i>
Referência	Definição/dar nome
2.1.3.3 <i>Estrutura da língua</i>	2.1.2.6 <i>Religião e superstição</i>
Qualificar	2.1.4.1 <i>Aula 14</i>
2.1.5.1 <i>Le nom du diabète</i>	2.1.6.1 <i>La traduction</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, veremos, brevemente, os principais agrupamentos das ocorrências.

Em relação à designação, os valores assumidos nos contextos discursivos estudados estão, em grande parte, divididos em usos relacionados a: a) mundo dos objetos/concreto (cf. 2.1.1.1⁵³); b) usos/empregos específicos da língua (cf. 2.1.1.3); c) construção da subjetividade – relação *eu-tu* (cf. 2.1.1.2); d) forma da língua (cf. 2.1.2.5).

⁵³ Os contextos aqui referidos servem apenas como ilustração do valor assumido por *design-*, não correspondendo à totalidade de ocorrências.

Por seu turno, os valores encontrados nas ocorrências relativas à significação concentram-se, principalmente, nos seguintes eixos: a) sentido/referência (cf. 2.1.1.1); designação (cf. 2.1.2.3); sentido (cf. 2.1.2.4).

Constatadas, no âmbito da totalidade dos contextos discursivos pertinentes a este trabalho, diferenças no que diz respeito ao sentido das palavras que apresentam a mesma forma de base (*design-* e *signific-*), conforme sintetiza o quadro 9, considero que há também certa diferença no funcionamento de algumas das ocorrências estudadas. É possível ver a diferença de funcionamento das ocorrências, em alguns casos, no mesmo contexto.

Em algumas ocorrências, *design-* e *signific-* são empregados em substantivos como “designação” e “significação”, momentos em que parece haver um reconhecimento da necessidade de definição e/ou teorização sobre o que significam tais termos. É o que acontece, a título de exemplo, em *Problemas semânticos da reconstrução* (cf. 2.1.1.3), em que Benveniste, ao se posicionar em relação à solução dada por Osthoff para a relação entre “carvalho” e “fidelidade”, entende ser fortemente “importante a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**” (PLG I [1995a], p. 332). Também em *O gado e o dinheiro*, há a necessidade de “distinguir [na] análise os dois planos teóricos: o da **significação** e o da **designação**” (VOC I [1969], 1995b, p. 51, itálicos do autor, grifos meus?).

Já em outras ocorrências, *design-* e *signific-* são empregados para compor verbos dos mais distintos tempos e modos, o que, por sua vez, parece indicar que a designação e significação – elevadas ao *status* de conceitos em alguns momentos – desempenham papel de ferramentas da análise linguística para Benveniste; dito de outro modo, é como se os conceitos de *designação* e *significação* estivessem sendo colocados em funcionamento. Exemplos desses casos são encontrados em *Da subjetividade na linguagem* (cf. 2.1.1.2), quando o semantista postula que “é na instância de discurso na qual *eu designa* o locutor que este se enuncia como ‘sujeito’” (PLG I [1966], 1995a, p. 288, itálicos do autor, negritos meus). Também em *Religião e superstição* (cf. 2.1.2.8) encontramos tal funcionamento: “Que **significa religio?** [...] Inicialmente é necessário nos perguntarmos o que *religio designa* realmente, quais seus empregos próprios e constantes” (VOC II [1969], 1995c, p. 269-270, itálicos do autor, negritos meus).

Com base na divisão realizada acima, poder-se-ia supor que cada modo de aparecimento de *design-* e *signific-* (seja como teorização, seja como funcionamento)

figura em contextos discursivos separados. Cabe destacar, entretanto, que um modo de funcionamento do par, presente em determinado texto, não anula o outro, antes o contrário: um necessita e dá vida ao outro, como é o caso, por exemplo, de *Problemas semânticos da reconstrução*, em que figuram ambas as possibilidades de funcionamento de *design-* e *signific-*: “[...] Foi pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *Drús*(gal. *Derwen*) **significa** literalmente ‘o sólido, o firme’”; e “quão importante a distinção necessária entre a **significação** e a **designação**” (PLG I [1966], 1995a p. 332, itálicos do autor, negritos meus).

Embora os agrupamentos de valores e funcionamentos assumidos por *design-* e *signific-*, nos contextos discursivos relevantes para esta pesquisa, não sejam realmente conclusivos no que diz respeito ao papel desempenhado pelo par *designação-significação* na obra de Benveniste, as relações estabelecidas entre os empregos nos encaminham para alguns apontamentos que podem nos auxiliar na compreensão do papel exercido por esse par conceitual na teoria da linguagem benvenistiana.

Em primeiro lugar, considero pertinente, em uma tentativa de melhor sistematizar a discussão, observar o que, de fato, dizem as ocorrências de *design-*, *signific-* e demais termos correlatos. Da necessidade de se ter minimamente uma visão de conjunto sobre os valores assumidos pelas palavras de que me ocupo nesta tese, surgiu o quadro 10, em que apresento, sinteticamente, os valores que podem ser atribuídos aos usos de *design-* e *signific-*.

Quadro 10 – O que dizem as ocorrências.

PLG I
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.1.1 <i>Os níveis da análise</i>
A noção de sentido difere da designação.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.1.2 <i>Da subjetividade</i>
O locutor se autodesigna como <i>eu</i> ; <i>eu</i> significa aquele que diz “eu”.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.1.3 <i>Problemas semânticos</i>
É importante a distinção necessária entre designação e significação.
VOC I e II
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.2.1 <i>Prefácio</i>
É preciso estabelecer uma distinção entre designação e significação. Por meio de análise, é possível fazer surgir significação onde antes tínhamos apenas designação.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.2.2 <i>O gado e o dinheiro</i>
Designação e significação são dois planos teóricos possíveis de serem distinguidos. A significação geral permite designações específicas. A designação se fixa por um certo tempo.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.2.3 <i>Fidelidade pessoal</i>
Não se dispo de referências lexicais, a designação não permite presumir nada a respeito da significação.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.2.4 <i>O parentesco resultante do casamento</i>
Há designações fixas, mas cujo sentido etimológico nos escapa.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.2.7 <i>O censor e a auctoritas</i>
Há palavras que conferem à designação sua plena significação.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.2.8 <i>Religião e superstição</i>
A designação tem empregos próprios e constantes.
PLG II
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.3.1 <i>Semiologia da língua</i>
Designar é uma das funções do signo. As unidades de outros sistemas semiológicos são designadas, mas não designam. As unidades de outros sistemas semiológicos contêm uma significação, nova a cada arranjo, mas não designam.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.3.2 <i>A linguagem e a experiência humana</i>
Há designações que são de ordem intersubjetiva.
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.3.3 <i>Estrutura da língua e estrutura da sociedade</i>
Podem existir variações de designações na estabilidade da significação. A língua consiste principalmente, mas não exclusivamente em designações. Designação está relacionada ao semantismo social.
Últimas Aulas
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.4.1 <i>Aula 14</i>
É preciso distinguir designação e significação.
<i>Langues, cultures, religions</i>
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.5.1 <i>Le nom du diabète</i>
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.5.2 <i>Quelques latinismes en français moderne</i>
Designação e significação se equivalem e se definem uma pelo outra.
<i>Autour d'Émile Benveniste</i>
<ul style="list-style-type: none"> 2.1.6.1 <i>La traduction...</i>
O que se traduz é o valor de designação, a relação do signo com a realidade.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao observar os valores dos empregos de *design-* e *signific-* contidos no quadro 10, e com o auxílio da leitura de cada ocorrência e de suas interpretações, atrevo-me a tecer breves comentários, que serão discutidos com mais detalhe no Capítulo 3 e

que dizem respeito ao ponto de vista de Benveniste em relação ao par *designação-significação*. A verificação de alguns valores de emprego de *design-* e *signific-* apontou certas regularidades no comportamento do par que organizei em três diferentes grupos.

O primeiro grupo diz respeito ao comportamento de *design-* e *signific-* quando Benveniste assume um ponto de vista mais comparatista e, portanto, histórico, diacrônico. Quando apresenta uma abordagem que se pode dizer mais próxima da Teoria da Enunciação, por sua vez, *designar* e *significar* parecem assumir papel diferente na reflexão do linguista. Por fim, quando traz à tona um viés mais semiológico, há, também, outro *modus operandi* do par em questão. Por ora, deixo em suspenso essa discussão sobre o modo como operam essas noções no interior da reflexão de Benveniste, pois ela será abordada como eixo propulsor da discussão do capítulo seguinte.

Antes, porém, de encaminhar-me para o capítulo 3, cabe comentar, a título de ilustração, um exemplo fortemente significativo, inesperado e possivelmente revelador para esta tese: trata-se do contexto discursivo de *Da subjetividade* (cf. 2.1.1.2), em que há o uso de *designar* com o pronome reflexivo *se*: “[...] A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda designando-se como *eu*.” (PLGI [1966], 1995a, p. 187, grifos do autor).

A partir do exposto neste capítulo, em que se pôde observar o comportamento dos termos com raiz *design-* e *signific-* ao longo dos contextos da obra de Benveniste, restam alguns apontamentos: diante dos valores de uso encontrados, qual o estatuto do par *designação-significação* na teoria da linguagem benvenistiana? Como operam essas noções em relação a essa teoria da linguagem? Ademais, quais as consequências, para os estudos atuais, de se trazer à luz o par *designação-significação*? Essas são as indagações às quais tentarei responder no capítulo 3 e que, portanto, nortearão toda a sequência desta tese. Encaminhamo-nos, assim, de imediato, ao capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

JUNTANDO OS PONTOS, AMARRANDO OS NÓS, SEGUINDO VIAGEM: DAS LEITURAS E DAS PROSPECÇÕES POSSÍVEIS SOBRE O PAR *DESIGNAÇÃO-SIGNIFICAÇÃO* EM BENVENISTE

Émile Benveniste foi um estudioso austero, exímio conhecedor das línguas antigas, expert em gramática comparada, autoridade em linguística geral. Conhecia sânscrito, hitita, tocariano, indiano, iraniano, grego, latim, todas as línguas indoeuropeias e, depois dos 50 anos, mergulhou nas línguas ameríndias. No entanto, sua obra, de uma audácia impressionante, embora discreta e aparentemente modesta, permanece hoje em dia relativamente desconhecida e pouco visível.

Júlia Kristeva
Prefácio a *Últimas Aulas*

Que se referencia Benveniste, pelo menos no Brasil, como o fundador da Linguística da Enunciação, é um fato público e notório. Também se sabe que o linguista sírio-francês foi um profundo conhecedor de línguas as mais diversas, cujas proposições e análises são, nas palavras de Kristeva, de uma audácia impressionante. Entretanto, o que ainda não sabemos é o alcance de suas reflexões sobre a linguagem. Não sabemos, porque não lemos os “outros”⁵⁴ Benvenistes; preferimos, por motivo que desconheço, atermo-nos aos textos com os quais estamos mais familiarizados.

Se é verdade o que afirma Dessons (2006, p. 27) sobre reduzirmos o pensamento de Benveniste a “análises de marcas formais da enunciação, em detrimento de considerações teóricas de ordem mais geral, cujo escopo revela, entretanto, uma concepção forte e original das relações entre linguagem e homem”, então há, ainda, muito a ser lido, relido, discutido, apontado, prospectado em relação à teoria da linguagem de Benveniste.

De algum modo, ao refazer os caminhos do par *designação-significação*, almejei evidenciar algo que está por ser feito nos estudos benvenistianos, isto é, busquei trazer à luz uma ínfima parte do que era relativamente “desconhecido” e “pouco visível”.

Acompanhamos, até o momento, nesta tese, o (re)surgimento do interesse pelo par *designação-significação* em Benveniste. Com base no que foi apresentado no capítulo 1, em que coloquei em debate alguns exegetas do semanticista sobre o par que me dedico a esquadrihar, é possível perceber que, apesar de haver certa atenção – principalmente, na reflexão de Normand (1996) –, quase não se tem registro de relevância dada ao objeto de meu estudo. O foco parece direcionar-se com mais ênfase a partir da publicação de obras póstumas de Benveniste, principalmente as notas manuscritas que tratam dos fenômenos da escrita e da tradução, a saber: *Últimas Aulas* e *La traduction...*

Após constatar a necessidade de se empreenderem estudos que tomem o par *designação-significação* como tema de pesquisa, empenhei-me, no capítulo 2, em apresentar minha leitura do que, afinal, significam *designar* e *significar* na obra de

⁵⁴ Coloco aspas em “outros” porque, embora saiba que Benveniste é principalmente reconhecido por sua reflexão sobre a enunciação, não entendo que esta seja *uma* reflexão e as demais sejam *outras*. Compreendo que todas as discussões sobre língua e linguagem, sejam de que ordem forem (se de linguística geral, se de semiologia, se de enunciação, se de morfologia, se de sintaxe, se de literatura, se de léxico), fazem parte de sua reflexão sobre o homem na língua, sobre a língua e o homem, sobre a significância.

Benveniste. Com isso, foi possível estabelecer um mapeamento das ocorrências de *design-* e *signific-* no interior de sete obras do mestre. Apesar de um e/ou outro figurar em aproximadamente, 145 textos, nem todas as ocorrências eram pertinentes, no momento, para esta investigação. Aplicados os modos de leitura *lato* e *stricto sensu* (cf. capítulo 2), apesar de haver valores bastante diversos assumidos nos contextos discursivos em que figuram as ocorrências, observei que seria possível lançar um olhar de modo a agrupar tais ocorrências, de alguma maneira. Tal observação foi o que desencadeou este capítulo.

Diante da retomada do que já foi estudado e discutido ao longo desta tese, pretendo, neste capítulo, apontar caminhos possíveis de leitura do par *designação-significação*. Parafraseando Benveniste, já que cada um fala a partir de si com relação a outro ou a outros, não posso senão oferecer meu ponto de vista sobre o modo de funcionamento dessas noções, bem como propor possíveis caminhos em relação àquilo que chamo de teoria da linguagem de Benveniste.

Para contemplar o objetivo de demonstrar como funciona o par, o capítulo está sistematizado em três seções, as quais passo a descrever sumariamente. Na primeira, procuro responder à seguinte pergunta: como opera o par *designação-significação* nos contextos discursivos interpretados no capítulo 2? Em uma tentativa de sistematizá-los, subdivido as ocorrências de forma diferente da que fiz anteriormente. Aqui, sua divisão se dará por aproximação temática e não por textos e livros, como fiz no capítulo anterior. Assim, a seção está subdividida entre a leitura de fundo mais comparativista, a perspectiva de base mais enunciativa e, por fim, a visada que apresenta uma abordagem mais semiológica. Embora todas, de alguma maneira, imbriquem-se, em algum momento da reflexão, a divisão aqui estabelecida levou em consideração a predominância temática de cada texto.

Na segunda seção do capítulo, por sua vez, direciono a discussão em torno da reflexão sobre qual é o estatuto e a importância do par *designação-significação* no interior das reflexões de Benveniste sobre a linguagem. Ora, após ter interpretado algumas ocorrências, atribuído seu valor, sistematizado-as conforme seu comportamento, considero ser possível ensaiar algumas afirmações sobre sua importância em relação a toda a teoria da linguagem de Benveniste, e não somente em relação a um ou outro aspecto desta.

Finalmente, na última seção do capítulo, tenciono ponderar sobre as possíveis consequências de (re)encontrar o par *designação-significação* para os estudos que

atualmente se filiam ao ponto de vista benvenistiano. Nesse momento, arrisco-me a sugerir possíveis prospecções para os estudos de/em/sobre Benveniste, passíveis de serem desenvolvidos levando-se em consideração a existência e a importância do par *designação-significação*.

3.1 Modos de funcionamento do par *designação-significação* na reflexão de Benveniste sobre a linguagem

Difundido ao longo de toda a obra de Benveniste, o que, por si só, poderia denunciar alguma importância, o par *designação-significação* parece não ter recebido, até então, o devido tratamento em relação ao conjunto da teoria linguística do mestre.

Benveniste não nutria exatamente o que se pode chamar de afeto ao rigor das terminologias: como pesquisadores de sua obra, já aprendemos a lidar com as constantes oscilações de formas e sentidos em seus textos. Entretanto, há que se “desconfiar” da maciça recorrência de *design-* e *signific-* em tais artigos, ou, pelo menos, acender um alerta para tantos usos. Se com muito menos ocorrências de *enunciação* atribuiu-se a Benveniste sua Teoria da Enunciação, não é possível que aceitemos tacitamente a evidência de *design-* e *signific-* como usos ordinários das palavras da língua (dispomos de outras palavras para usos não ordinários?). Há algo nesses usos que merece ser investigado.

Pedir “à evidência que se justifique”, desfazer a “tão frágil fronteira entre a evidência e o encanto”, parecem ser uma espécie de mantra para Benveniste. Se entendi bem o modo de construção do argumento em seus artigos, o semanticista põe a termo exatamente isto: pede à evidência que se explique. Inicia seu texto, muitas vezes, apresentando pesquisas anteriores à sua, pontos de vista diversos do seu e que são tidos como pacíficos na comunidade científica, como evidências incontestes. Porém, ao dar fio ao seu raciocínio, com uma fineza argumentativa que lhe é singular, Benveniste desarma a primeira evidência e, com isso, traz à luz todo o encantamento da linguagem e das línguas. Esse movimento de argumentação-contra-argumentação-refutação presente em muitos de seus textos é o que chamo de “estilo Benveniste”.

Diante das inúmeras ocorrências do par *designação-significação* – e igualmente inspirada não só pelo que diz Benveniste, como também pelo modo como

o diz e o faz –, não posso ignorar que é necessário que se avalie a função exercida pelo referido par em sua reflexão. Resta-me, então, apresentar e discutir o comportamento que observei nas ocorrências terminológicas estudadas até aqui.

Embora sua presença se mostre com mais força quando se trata de análise de vocabulário, o par *designação-significação* também ocorre em outros contextos de reflexão sobre a linguagem pelos quais Benveniste se interessa. A divisão que estabeleci abaixo, inevitavelmente redutora, procura revelar o modo de funcionamento do par *designação-significação* sob três pontos de vista diferentes sobre a linguagem do mesmo autor. Passo, na sequência, a eles.

3.1.1 *Cenário comparativista: designação-significação e estudos de vocabulário*

A despeito do que nos faz supor com base no prefácio de VOC – onde afirma que outros estudiosos que não o linguista se encarregarão da designação –, Benveniste se vale largamente do uso do par *designação-significação* ao longo de suas análises do léxico de línguas do tronco indo-europeu.

Ao colocar línguas as mais diversas, como, por exemplo, o hitita, o sogdiano, o alto iraniano etc., em comparação, seja para demonstrar que pertencem ao mesmo tronco linguístico, seja para comprovar seu argumento sobre determinada reconstrução, ou até mesmo para demonstrar a diversidade de sentidos que uma mesma forma pode adquirir em diferentes línguas, Benveniste põe, frequentemente, em questão o que designam e o que significam tais formas em determinada língua.

Vejamos como isso se manifesta, de fato, em alguns exemplos dos contextos discursivos selecionados no capítulo 2.

Em *O gado e o dinheiro: pecu e pecúnia*, em que é realizada uma reconstrução de usos de **peku* para se chegar à relação entre *pecu* e *gado*, Benveniste afirma:

É em virtude de um processo distinto, inteiramente pragmático e secundário, que **peku*, cujo sentido era “posse móvel”, foi aplicado especificamente à realidade dita “gado”. Cumpre distinguir nesta análise os dois planos teóricos: o da significação e o da designação. Cumpre distinguir, por conseguinte, o sentido próprio de **peku*, revelado por seus derivados antigos, e o emprego histórico da palavra para designar o “gado”. (VOC I [1969] 1995b, p. 51, grifos do autor).

O que vemos, nessa citação, é, além da ratificação de designação e significação em seu aspecto teórico, as consequências de se diferenciar uma e outra: com a distinção entre significação e designação, temos, também, a diferenciação entre sentido próprio de **peku* e empregos históricos para designar “gado”. Podemos associar, aqui, significação a “sentido” e “sentido próprio”, que parecem funcionar como sinônimos, nesse caso; à designação, é possível relacionar “aplicado especificamente à realidade” e “emprego histórico”.

Nessa citação, observamos um duplo movimento de *designar-significar*: seu emprego funcionando tanto teórica quanto analiticamente, uma vez que Benveniste coloca o par em funcionamento para diferenciar aspectos sincrônicos e diacrônicos de “gado” como decorrências ou resultados da necessidade de distinção entre significação e designação.

Como no caso anterior, em *A fidelidade pessoal*, Benveniste coloca em funcionamento dois aspectos de designar e significar – teórico e analítico – em um mesmo texto:

Aqui se constata plenamente a diferença entre a *significação* e a *designação*, e a distância que pode separá-las, a tal ponto que, não se dispondo de referências lexicais, muitas vezes a designação não permite presumir nada a respeito da significação.

Desse mesmo abstrato *drauhti-* saem o presente denominativo *drauhtinon* “*σρραεὺεσθα*” e o composto *drauhti-witop* “*σρραε]α*, combate”, em que o segundo elemento **significa** “regra, lei”. Fora do gótico, o abstrato assume em germânico uma **significação** um pouco diferente: isl. ant. *drōt* e as formas correspondentes nos outros dialetos **designam** o “séquito guerreiro”, a “tropa”; é o caso do inglês antigo *dryht*, anglo-saxão *druht*, alto-alemão antigo *truht*. (VOCI I [1969], 1995b, p. 108, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Cabe recapitular que, apesar de a análise de vocabulário ser significativamente mais visível em VOC, esse não é o único lugar em que se pode encontrar o comparecimento de *designação-significação* como elementos constituintes das análises benvenistianas. Veja-se, por exemplo, em *Problemas semânticos da reconstrução*, de PLG I: “Não é o nome primitivo do carvalho que criou a noção de solidez, foi ao contrário pela expressão da solidez que se **designou** a árvore em geral e o carvalho em particular: o gr. *drûs* (gal. *derwen*) **significa** literalmente “o sólido, firme” (PLG I [1966], 1995a, p. 332, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

Também é possível encontrar análises comparativas de vocábulos de diferentes línguas em *Langues...*: “É do sentido próprio de *diabainō*, ‘manter as

pernas afastadas’, que deriva na sua significação primeira o nome do instrumento diabētēs: ele designa, primeiramente, o ‘compasso’ por uma metáfora imediatamente inteligível”.

Em todos os exemplos apresentados até agora, encontramos, nas análises, a presença de *designação-significação*. Ao se observar o modo como se apresenta nos textos, o par parece contribuir fortemente para as análises e comparações de línguas. Ao observar a dupla *designação-significação* em funcionamento, acompanhamos o desenvolvimento e a fixação de sentido de termos ao longo da história. Com o funcionamento do par *designação-significação*, vemos as palavras em sua sincronia e em sua diacronia ao mesmo tempo, pois reconstruímos as designações ao longo da história que tornaram possível a estabilização da significação de determinado termo. Testemunhamos, ao ler o que designam e o que significam os termos, o acontecimento da análise de Benveniste.

No caso das comparações entre línguas e culturas, o par *designação-significação* parece integrar o método com o qual Benveniste costuma proceder às suas análises, motivo pelo qual entendo *designar-significar*, aqui, como uma espécie de instrumento através do qual se pode realizar reconstruções e comparações de termos. Em outras palavras, compreendo que o par *designação-significação* é o que leva a termo a análise: trata-se de um operador, de uma ferramenta de que dispõe Benveniste e que compõe o seu método quando se trata de estudos de línguas em comparação.

3.1.2 *Perspectiva enunciativa: da função e da importância do par designação-significação*

Consagrada quando se trata de Benveniste, a leitura da Enunciação e sua patente relação com a subjetividade na linguagem também guarda importantes pontos de contato com o funcionamento do par *designação-significação*. Dentre os contextos discursivos interpretados nesta tese, aproximam-se mais dessa abordagem os que estão contidos nos textos *Da subjetividade na linguagem* (PLG I) e *A linguagem e a experiência humana* (PLG II). Efetivamente, avalio que o sintagma “pontos de contato” não dá conta da importância que *designar* assume em relação ao ponto de vista mais próximo à Enunciação. Explico-me.

Com a proposta de demonstrar, para um público de não linguistas, qual o papel da linguagem e da linguística na compreensão da noção de subjetividade, Benveniste retoma e enriquece o debate iniciado em outros textos sobre os fundamentos daquilo que posteriormente se intitularia Teoria da Enunciação. Nas citações de *Da subjetividade na linguagem* e *A linguagem e a experiência humana* que evoco abaixo, verifico que há outro modo de funcionamento de *designar*, relativamente diferente do papel desempenhado nos textos comparatistas. Sobre isso, há algumas considerações que gostaria de expor para tratar do modo de funcionamento do par *designação-significação* aqui. Tais considerações partem das seguintes passagens dos artigos mencionados:

A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha locução um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade - que eu me torne *tu* na locução daquele que por sua vez se **designa** por *eu*. Vemos aí um princípio cujas conseqüências é preciso desenvolver em todas as direções. A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*, remetendo a ele mesmo como *eu* no seu discurso. (PLG I [1966], 1995a, p. 286).

Ora, esses pronomes se distinguem de todas as **designações** que a língua articula, no seguinte: *não remetem nem a um conceito nem a um indivíduo*.

[...]É na instância de discurso na qual *eu designa* o locutor que este se enuncia como “sujeito”. É portanto verdade ao pé da letra que o fundamento da subjetividade está no exercício da língua. Se quisermos refletir bem sobre isso, veremos que não há outro testemunho objetivo da identidade do sujeito que não seja o que ele dá assim, ele mesmo sobre si mesmo.

A linguagem está de tal forma organizada que permite a cada locutor *apropriar-se* da língua toda **designando-se** como *eu*. (PLG I [1966], 1995a, p. 288, aspas e itálicos do autor, negritos meus).

O que caracteriza as séries de **designações** de ordem intersubjetiva, como se vê, é que uma translocação espacial e temporal torna-se necessária para objetivar os signos tais como “este”, “eu”, “agora”, que têm a cada vez um referente único na instância de discurso e somente ele. Esta transferência faz aparecer a diferença de planos entre os quais deslizam as mesmas formas linguísticas, segundo sejam consideradas no exercício do discurso ou em estado de dados lexicais. (PLG II [1974], 2006, p. 79, aspas do autor, negrito meu).

Ao ocupar-se dos fundamentos linguísticos da subjetividade, Benveniste enfatiza o fato de que, diferentemente das “designações que a língua articula”, o pronome *eu* não remete “nem a um conceito nem a um indivíduo”, mas a algo “exclusivamente linguístico”, ligado à instância de discurso em que é enunciado. Além

disso, quando se refere, em *A linguagem e a experiência humana*, à designação, é válido sublinhar que ele o faz com uma especificação: não se trata de toda e qualquer designação, como se poderia supor, mas de uma série de “designações de ordem intersubjetiva”. Há, aqui, certo distanciamento do modo como *designar* fora entendido nos textos de comparações de línguas; é o que se comprova em “esses pronomes se distinguem de todas as designações que a língua articula”, bem como na distinção entre as designações ligadas ao “exercício do discurso” e aquelas “em estado de dados lexicais”.

Ainda que tenha estabelecido distinção entre a designação das categorias de pessoa e tempo e as demais designações da língua, Benveniste ratifica o uso de *designar* em *Da subjetividade na linguagem*, entretanto, com um deslocamento bastante significativo no contexto em questão: não se trata somente de designar, mas de designar-se, de um dobrar-se sobre si. Qual é, afinal, o efeito resultante a pronominalização do verbo *designar* em relação à reflexão enunciativa?

Primeiramente, é possível constituir, a partir dos trechos citados, uma rede aproximativa de relações entre algumas palavras-chave da teoria enunciativa benvenistiana e *designação*. Termos como *locutor*, *sujeito*, *instância de discurso*, *(inter)subjetividade* parecem estar alinhados/em relação com o ato de designar. É válido reparar que todas essas palavras, à exceção de *designação* e seus derivados, são tributárias da reflexão enunciativa de Benveniste.

Benveniste atenta para a condição de diálogo constitutiva da língua, da subjetividade, da pessoa, “pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se **designa** por *eu*”. Mais do que mero acréscimo da partícula *se*, é condição *sine qua non* para a existência da subjetividade que o locutor assuma a língua para si e se converta em sujeito, designando-se a si como *eu* e designando ao outro como *tu*. Não há outro modo, na língua, de subjetividade, que prescindida da *suidesignação*. Trata-se, então, de uma relação de imprescindibilidade: sem (auto)designação, não há a emergência da subjetividade na linguagem.

O princípio do diálogo e da reciprocidade é, para Benveniste, um “princípio cujas consequências é preciso desenvolver em todas as direções”. A direção em que pretendi desenvolver tal princípio é a do atravessamento de *designar(-se)* e *significar(-se)* no próprio fundamento da subjetividade, como propriedade fundamental da linguagem. Ora, se a subjetividade é entendida como a emergência de uma propriedade fundamental da linguagem – dizer – e se, na concepção benvenistiana

de subjetividade está a exigência de designar a si e ao outro, não há como desconsiderar que tal necessidade está, então, intimamente ligada ao fato de que dizer é dizer-se, designar é designar-se, significar é significar-se, enunciar é enunciar-se. O uso de se, portanto, é de grande relevância na compreensão da noção de *subjetividade* em enunciação.

3.1.3 *Visada semiológica: designação-significação na discussão dos sistemas*

Os textos cujos pontos de vistas se aproximam mais de uma visada semiológica são *Os níveis da análise linguística*, *Semiologia da língua* e *Estrutura da língua, estrutura da sociedade*. Apesar de versarem sobre temáticas diferentes e serem destinados a públicos também diversos, esses artigos têm em comum aspectos que dizem respeito a uma reflexão mais ligada à construção de uma semiologia em Benveniste⁵⁵, em parte nos moldes saussurianos, que considera o homem que fala.

Em *Semiologia da língua*, encontramos, dentre outras discussões, a comparação entre língua e outros sistemas semiológicos. Ao tentar estabelecer paralelos entre a língua e outros sistemas, Benveniste questiona-se a respeito de dois princípios que considera necessários a essa comparação. O primeiro deles é um questionamento sobre se todos os sistemas dispõem de e são decomponíveis em unidades; o segundo, subordinado ao primeiro, indaga se, no caso dos sistemas que apresentam unidades – de onde já se pode deduzir que há sistemas que não as têm –, estas são signos ou não. Para dar lastro a suas questões, Benveniste opta por abordar em relação os sistemas das artes em geral e o sistema da língua, como observamos na citação a seguir.

⁵⁵ Para aprofundar-se nas discussões sobre a semiologia da língua de Benveniste, ver: ROSARIO, Heloisa Monteiro. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

Consideramos inicialmente o funcionamento dos sistemas ditos artísticos, o da imagem e o do som, deixando de lado deliberadamente sua função estética. A “língua” musical consiste em combinações e sucessões de sons, diversamente articulados; a unidade elementar, o som, não é um signo; cada som é identificável na estrutura da escala da qual ele depende, não sendo dotado de **significação**. Eis o exemplo típico de unidades que não são signos, que não **designam**, sendo somente os graus de uma escala na qual se fixa arbitrariamente a extensão. Temos aqui um princípio discriminador: os sistemas fundados sobre unidades dividem-se entre sistemas com unidades significantes e sistemas com unidades não significantes. Na primeira categoria coloca-se a língua; na segunda, a música.

Nas artes figurativas (pintura, desenho, escultura) com imagens fixas ou móveis, e a existência mesma de unidades que constitui matéria de discussão. [...] Elas são **designadas**, mas não **designam**; elas não remetem a nada, não sugerem nada de uma maneira unívoca. O artista as escolhe, amalgama-as, dispõe-nas à vontade sobre a tela, e é finalmente na composição apenas que elas se organizam e assumem, tecnicamente falando, uma “**significação**”, pela seleção e pelo arranjo. O artista cria assim sua própria semiótica: ele institui suas oposições em traços que ele próprio torna significantes em sua ordem. Ele não recebe então um repertório de signos, reconhecidos como tais, e ele não estabelece um repertório. Este material, a cor, comporta uma variedade ilimitada de nuances graduáveis, nenhuma das quais encontra equivalência com um “signo” linguístico. (PLG II [1974], 2006, p. 58, aspas do autor, negritos meus).

Os sistemas que Benveniste evoca para exemplificar e comparar com a língua, segundo ele, não são dotados de uma significação compartilhada, conforme demonstra a citação. No sistema da música, há a existência de unidades, contudo estas não constituem signos e, portanto, não designam, tampouco são providas de significação. O sistema musical, portanto, contém unidades, mas estas não são significantes.

Ser composto ou não unidades significantes é um princípio de distinção de sistemas para Benveniste; “ser significativo” quer dizer ser signo e, portanto, ser dotado de significação e designar. Tais características não estão presentes em outros sistemas semiológicos porque estas são propriedades intrínsecas à língua e somente a ela. Essas especificidades – designar e significar – estão, certamente, ligadas a uma das noções de *interpretância* que Benveniste propõe ao longo de sua teoria da linguagem, tendo em vista que somente as unidades da língua são simultaneamente sujeito e objeto de designar-significar: ao mesmo tempo em que designam-significam, são designadas-significadas na e pela língua-discurso, pois designam e significam a si mesmas. Aos outros sistemas, somente é possível receber o ato e/ou efeito da designação e da significação.

Outro texto profundamente necessário para aqueles que, como eu, almejam desenvolver pesquisas que evidenciem as relações entre língua, sociedade e cultura, *Estrutura da língua e estrutura da sociedade* apresenta um estudo sobre os pontos de aproximação e separação dos sistemas da língua e da sociedade. Para Benveniste, em uma primeira visada, língua e sociedade, tal como se costuma comparar, são pontos de vista inconciliáveis e relativamente incomparáveis porque de natureza e estruturas distintas, embora complementares.

Para tentar estabelecer certa relação entre o sistema da língua e o da sociedade, Benveniste constitui uma divisão de níveis em ambos os sistemas. Trata-se da divisão entre nível histórico e fundamental, bastante pertinentes no contexto, para que se possa ter clareza a que língua e a que sociedade nos referimos. Conforme se aborde língua e sociedade segundo o ponto de vista de um e outro nível, teremos objetos bastante diferentes, com alcance também diversos. A partir dessa diferenciação, e ancorado em discussões anteriores sobre sistemas semiológicos de diferentes naturezas, Benveniste postula que “a língua interpreta a sociedade. A sociedade torna-se significante na e pela língua” (PLG II [1974], 2006, p. 98), uma vez que a língua é o único sistema capaz de interpretar a si mesmo e aos outros sistemas. A noção de *interpretância*, aqui, assume, também, o sentido de que a língua contém a sociedade, conforme apontei na seção 2.1.3.3. O fato mesmo de dizer que a língua engloba a sociedade e a contém é reafirmar o poder/capacidade de a língua ser o interpretante por excelência de todos os outros sistemas:

Há, portanto, duas propriedades inerentes à língua, em seu nível mais profundo. Há a propriedade que é constitutiva de sua natureza de ser formada de unidades significantes, e há a propriedade que é constitutiva de seu emprego de poder arranjar estes signos de maneira significante. [...]

A língua engloba a sociedade de todos os lados e a contém em seu aparelho conceitual, mas ao mesmo tempo, em virtude de um poder distinto, ela configura a sociedade instaurando aquilo que se poderia chamar o semantismo social. É esta parte da língua que tem sido mais frequentemente estudada. Ela consiste na verdade, principalmente mas não exclusivamente, em **designações**, em fatos de vocabulário. O vocabulário fornece aqui uma matéria muito abundante, de que se servem historiadores da sociedade e da cultura. O vocabulário conserva testemunhos insubstituíveis sobre as formas e as fases da organização social, sobre os regimes políticos, sobre os modos de produção que foram sucessiva ou simultaneamente empregados, etc. [...]

Os testemunhos que a língua dá deste ponto de vista só adquirem todo seu valor se eles forem ligados entre eles e coordenados a sua referência. Existe aí um mecanismo complexo cujos ensinamentos é preciso interpretar

prudentemente. O estado da sociedade numa época dada não aparece sempre refletido nas **designações** de que ela faz uso, pois as **designações** podem muitas vezes subsistir quando os referentes, as realidades designadas já mudaram. (PLG II [1974], 2006, p. 99-100, negritos meus).

Em relação à discussão de Benveniste no texto, a designação é abordada do ponto de vista do semantismo social, como o elemento que melhor demonstra os efeitos da mudança da sociedade na língua. Por isso, a designação é de interesse também de historiadores e sociólogos. Já a significação, por sua vez, é de interesse quase exclusivo de estudiosos da linguagem, o que não impede que seja profundamente valorosa na compreensão do que seja mesmo língua e até sociedade.

Com a divisão da possibilidade de visada da língua e da sociedade segundo os níveis histórico e fundamental, não seria equivocado supor que há conceitos e elementos que se fazem presentes em um nível e não em outro, devido às especificidades de estrutura e natureza do que seja língua e sociedade em cada um. Considero acertado que inexistam certos conceitos conforme o nível em que se coloque. Entretanto, há elementos que permanecem em ambos os níveis, como é o caso de *designação-significação*. Como explicitiei anteriormente, os níveis histórico e fundamental são diferentes possibilidades de abordagem da língua e da sociedade enquanto sistemas que, apesar de distintos e relativamente incomparáveis, conservam pontos de contato. Entendo que, neste caso, a designação especificamente apresenta-se como um dos elos que entrelaça tão fortemente língua e sociedade.

Designar e significar comparecem em ambas as divisões, mas cumprem diferentes funções, segundo o nível em que se coloque: no nível fundamental, temos o fato de que a língua é o interpretante da sociedade e dos demais sistemas semiológicos e, por isso, inexoravelmente, é o único sistema capaz de designar(-se) e significar(-se) – não há processo de designação e significação fora da língua, pois isso se trata de uma característica/função intrínseca a ela. No nível histórico, temos designação e significação atuando como principais evidências do testemunho que a língua dá das mudanças sociais.

Diante da existência de designação e significação tanto no nível histórico quanto no nível fundamental, é válido conjecturar que esse par conceitual funciona como um elo que entrelaça fortemente língua e sociedade, de tal modo que o falante, assim como muitos linguistas, vê uma como o decalque da outra, raciocínio que permitiria acreditar na falácia de que a língua é o reflexo da sociedade, por exemplo.

A respeito da relação língua-sociedade, Knack (2018, p. 3) argumenta que a designação lhe parece “um processo que fura a fronteira entre os níveis fundamental e histórico, já que implica ambos, encontrando sua base na língua como sistema de formas significantes entrelaçada à vida social”. Ao alinhar meu ponto de vista ao da autora, amplio seu espectro, pois pondero que o alcance do par *designação-significação* está para além da relação entre os níveis histórico e fundamental: seu alcance diz respeito tanto às línguas e às formações sociais, historicamente, quanto à língua e à sociedade, fundamentalmente, mas também é um dos pontos em que língua e sociedade, enquanto instituições, ancoram-se para manter seu equilíbrio de forças, coordenando e contendo suas mudanças.

3.2 Qual o estatuto do par *designação-significação* na reflexão linguística de Benveniste? Juntando os pontos, amarrando os nós

Após inventariar e esquadrihar os modos de manifestação do par *designação-significação* na reflexão de Benveniste, é chegado o momento de reunir alguns apontamentos. Alicerçada nos textos selecionados do linguista para esta tese, exploro as relações entre si que me permitem avaliar a importância do par *designação-significação* na teoria da linguagem do mestre.

Após o intenso trabalho de investigação, leitura e interpretação do *corpus* teórico selecionado para esta tese, não restam dúvidas de que a designação e a significação são noções bastante consolidadas para Benveniste, embora nem sempre sua compreensão seja fácil para o leitor. De fato, Benveniste ocupou-se e valeu-se desse par conceitual “jusqu’à la fin de sa vie”, porém de diferentes maneiras.

Muito recentemente, temos acompanhado a (re)emergência desses conceitos de *designação* e *significação* enquanto par dentre aqueles sobre os quais temos nos debruçado incansavelmente nos textos benvenistianos. Sempre presentes, mas nem sempre com o mesmo sentido, os conceitos são formulados e reformulados ao longo da obra, conforme o ponto de vista em que Benveniste se encontra para observar a língua, sem nunca, no entanto, serem abandonados.

Em cada um dos pontos de vista de que me ocupei na seção anterior, a designação e a significação comparecem de distintos modos: de onde quer que se olhe, em todos os planos estão a designação e a significação, desempenhando

diferentes papéis; em todos eles, porém, sua relevância é inegavelmente fundamental, porque toca em aspectos sensíveis a cada ponto de vista de estudo da língua.

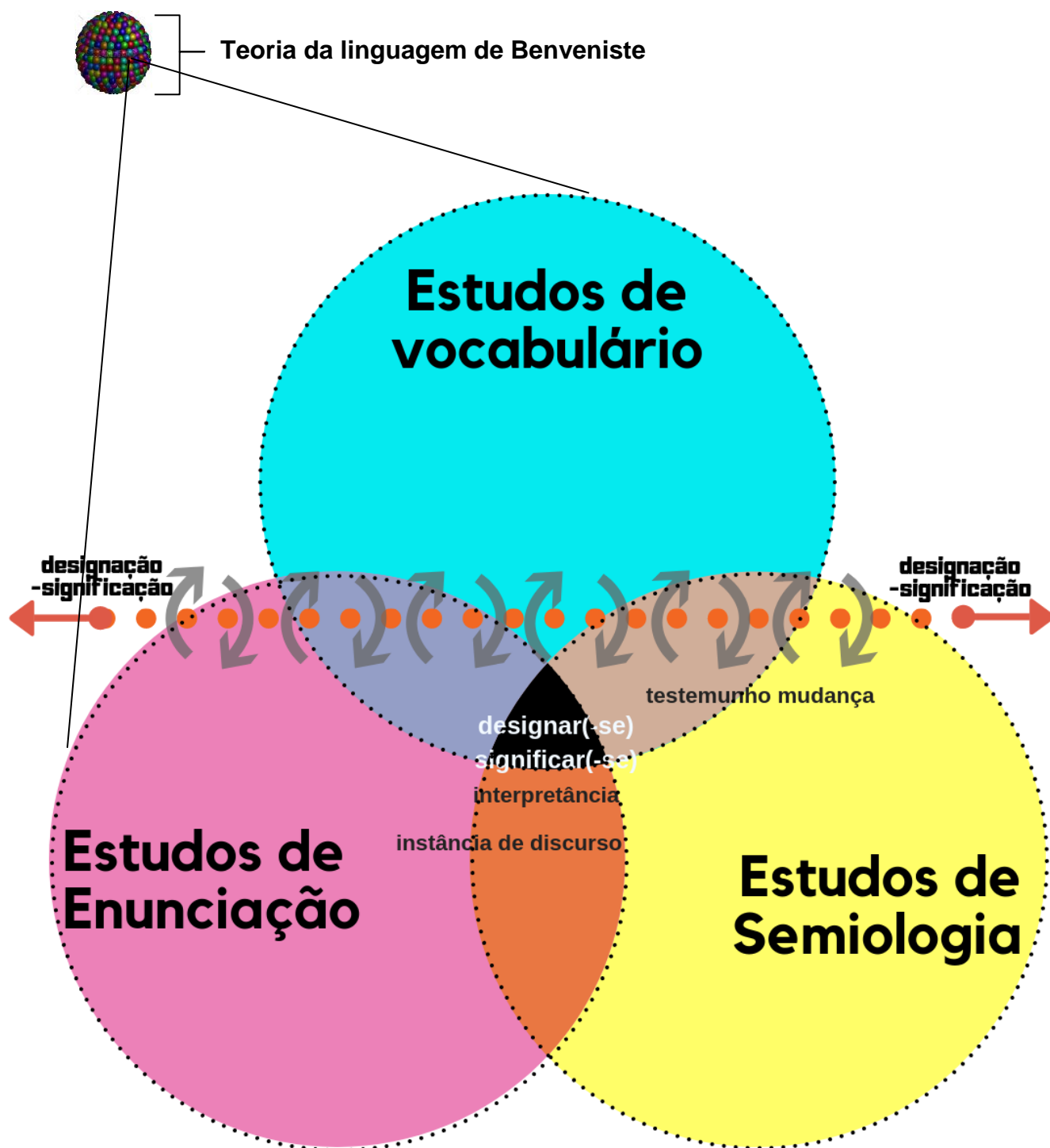
Em síntese, o par adquire estatuto de

- 1) operador no processo de análise semântica, parte integrante de um “método” de Benveniste, quando empregado em textos relativos a estudos de comparação de línguas. Na medida em que coloca línguas em relação para chegar à (re)construção de sentidos, Benveniste faz operar sua análise por meio dos processos de designação e significação. Utilizado incontáveis vezes em seus textos, o par se presta perfeitamente às análises propostas pelo linguista sírio-francês, de modo que ousou afirmar que a designação e a significação constituem seu método de estudo semântico de vocabulário das mais diversas línguas;
- 2) elemento central para a emergência da (inter)subjetividade. Quando os encontramos em textos mais ligados aos estudos enunciativos, os termos *designação* e *significação* passam por um deslizamento de sentido, com certa ressignificação do modo como se entendiam tais noções nos estudos de vocabulário. Em vez de designar conceitos ou indivíduos, o par *eu* e *tu* e seus correlatos espaço-temporais se encontram em um lugar da língua em que a designação e a significação ocorrem de maneira singular: a (auto)designação-significação de *eu-tu-aqui-agora* ocorre sempre e somente na instância de discurso em que é enunciada. Com base em seu modelo de análise de vocábulos da língua, Benveniste desloca a reflexão, o que lhe permite problematizar a designação e a significação e colocá-las como necessárias para a construção da (inter)subjetividade: por intermédio do processo de designação-significação, *eu* designa a si mesmo e, assim, passa de locutor a sujeito, ao mesmo tempo em que designa o outro;
- 3) função primordial de toda e qualquer língua, quando figuram em textos com pontos de vista mais próximos à perspectiva semiológica. No que diz respeito a essa visada, a designação e a significação localizam-se no próprio cerne do argumento. Em dado momento, designar é uma das

funções de ser signo, que é, por sua vez, a unidade da língua. O par *designação-significação* está, certamente, ligado à noção e à função de interpretância da língua, pois tanto o par quanto a interpretância são todas capacidades únicas e exclusivas da língua como sistema. Se o que confere à língua o papel mais importante dentre os sistemas semiológicos é o fato de ela ser o único sistema capaz de interpretar a si mesmo e aos outros, é lícito relacionar e alinhar tal capacidade com as também únicas e exclusivas capacidades de designar(-se) e significar(-se).

Embora os pontos de vista tenham sido separados, sua divisão se dá em função de uma decisão unicamente metodológica, pois esses eles, apesar de terem estatutos distintos, dialogam entre si, o que merece estudos mais aprofundados para além desta pesquisa. Todos os pontos de vista aqui elencados se correlacionam e se integram na construção de uma teoria da linguagem de Benveniste. Na prática, e para diferentes propósitos, tal divisão é menos evidente e com fronteiras mais apagadas. Assim como outros conceitos, o par *designação-significação* atravessa toda a reflexão linguística de Benveniste e, portanto, toda a língua. Na Figura 2, esboço o modo como entendo o atravessamento da obra do linguista pelo par *designação-significação*.

Figura 2 – O par *designação-significação* nos estudos benvenistianos.



Fonte: Elaborado pela autora.

Dentre os pontos de vista em que dividi os textos de Benveniste – estudos de vocabulário, estudos enunciativos, estudos semiológicos –, o par *designação-significação* figura de maneira extremamente relevante em todos eles e parece cumprir funções determinantes em cada um, segundo as características próprias de cada abordagem.

A esfera menor da figura, em segundo plano, à esquerda, representa os estudos da linguagem de Benveniste, enquanto a dupla *designação-significação* integra a parte que está destacada em primeiro plano. Por entender que esse par, seja como função, seja como operador, atravessa as questões linguísticas de Benveniste, represento-o pelas setas que ligam os campos de estudos e pela linha pontilhada que perfura os três grandes círculos. As fronteiras, embora definidas, são permeáveis, porosas, de modo que uma sofre influência das outras e tem pontos de convergência com as outras. No entrecruzamento dos campos, estão alguns conceitos e palavras que pertencem a mais de um ponto de vista e que, à sua maneira, também atravessam as áreas.

As setas que vão e voltam entre um campo e outro representam, significam, também, que o par *designação-significação* é um laço que une os campos de estudos de vocabulário, de enunciação e de semiologia. Em outras palavras, trata-se de conceitos que fazem com “que tudo signifique em função do todo” (PLG I [1966], 1995a, p. 24), o que me permite comprovar que a designação e a significação integram, com conceitos também basilares, algo que se poderia chamar de teoria do conjunto, no sentido de conceitos e perspectivas transversais nos estudos linguísticos de Benveniste.

Após a reiterada leitura e interpretação dos textos de Benveniste, compreendo que o par *designação-significação*, apesar de pouco destaque, assume grande relevância na constituição de suas análises, estudos, reflexões sobre a linguagem de modo geral, de modo que é justo reconhecer e assegurar seu devido lugar no interior da teoria de Benveniste: para o mestre, designar e significar são funções primordiais, essenciais de toda língua. Para onde quer que se olhe, lá estão a designação e a significação. Talvez por ter a aparência de obviedade, tenhamos atentado até então tão pouco para esse fato, que não é pouca coisa. Em suas diferentes facetas, o par *designação-significação* desempenha diferentes funções, mas é notório que há, em grande parte dos estudos de Benveniste a que tive acesso, a utilização recorrente do

par, seja para pensar línguas em comparação, seja para pensar a emergência da subjetividade na língua, seja para pensar a língua em relação com outros sistemas.

Reconhecer a importância do par *designação-significação* no legado benvenistiano requer que, em alguma medida, reconfiguremos seu papel no interior das reflexões sobre e com Benveniste. Certamente, a (re)inserção desse par conceitual na trilha de conceitos-chave em sua teoria da linguagem deve produzir efeitos diversos nos estudos benvenistianos. Já não se pode afirmar, por exemplo, que a designação nunca interessou a Benveniste. Tal afirmação é falsa e se comprova largamente ao longo dos próprios textos do mestre. Embora, de fato, não se interesse profundamente pela designação enquanto elemento “colado” ao real, o linguista reconhece sua existência e encontra formas de abordá-la internamente à língua. A despeito do que muitos linguistas fizeram (e fazem), Benveniste não só considera (uma certa) a relação da língua com o real, como também a coloca no cerne da discussão, através de conceitos como *realidade de discurso* e *(auto)designação-significação*.

Há outras decorrências que podem ser aventadas, além de projeções de possíveis estudos. Mais do que isso não se pode fazer, pois a importância e o impacto do par *designação-significação* ainda está por ser avaliado pela comunidade de linguistas que se dedica a ler Benveniste. É sobre as possíveis decorrências oriundas da importância de tal par que vou falar na próxima seção.

3.3 Das projeções possíveis para os estudos benvenistianos atuais a partir do (re)encontro com o par *designação-significação*

É sabido que, com as publicações mais recentes de Benveniste, há uma espécie de nova recepção de sua linguística. Acompanhamos isso facilmente a partir dos trabalhos de pesquisa que, atualmente, alinham-se à perspectiva de orientação benvenistiana. Muitos deles, antes de obras como *Últimas Aulas*, *Baudelaire*, *La traduction...*, *Langues...*, seriam impensáveis – e, ousado afirmar, até mesmo desautorizados – no campo de estudos benvenistianos. Certamente, o impacto e os efeitos gerados em toda a teoria de Benveniste, com suas mais recentes publicações, deverão ser avaliados futuramente. Por ora, não dispomos das condições necessárias para verificar todo seu alcance.

Do mesmo modo, guardadas as diferenças, não é possível analisar, desde já, a repercussão que o (re)encontro do par *designação-significação* representa no âmago da reflexão benvenistiana. Seria, no mínimo, imprudente de minha parte ousar avaliá-la tendo transcorrido tão pouco tempo desde sua (re)descoberta. O que se pode, sim, é apontar alguns trajetos possíveis de serem traçados a partir dos pequenos passos por mim aqui dados. Por isso, nesta seção, pretendo explicitar alguns pontos da reflexão teórica a que cheguei com esta pesquisa, além de propor novas paragens possíveis, ora nos ombros dos gigantes, ora seguindo seus passos.

O leitor poderá observar certa discrepância, nesta discussão, entre as linhas dedicadas a uma e/ou outra afirmação a seguir. Isso se deve, dentre outros motivos, ao maior ou menor grau de complexidade entre um e outro assunto, além da especificidade de cada elemento destacado e discutido. Em outras palavras, o fato de uma discussão ser mais extensa que a outra não diminui, sob nenhuma hipótese, o valor da outra; demonstra, sim, que se trata de discussões que requerem aprofundamentos diversos. A seguir, passo a expor cinco consequências e prospecções possíveis, a partir da leitura estabelecida nesta tese em relação ao par *designação-significação* em Benveniste.

1. A designação não é desconsiderada nos estudos de Benveniste. Essa proposição negativa vem em forma de resposta ao que se costuma proferir a respeito da relevância da designação nas discussões de Benveniste. Como espero ter demonstrado em meus gestos de interpretação ao longo desta tese, apesar de o autor afirmar, no *Prefácio* de *VOC*, que não abordaria a designação por considerá-la assunto de sociólogos e antropólogos, essa noção comparece *fortemente* e de *diferentes maneiras* em toda a reflexão de Benveniste sobre a língua.

Quando se trata da designação, há, de modo geral, dentre os linguistas, a tendência a ligá-la diretamente ao concreto, ao mundo externo à língua, de modo que procuram evitá-la, da mesma forma que se evitou/evita o falante em alguns campos de estudos da linguagem. Ora, é evidente que há relação entre a designação e o mundo, assim como também o há entre a língua, o mundo e os homens; isso não deveria causar espanto. Entretanto, Benveniste articula tal relação de modo a colocar o ato/processo de designar como uma propriedade inerente à língua, a todas as línguas. As línguas significam porque designam e vice-versa. Ao observar as análises de línguas de Benveniste, conforme diversos momentos desta pesquisa, é possível

perceber que, de fato, a designação e a significação funcionam conjuntamente e que, de nenhuma maneira, a designação é excluída dos processos linguísticos.

2. O par *designação-significação* deve ser considerado nos estudos enunciativos. Segundo busquei explicitar nos capítulos 2 e 3, a partir de um deslocamento de seus estudos de vocabulário, Benveniste coloca o par *designação-significação* no centro da discussão sobre subjetividade na Teoria da Enunciação, em seus PLG.

Em *Da subjetividade na linguagem*, ao propor os fundamentos linguísticos da subjetividade, Benveniste afirma que esta se trata da emergência de uma “propriedade fundamental da linguagem” (PLG I [1966], 1995a, p. 286); mais especificamente, a subjetividade a que o autor se refere, no texto, é a “capacidade do locutor para se propor como ‘sujeito’” (PLG I [1966], 1995a, p. 286, grifo do autor). O fundamento linguístico da subjetividade está, para Benveniste, determinado pela categoria de pessoa. Nesse momento, o linguista passa a tratar da emergência da subjetividade na e pela enunciação a partir do ato de dizer “eu” e “tu”. Ao abordar essa relação, afirma que o homem, como falante, designa-se como “eu”, passando, assim, de locutor a sujeito; “eu”, aqui, significa a pessoa que enuncia a forma *eu*. Designar-se, nesse caso, está intimamente ligado a “assumir-se”, “apresentar-se”, “propor-se” como sujeito. Ora, se a subjetividade é a capacidade de o locutor propor-se como sujeito e se, para propor-se como sujeito, é imprescindível que o falante designe-se como “eu”, passando assim, e somente assim, de locutor a sujeito, é inegável que há grande importância nessa relação entre subjetividade e (auto)designação-significação, que, até então, não me parecia suficientemente delineada.

Considero, com base no exposto, que o par *designação-significação* merece ser posicionado no interior das discussões sobre Enunciação de base benvenistiana. O fato de propor que se repense a importância da designação e da significação no bojo dos estudos enunciativos não altera ou invalida, sob nenhuma hipótese, os estudos anteriores, que não dispunham do par em seu horizonte teórico próximo, uma vez que esse par estava relativamente apagado na reflexão sobre o pensamento benvenistiano. O que se pode almejar, em termos de reposicionamento de noções, é em relação a estudos futuros; é, de fato, a isso que me refiro quando pondero sobre a necessidade de inclusão desses conceitos nos estudos enunciativos.

3. O estudo do par *designação-significação* pode fornecer subsídios para estudos de tradução que se filiam a Benveniste. O campo que integra estudos de

tradução e estudos de Benveniste tem, atualmente, conquistado considerável interesse, por parte tanto de pesquisadores de tradução quanto de pesquisadores de/sobre/a partir de Benveniste. Nunes (2012), ao pesquisar sobre a prática tradutória em contexto de ensino sob o viés enunciativo benvenistiano, abriu a porta de caminhos possíveis para aproximações entre a tradução e o semanticista sírio-francês. Sua pesquisa é leitura incontornável para aqueles que almejam propor e/ou firmar a ponte entre os dois campos.

Na trilha dos passos de Nunes (2012), Haizenreder (2016), por sua vez, propõe uma semiologia da tradução, com base, principalmente, nos escritos de Benveniste sobre a distinção *semiótico/semântico*. Pioneiras tanto no que diz respeito aos estudos de tradução desde uma visada benvenistiana quanto no que concerne aos estudos de Benveniste sobre tradução, ambas as pesquisadoras desenvolveram, cada uma a seu modo, suas investigações a partir das leituras de PLG e *Últimas Aulas*. Hoff (2018), trabalho mais recente que coloca em relação Benveniste e tradução, apresenta à comunidade científica um estudo que alarga o espectro de relações entre esses dois campos.

A publicação de *La traduction...*, apesar de curta, revigora e reafirma a existência de laços possíveis entre tradução e Benveniste. O texto *La traduction...* permite que os estudos de tradução de perspectiva benvenistiana acedam a outros patamares, até então não alcançados, antes da publicação dessa nota manuscrita que ratifica o interesse do mestre pelo fenômeno tradutório. Hoff (2018), sabiamente, compreende a importância e a contundência desse texto para o campo dos estudos de tradução a partir de Benveniste, em que se insere e que almeja assentar, dedicando todo seu trabalho de dissertação a tal manuscrito. Em sua pesquisa, a autora vai além dos caminhos já trilhados ao pensar a tradução não somente em termos enunciativos e/ou semiológicos, mas em relação à teoria da linguagem de Benveniste como um todo, e também ao propor sua leitura sobre a relação entre a noção de *designação* que comparece no texto e o fenômeno da tradução. Sua pesquisa, importante e necessária, deslinda caminhos ainda não percorridos no que diz respeito ao entrelaçamento de tradução e Benveniste, bem como delinea trajetórias a percorrer nesse relativamente novo âmbito que se abre nos estudos benvenistianos.

Nesta tese, ao estudar o funcionamento do par *designação-significação* quando estes atuam como operadores de análise, observei que, constantemente, eles estão em relação com traduções de um ou outro vocábulo. Ainda que Benveniste nem

sempre use o termo “tradução”, é disso que se trata quando explica que determinada palavra – tomemos como exemplo “escrita”, designada como *scribō* em latim, *schreiben* em alemão recente, *rita* em nórdico antigo e, em inglês antigo, *writan*, com suas respectivas nuances de sentido (*Últimas Aulas* [2012], 2014, p. 174). Haveria, ainda, inúmeros outros exemplos que demonstram que, ao colocar em funcionamento o par *designação-significação* como operadores de análise, o método de que se vale Benveniste põe em jogo elementos que requerem a tradução e que, por sua vez, convocam os estudos desse campo.

4. Designação e significação podem dizer algo a respeito dos processos de aquisição da linguagem. Tendo em vista que todos os processos de aquisição de linguagem - seja de língua materna, seja de língua estrangeira, seja de escrita – supõem uma *certa* relação com o mundo e que essa *certa* relação é mediada e só é possível na e pela linguagem, entendo que o par *designação-significação* possa ser abordado como elemento de base para se colocar em perspectiva a(s) entrada(s) (ou seu reconhecimento) do homem na língua, seja qual for sua modalidade.

Minha leitura, aqui, é tributária de Silva (2009), que, com sua pesquisa, estabelece um novo campo a partir dos estudos enunciativos de Benveniste: o da interface enunciação-aquisição. Em um trabalho desenvolvido primorosa, extensiva e minuciosamente, a linguista observou uma lacuna a ser preenchida tanto no que dizia respeito aos estudos de aquisição – não havia muitos estudos que atentassem para a aquisição da linguagem concebida em sua heterogeneidade por um sujeito considerado em sua singularidade – quanto no que se referia aos estudos de Enunciação – não havia pesquisas, dentre os estudos enunciativos benvenistianos, que tematizassem o fenômeno aquisicional. Atualmente, com sua teoria consolidada entre os pares, suas pesquisas são referência em todo e qualquer estudo que se proponha a pensar as aquisições de linguagem a partir de uma perspectiva de inspiração benvenistiana. Os questionamentos e as projeções de leitura que ousou propor sobre as aproximações entre o par *designação-significação* e o processo de aquisição da linguagem somente são possíveis porque Silva (2009) fundou esse campo e, com isso, mostrou-nos algo que não víamos: que um estudo de aquisição necessita de um olhar que considere sujeitos e sentidos.

Independentemente de qual seja a forma de aquisição para a qual voltemos nossa atenção, trata-se da inserção do homem numa manifestação cultural já instituída e no reconhecimento desta por ele, em um universo onde as regras já estão

estabelecidas. Esse colocar-se e reconhecer-se na linguagem, em um momento inicial, convoca com mais vigor o empírico, o “mundo”. Entendo que a função da designação e da significação na aquisição pode estar ligada à proposição de Silva (2009) a respeito de diferentes operações realizadas pela criança no período de entrada na língua, principalmente à operação que trata da passagem de uma referência mostrada para uma referência constituída na língua-discurso⁵⁶.

Dessa possibilidade de relação, decorrem algumas inquietações, as quais passo a apresentar. Uma vez que a criança passa de uma referência mostrada – mais calcada no “concreto” da situação imediata de discurso – para uma referência constituída de modo mais independente dessa situação – em que consegue se relacionar com mais desenvoltura com e na língua –, haveria a necessidade de se pensar em novos entendimentos para a designação e a significação nessa passagem da referência mostrada à referência constituída na língua-discurso? A designação em fase de aquisição funciona da mesma maneira ao longo de toda a vida? De que modo funcionam a designação e a significação no período de aquisição? Essas e outras foram perguntas que me fiz, ao me deparar com o alcance das noções de *designação-significação*, em função de a primeira estar comumente ligada a essa certa relação com o mundo nesse período. A partir das inquietações que surgiram, compreendo que o par *designação-significação* pode desempenhar papel relevante na compreensão da relação homem-linguagem-cultura e auxiliar nos estudos de aquisição de linguagem desde uma perspectiva benvenistiana.

5. Há certa aproximação – a ser averiguada – entre o par *designação-significação* e as noções benvenistianas de *interpretância*. Embora não seja meu propósito esquadrihar a noção de *interpretância* e seus desdobramentos na reflexão semiológica de Benveniste nesta tese, é necessário retomar sinteticamente alguns aspectos relevantes que me permitem aventar a hipótese de que a relação entre designação, significação e interpretância carece ser estudada com mais vagar.

Em primeiro lugar, é válido sublinhar que a noção de *interpretância* não é unívoca e homogênea nos escritos de Benveniste: grosso modo, a interpretância se apresenta, em sua obra, de pelo menos três maneiras, todas elas relacionadas entre

⁵⁶ Na esteira das reflexões de Silva (2009), Oliveira (2018) desenvolve um estudo em que analisa o funcionamento referencial do discurso de uma criança brasileira em fase de aquisição da linguagem. O autor conclui que “a relação *eu-tu* (intersubjetividade) / *ele* (referência) contribui para a constituição da criança como falante de sua língua materna e participante da sociedade dessa língua, na medida em que é nas relações com o outro e com a cultura via enunciação que a criança apreende [...], [transforma] simbolicamente os elementos da realidade em conceitos (sentidos) e [relaciona-os] com palavras (formas) no discurso” (OLIVEIRA, 2018, p. 23).

si, mas ao mesmo tempo distinguíveis uma da outra. São elas: a) interpretância em relação à sociedade; b) interpretância em relação a outros sistemas semiológicos; c) interpretância da língua em relação a si mesma. Passo a explicar brevemente essas três possibilidades de leitura da noção de *interpretância*.

Em *Semiologia da língua*, texto de 1957, Benveniste apresenta uma abordagem que alinha diferentes sistemas semiológicos e busca estabelecer possíveis relações entre eles. Observe-se que a palavra *relação* é importante, aqui, porque, de fato, é o que sintetiza o método que Benveniste emprega para comparar sistemas: ele os coloca em *relação*. A relação de interpretância é a terceira possibilidade de relação entre sistemas semiológicos delineada pelo autor: as outras duas relações são a de engendramento e a de homologia. No que concerne à relação que me interessa aqui, a de interpretância, trata-se do fato de a língua ser o “interpretante de **todos** os sistemas semióticos” (PLG II [1974], 2006, p. 62). O fato de ser o único capaz de interpretar todos os sistemas confere à língua centralidade no bojo da reflexão semiológica de Benveniste. Para ele, não há nada no mundo que, para ser dito, pensado ou sentido, não tenha passado pela língua:

A língua é o interpretante de **todos** os sistemas semióticos. Nenhum outro sistema dispõe de uma “língua” na qual se possa categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto que a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, **inclusive ela mesma**. (PLG II [1974], 2006, p. 62, grifos meus).

Quando busca explicar a relação de interpretância, na citação anterior, Benveniste já apresenta o que chamo, aqui, de capacidade de interpretância, que decorre da *relação* de interpretância: uma vez que a língua é o interpretante de **todos** os sistemas, ela é também o interpretante de **si mesma**, o que lhe atribui outra característica exclusiva, a de voltar-se sobre si mesma, de dobrar-se em si. Portanto, não se trata mais de uma *relação* entre sistemas, mas de uma propriedade específica da língua.

Em *Estrutura da língua e estrutura da sociedade*, texto de 1968, portanto anterior a *Semiologia da língua*, Benveniste já apresenta a proposição de língua como interpretante de todos os sistemas, aprofundando-se, nesse texto, na relação entre língua e sociedade, aquela sendo o interpretante desta. Ao fazê-lo, o linguista recupera, também, a afirmação de que a língua contém a sociedade, ratificada no artigo de 1969, mas, nesse texto de 1968, desenvolve e explica tal afirmação.

Conter, nesse contexto, é sinônimo de *incluir* a sociedade, de englobá-la. Ao esclarecer o que significa dizer que a língua contém a sociedade, Benveniste também outorga papel de destaque à sociedade, dentre os demais sistemas semiológicos, por ela ser “o interpretado por excelência da língua”. Com isso, ainda que confira destaque à sociedade como sistema dentre os demais, Benveniste não as vislumbra em relação simétrica, uma vez que uma – no caso, a língua – dispõe de propriedades e capacidades que a outra não detém.

Na medida em que a designação e a significação são, assim como a interpretância, propriedades exclusivas do sistema da língua, tanto em relação a si mesma quanto em relação a outros sistemas, em uma disposição de sujeito e objeto de designar-significar e interpretar, avalio que há algo, nas semelhanças das propriedades, que merece ser aprofundado em estudos posteriores. Apesar de saber que há, de fato, uma relação entre designação significação, de um lado, e interpretância, de outro, pululam outras indagações, decorrentes da compreensão da proximidade entre esses conceitos, as quais podem ser abordadas em pesquisas futuras. O que pode nos indicar essa semelhança/similaridade entre tais conceitos? De que natureza é essa relação, se ela de fato se comprovar?

Procurei apresentar, nesta seção, alguns encaminhamentos, consequências e projeções possíveis, que levem em consideração o estudo do par *designação-significação*. Como já esclareci anteriormente, esta seção não se ocupa de estabelecer orientações sobre onde/como proceder nas pesquisas de *designação-significação* – estudo de que não sou detentora, mas legatária de grandes mestres que me permitiram escrever estas linhas –, tampouco almeja reconfigurar o campo. Meu gesto de leitura é bastante modesto: trata-se mais do compartilhamento, com o leitor, de questionamentos que surgiram ao longo da pesquisa e que podem interessar a outros pesquisadores e/ou suscitar diálogos futuros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Al andar se hace el camino,
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar.*

António Machado

Para aqueles que se sobressaltam com o encantamento da linguagem e a genialidade das reflexões de Benveniste, a pesquisa nunca termina. Entretanto, devido às limitações de tempo e de espaço requeridas no universo acadêmico, é preciso demarcar a “finalização” do trabalho. Observe que coloco entre aspas a palavra *finalização* e que não digo *finalizar* tampouco *concluir*, pois se trata apenas de um efeito requerido pelo e gerado para o gênero *tese de doutoramento*. A tese é finalizada, contudo a inquietação, a investigação e a temática não se encerram nem se esgotam nunca. Podem, sim, transmutar-se: tais quais a enunciação, nunca são idênticos a si mesmos os caminhos.

Se *al andar se hace el camino*, ou seja, se o percurso é estabelecido ao mesmo tempo em que se faz a trajetória, é preciso, em algum momento, perceber o trecho percorrido. É chegado, então, o momento de pausar, por ora, a caminhada *y al volver la vista atrás*, isto é, observar perspectivamente o modo como foi traçada a trajetória, avaliar os passos dados, os lugares pisados e, por fim, vislumbrar como pode se dar continuidade ao seguir andando, *al hacer el camino al andar*. Concentro meus esforços, então, para relatar, descrever, medir, comparar e projetar as questões atinentes a meu objeto de pesquisa nesta tese: o par *designação-significação* na reflexão sobre a linguagem de Benveniste.

A trilha até aqui percorrida, com o auxílio dos ventos de Eólo, teve seu primeiro passo dado com a emergência de dois novos conceitos, dentre a fortuna crítica atual, no bojo da reflexão de Benveniste. A partir disso, erigi meu objeto de pesquisa. O trabalho foi construído em três capítulos, ao longo dos quais busquei responder a minhas questões iniciais e comprovar minha hipótese, além de formular novas questões que surgiram conforme o andamento do trabalho.

À questão norteadora que formulei no começo da jornada – que valor a discussão implicada no par *designação-significação* tem para a construção da teoria

da linguagem de Benveniste? –, busquei responder ao longo da investigação, mas, principalmente, em sua finalização. Procurei demonstrar, de modo geral, a importância da retomada desses conceitos para o estudo da reflexão linguística do mestre e, de modo específico, a vitalidade deles em discussões relativas a conceitos-chave no interior de, por exemplo, perspectivas mais próximas à visada enunciativa e à visada semiológica.

Antes, porém, de mergulhar nas reflexões sobre o papel do par *designação-significação*, foi necessário construir a ponte de onde se poderia observar e se lançar nesse mergulho investigativo. Dediquei-me, então, no primeiro capítulo, para começar a produzir a ponte, a apresentar o que se havia produzido em termos de designação e significação em Benveniste.

Esse momento do percurso foi primordial na própria concepção desta tese, pois era necessário saber onde me situar nas paragens, até então, por mim desconhecidas. Um novo universo se abriu. As produções de leitores de Benveniste sobre o par *designação-significação* me convocaram a adentrar *mares nunca dantes navegados*. Sanscritólogos, indianistas, semanticistas, pesquisadores de crítica genética etc. estavam envolvidos nessa discussão em que eu recém tateava.

Com pontos de vista nem sempre coincidentes, todos os exegetas demonstram que existe certa importância, para Benveniste, do par *designação-significação* e o fazem lançando mão de exemplos e de discussões advindas não somente de PLG – obra com a qual eu estava minimamente familiarizada –, mas também, e, em alguns casos, principalmente, reflexões oriundas de VOC. Seria necessário, assim, arriscar-me na leitura de uma obra que aborda, aproximadamente, 40 línguas, de pelo menos cinco diferentes famílias do tronco indo-europeu.

Ao final do primeiro capítulo, a existência do par *designação-significação* na teoria da linguagem de Benveniste deixou de ser um espanto e passou a ser um fato comprovado. Em decorrência disso, surgiram outras necessidades, que culminaram no segundo capítulo. Ora, se Benveniste, de fato, preocupou-se, desde muito cedo, com tal par conceitual e se ele seguiu a explorá-lo “jusqu’à la fin de sa vie”, como afirma Fenoglio (2016, p. 209), era preciso verificar *onde* esse par aparecia ao longo da obra do mestre.

No segundo capítulo, passei detidamente em exame as ocorrências de *design-* e *signific-* nos contextos discursivos pertinentemente selecionados segundo os critérios de busca estabelecidos. Por Benveniste ser dono de uma gigantesca

produção acadêmica, foi necessário estabelecer critérios de seleção de suas obras, pois dar conta da totalidade de seus textos é algo da ordem do impossível; assim *como o tudo não se diz*, o todo não se estuda. Diante disso, as obras selecionadas para minha investigação foram, em ordem diacrônica: PLG I, VOC I e II, PLG II, *Últimas Aulas*, *Langues...* e, por fim, *La traduction...*

Com base nos gestos de leitura e de interpretação – que nomeei métodos de compreensão *lato* e *stricto sensu* – das ocorrências de *designação* e *significação* e seus contextos discursivos, verifiquei que não há o que se pode chamar de unicidade no valor assumido pelos termos ao longo dos contextos interpretados. De modo geral, embora não sejam unívocos, há certa predominância de alguns usos de *designação* e *significação*. Em relação à *designação*, alinhei seus usos em relacionados a) ao mundo dos objetos/concreto, b) aos usos/empregos da língua, c) à construção da subjetividade, d) às formas da língua. Por sua vez, os usos de *significação* aparentam ser mais constantes, tendo seus agrupamentos oscilando entre sentido/referência, *designação* e sentido.

Além de diferenças nos valores assumidos por *designação* e *significação* nos contextos discursivos estudados, percebi que havia diferenças no modo de funcionamento do par, os quais variam segundo o texto em que se encontram e o ponto de vista sobre a língua a que se alinha tal texto.

A constatação de tais dessemelhanças no modo de funcionamento de *designação* e *significação* foi o eixo motor do estabelecimento do terceiro e último capítulo deste trabalho, em que busquei, a meu modo, propor respostas às seguintes questões: como opera o par *designação-significação* em relação à teoria da linguagem de Benveniste? Qual o papel desempenhado por esses conceitos? Quais as consequências/decorrências de trazer à luz tais conceitos?

No capítulo 3, além de ensejar respostas às questões anteriores, objetivei destacar leituras possíveis do par *designação-significação*, tanto retrospectivas quanto prospectivas, cujas possibilidades avantei ancorada no caminho que percorri ao longo desta tese. De certa maneira, sugerir possibilidades de abordagem da temática em interface com outros campos que não o meu seria, no mínimo, imprudente, se o que se quisesse, com o lançamento de tais propostas, fosse a determinação de que caminhos seguir. Porém, ao explicitá-las, apenas compartilhei as inquietações que me acometeram ao longo deste estudo. Não se trata, de nenhum

modo, de uma imposição, mas de uma proposição que, humildemente, compartilho com os possíveis leitores deste trabalho.

As possibilidades de leitura tratam, tanto retrospectiva quanto prospectivamente, de questões como o fato de que, a partir da leitura dos textos de Benveniste, não se pode afirmar que a designação é um elemento do qual o linguista não se ocupa em seus estudos, pois é exatamente o contrário. Tais possibilidades abordam também a importância do par *designação-significação*, enquanto *designar-se* e *significar-se*, na construção do fundamento da subjetividade na linguagem. Além disso, essas leituras possíveis arejam a necessidade de se estreitar laços, em conjunto com as proposições de Hoff (2018), entre o par *designação-significação* e os estudos de inspiração benvenistiana acerca do fenômeno tradutório, bem como a possibilidade de se pensar as relações entre a aquisição da linguagem e o referido par conceitual, na esteira do campo fundado por Silva (2009). Por fim, demarquei a necessidade de se aprofundarem estudos que interliguem o par *designação-significação* e os estudos semiológicos, como propostos por Benveniste.

Analisando retrospectivamente o percurso empreendido, avalio que atingi meus objetivos iniciais – verificar o papel ocupado pelo par *designação-significação* ao longo da reflexão semântica de Benveniste sobre a linguagem –, dei alguma resposta à minha questão norteadora principal e, a meu modo e dentro das possibilidades, comprovei minha hipótese inicial de que o par conceitual *designação-significação* atravessa toda a reflexão de Benveniste sobre o sentido e é crucial na construção de conceitos-chave de sua teoria da linguagem, como o de *interpretância*, o de *enunciação* e o de *referência*⁵⁷, dentre outros. Com o estudo empreendido nesta tese, entendo que o par *designação-significação* pode ser um dos modos de se propor uma abordagem semântica⁵⁸ de Benveniste que considere o todo de suas perspectivas. Reforço a importância do artigo indefinido “uma”, por tratar-se de minha leitura pessoal, que não busca a semântica definitiva em Benveniste, mas *uma* possível semântica à luz do par em questão.

Contudo, pondero que, por limitações de tempo e em virtude do foco deste trabalho, não logrei desenvolver e aprofundar o comportamento da designação e da significação em contextos mais específicos, relativos a estudos de vocabulário, de

⁵⁷ Ainda que não tenha me detido minuciosamente na relação entre referência e *designação-significação*, reconheço sua importância e validade para a compreensão dos estudos benvenistianos sobre a linguagem. Essa reflexão fará parte de pesquisas futuras.

enunciação e de semiologia. Acredito que há mais a ser explorado no que diz respeito aos diferentes papéis assumidos por esse par ao longo da obra do mestre. Considero, também, que as leituras possíveis a partir deste estudo, explicitadas em 3.2, merecem enfoque mais detido e atento, tendo em vista que se colocam em relação com outras áreas da linguística e, por isso, requerem investigações mais aprofundadas de temáticas sobre as quais, apesar de conhecê-las, não me sinto autorizada a discutir.

Ademais, julgo que seriam produtivos estudos futuros que considerassem os usos de *designação* e *significação* que classifiquei, no capítulo 2, como não teóricos, isto é, não pertinentes para a reflexão que propus nesta pesquisa. Mesmo que não compareçam como conceitos, vale observá-los, em seu funcionamento, pois seu comportamento pode nos revelar importantes questões a respeito do “método” de Benveniste.

Parafraseando Freud⁵⁹, apesar de esta tese versar sobre o par *designação-significação* em Benveniste, a leitura e as questões que nela estabeleci dizem mais a meu respeito e a respeito de minha trajetória de pesquisa do que de Benveniste. Trata-se de um ponto de vista pessoal resultante das dúvidas e dos anseios diante de minhas dificuldades de leituras dos textos de Benveniste. Trata-se de uma tese surgida do espanto: o espanto da descoberta de novos conceitos em textos já lidos – o que demonstra o enorme potencial de renovação que têm os escritos benvenistianos; o espanto da dimensão do par *designação-significação* na teoria da linguagem do linguista, como elemento constitutivo da língua e que manifesta a condição do homem na língua e a sua relação com esta; o (eterno) espanto da genialidade e do brilhantismo de Émile Benveniste, que, ao que tudo indica, interessou-se por todos os aspectos da linguagem, como gigante que é. Esta tese foi vivida e experienciada, espantosamente, a cada nova descoberta.

Por fim, resta dizer que certamente há muito a ser aprofundado no caminho que abri e pelo qual segui. Outros estudos podem, sem dúvida alguma, abordar aspectos dos quais não (me) dei conta. Penso que esta tese é apenas uma ínfima parte de um universo sem fim (donde o potencial de renovação de Benveniste), possível de ser explorado no que diz respeito ao par benvenistiano *designação-significação*. Conforme pontuei anteriormente, ainda há diversos aspectos a serem desenvolvidos no tocante a meu tema de pesquisa nesta tese.

⁵⁹ “Quando Pedro fala de João, sei mais de Pedro que de João”.

Espero que meus passos, às vezes trôpegos, e minha investida nessa temática sejam acolhidos pela comunidade acadêmica como uma leitura possível de integrar o universo de estudos em/a partir de/sobre Benveniste. Espero, ainda, que o espanto e o encantamento em mim despertados possam também impulsionar estudos futuros. Espero, por fim, que meus pares se disponham, em algum momento, a posicionar-se em relação ao par *designação-significação* na obra do linguista, temática recente no Brasil, seja para concordar, seja para interrogar, seja para discordar de meu ponto de vista, mas que se disponham, sobretudo, a dialogar.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 6023: Informação e documentação – Referências – Elaboração*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. *NBR 10520: Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

_____. *NBR 6027: Informação e documentação – Sumário – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

_____. *NBR 6028: Informação e documentação – Resumo – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2003.

_____. *NBR 14724: Informação e documentação – Trabalhos Acadêmicos – Apresentação*. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

BENVENISTE, Émile. *Origine de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1935.

_____. *Noms d'agent et noms d'action en indo-européen*. Paris: Maisonneuve, 1948.

_____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1995a .

_____. *O vocabulário das instituições indo-europeias – economia, parentesco, sociedade*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995b.

_____. *O vocabulário das instituições indo-europeias – poder, direito, religião*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995c.

_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

_____. *Últimas aulas no Collège de France – 1968 e 1969*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

_____. *Langues, cultures, religions*. Limoges : Lambert-Lucas, 2015.

COQUET, Jean Claude. Note sur Benveniste et la phénoménologie, *Linx*, n. 26, p. 4-48, 1992.

DOSSE, François. *História do estruturalismo: o campo do signo*. v. 2. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

DOTTAVI, Giuseppe. Designer et signifier le “savoir”: pour une nouvelle entrée du *Vocabulaires des institutions indo-européennes* d'Émile Benveniste. *Fragmentum.*, n. 41, abr./jun. 2014.

DUFOUR, Dany-Robert. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

FENOGLIO, Irène. Les notes de travail d'Émile Benveniste : où la pensée théorique naît *via* son énonciation. *Langage et société*, n.127, 2009, p. 23-49. Disponível em: <www.cairn.info/revue-langage-et-societe-2009-1-page-23.htm>. Acesso em: 25 out 2016.

_____. Introduction. In : _____. *Autour d'Émile Benveniste : sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p.11-34.

_____. L'écriture au fondement d'une « civilisation laïque ». In : _____. *Autour d'Émile Benveniste : sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p.153-236.

FIORIN, José Luiz. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à Linguística da Enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. Linguística da Enunciação: uma entrevista com Marlene Teixeira e Valdir Flores. In: *ReVEL*, v. 9, n. 16, 2011. Disponível em: <<http://www.revel.inf.br>>. Acesso em: 15 jan. 2018.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Introdução à teoria enunciativa de Benveniste*. São Paulo: Parábola, 2013.

_____. O falante como etnógrafo da própria língua: uma antropologia da enunciação. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 50, n. esp. (supl.), p. 90-95, dez. 2015.

_____. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

HAGÈGE, Claude. *L'Homme de Paroles*. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1985.

HAINZENREDER, Larissa Schmitz. *O fenômeno tradutório à luz da distinção semiótico/semântico na relação entre línguas: proposta de uma semiologia da tradução*. 2016. 121f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

HOFF, Sara Luiza. *A nota “La traduction, la langue et l'intelligence”*: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. 2018. 204f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2018.

KNACK, Carolina (2018). A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. *Desenredo*, Revista do Programa em Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 394-403, set/dez. 2018.

LAMBERTERIE, Charles de. À propos du Vocabulaire des institutions indo-européennes. *Linx*, n.9, numéro spécial, 1997.

LAPLANTINE, Chloé; PINAULT, Georges-Jean. Introduction. In: BENVENISTE, Émile. *Langues, cultures, religions*. Limoges : Lambert-Lucas, 2015, p. XI-XLIV

MALAMOUD, Charles. L'oeuvre d'Émile Benveniste : une analyse linguistique des institutions indo-européennes. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, 26^{année}, n. 3-4, 1971.

_____. L'anthropologie d'Émile Benveniste. Remarques d'un indianiste. In : FENOGLIO, Irène. *Autour d'Émile Benveniste : sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p.237-266.

MESCHONNIC, Henri. *Critique du rythme: anthropologie historique du langage*. Éditions Verdier, Lagrasse, 2009.

MOÏNFAR, Mohammad Djafar. Bibliographie des travaux d'Émile Benveniste. In: BADER, Françoise ; MOÏNFAR, Mohammad Djafar. *Mélanges linguistiques offerts à Émile Benveniste*, Paris-Louvain, Société de linguistique de Paris et Peeters, 1975, p. VII-LII.

MONTAUT, Annie. La méthode de Benveniste dans ses travaux comparatistes : son discours et son sujet. *Linx*, n. 26, 1992.

MOSÈS, Stéphane. Émile Benveniste et la linguistique du dialogue. *Revue de métaphysique et de morale*, n. 32, Paris, PUF, p. 509-525, 2001.

NORMAND, Claudine. Émile Benveniste: quelle sémantique? *Linx*, n. 8, p. 221-240, 1996.

_____ (1996). Émile Benveniste: qual semântica? In: _____. *Convite à Linguística*. São Paulo: Contexto, p. 153-172, 2009.

_____ (1997). Leituras de Émile Benveniste: algumas variantes sobre um itinerário demarcado. *Letras de hoje*. Porto Alegre, PUCRS, v. 44, p. 12-19, jan./mar. 2009.

NUNES, Paula Ávila. *O tradutor como função enunciativa: uma análise de autotradução*. 2008. 74 f. Trabalho de conclusão (Graduação em Licenciatura em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, RS, 2008.

OLIVEIRA, Giovane Fernandes (2018). *Da referência mostrada à referência constituída: a entrada da criança na língua e na cultura*. No prelo.

ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert Lucas, 2007.

QUIGNARD, Pascal. Le mot littérature « est d'origine encore inconnue ». In : FENOGLIO, Irène. *Autour d'Émile Benveniste : sur l'écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016, p.267-326.

ROSARIO, Heloísa Monteiro. *Um périplo benvenistiano: o semiólogo e a semiologia da língua*. 2018. 174f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Instituto de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SILVA, Carmem Luci da. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

WATKINS, Calvert. *L'apport d'Émile Benveniste à la grammaire comparée*. Paris: Serbat, 1984.